

Thais Fernandes Sampaio

A FAMÍLIA DE CONSTRUÇÕES DE ARGUMENTO CINDIDO NO
PORTUGUÊS DO BRASIL

Juiz de Fora
2010

Thais Fernandes Sampaio

A FAMÍLIA DE CONSTRUÇÕES DE ARGUMENTO CINDIDO NO
PORTUGUÊS DO BRASIL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Margarida Martins Salomão

Juiz de Fora
2010

Thais Fernandes Sampaio

A FAMÍLIA DE CONSTRUÇÕES DE ARGUMENTO CINDIDO
NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Margarida Martins Salomão

Data da aprovação ____ / ____ / 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria Margarida Martins Salomão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof^ª. Dr^ª. Neusa Salim Miranda (Membro Interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof^ª. Dr^ª. Sonia Bittencourt Silveira (Membro Interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof. Dr. Heronides Maurilio de Melo Moura (Membro Externo)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Dr. Magdiel Medeiros de Aragão Neto (Membro Externo)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

AGRADECIMENTOS

O trabalho intelectual é árduo e, na maior parte do tempo, solitário. Esta tese é, pois, sem dúvida, resultado de um grande comprometimento individual. Contudo, sem a contribuição direta ou indireta de outros, tal resultado dificilmente seria alcançado. Assim, ao apresentar o produto final deste trabalho, agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação. Especialmente, ao Prof. Adilson, que sempre me desafiou a escrever mais e melhor; às Prof^{as} Heloísa Salles e Marta Scherre, que me introduziram no mundo da pesquisa linguística; à Prof^a Neusa Salim, que despertou meu interesse pela Linguística Cognitiva; e à Prof^a Margarida Salomão, minha orientadora, que sempre me obrigou a ir além daquilo que eu acreditava ser o meu limite. Agradeço, ainda, o suporte precioso de Rosangela Monteiro, secretária do PPG-Linguística, a ajuda do Florian, na elaboração das matrizes, e da Rafaela, na organização dos dados. Agradeço à FAPEMIG, pelo apoio financeiro.

Aos meus pais e irmãos, que constantemente me incentivaram, e aos demais familiares e amigos, que torceram incansavelmente pelo meu sucesso, meu mais profundo e sincero *muito obrigada*.

RESUMO

Assumindo a perspectiva da Gramática das Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995; 2006; TOMASELLO, 2006), o presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar a Construção de Estrutura Argumental do Português do Brasil, que licencia enunciados do tipo: (i) *O estudante quebrou o braço*; (ii) *Meu tênis descolou o solado*; (iii) *Rubinho quebrou o carro*; (iv) *O combustível subiu o preço*. Nossa proposta de análise deste fenômeno assume que esta Construção constitui um caso de desencontro (ou *mismatch*, nos termos de FRANCIS; MICHAELIS, 2000; MICHAELIS, 2004; TRAUGOTT, 2007) no número de papéis sintáticos e semânticos. Semanticamente, as sentenças destacadas acima possuem um único argumento – a entidade afetada – e, de fato, há no Português do Brasil (PB) o que poderíamos chamar de uma Construção Ergativa Canônica, que exemplifica um encontro perfeito entre a sintaxe da construção e a semântica do verbo: (v) *O braço do estudante quebrou*; (vi) *O solado do meu tênis descolou*; (vii) *O carro do Rubinho quebrou*; (viii) *O preço do combustível subiu*. Entretanto, aquela que nomeamos **Construção de Argumento Cindido (CAC)**, apesar do seu único argumento semântico, apresenta dois argumentos sintáticos – um sujeito e um objeto direto. O sujeito da CAC corresponde ao elemento que, na Ergativa Canônica, é expresso como um adjunto nominal; e o núcleo do sujeito da Ergativa Canônica vira objeto direto na Construção de Argumento Cindido. Do ponto de vista semântico, o sujeito da CAC representa o TODO da entidade afetada e seu objeto corresponde a uma PARTE específica desta entidade. Nossa análise da semântica da construção será proposta com base na Semântica de Frames (FILLMORE, 1977; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003). Apesar das características – sintáticas, semânticas e discursivas – comuns, que nos levam a identificar a mesma Construção de Estrutura Argumental recobrando todos os enunciados em (i) - (iv), é possível reconhecer neste conjunto quatro subgrupos. No primeiro, exemplo (i), temos usos linguísticos que se identificam diretamente com o que ficou conhecido na literatura como Possessor Raising. Nesse caso, há uma relação de posse inalienável, envolvendo um possuidor humano e uma das partes do seu corpo. No segundo subgrupo, representado por (ii), a relação, ainda de posse inalienável, se estabelece entre um artefato e uma de suas partes. No terceiro grupo, exemplo (iii), verificamos uma relação entre um possuidor humano e um objeto possuído; nesse caso, uma relação de posse alienável. Finalmente, no quarto grupo, enunciado (iv), se estabelece uma relação entre um item e uma de suas propriedades. Utilizando dados reais de uso linguístico, nosso estudo descreve e analisa cada um desses subgrupos, reunindo evidências a favor da idéia de que a CAC é uma Construção de Estrutura Argumental do Português, pragmaticamente motivada. Considerando os resultados da análise, apresentamos uma proposta de formalização da CAC, nos termos da *Sign-Based Construction Grammar* (SAG, 2010; MICHAELLIS, 2009).

Palavras-chave: Argumento Cindido. Gramática das Construções. Desencontro sintático-semântico

ABSTRACT

Adopting the perspective of Usage-Based Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; 2006; TOMASELLO, 2006), this study aims to describe and analyze the Argument Structure Construction in Brazilian Portuguese, which allows sentences such as: (i) *O estudante quebrou o braço*; (ii) *Meu tênis descolou o solado*; (iii) *Rubinho quebrou o carro*; (iv) *O combustível subiu o preço*. Our analysis of this phenomenon assumes that this Construction illustrates a case of mismatch (FRANCIS; MICHAELIS, 2000; MICHAELIS, 2004; TRAUGOTT, 2007) between the number of syntactic and semantic roles. Semantically, the highlighted sentences above have only one argument – the affected entity – and, in fact, in Brazilian Portuguese (BP) there is a so-called ‘*Canonical Ergative Construction*’ which exemplifies a perfect match between the construction’s syntax and the verb’s semantics: (v) *O braço do estudante quebrou*; (vi) *O solado do meu tênis descolou*; (vii) *O carro do Rubinho quebrou*; (viii) *O preço do combustível subiu*. However, the construction we have named **Split Argument Construction (SAC)**, in spite of its single semantic argument, presents two syntactic arguments – a subject and a direct object. The subject of SAC corresponds to the element which, in the Canonical Ergative, is syntactically expressed as a nominal adjunct; and the head of Ergative Canonical subject appears as the direct object in the Split Argument Construction. Semantically, the subject of SAC represents the WHOLE of the affected entity and a specific PART of this entity is expressed, in the syntax, as a direct object. The analysis of the semantic aspects of this construction will be based on Frame Semantics (FILLMORE, 1977; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003). Despite the shared syntactic, semantic and discursive properties, which have led us to identify the same Argument Structure Construction covering all the statements in (i) - (iv), four sub-types become recognizable. The first, illustrated by (i), can be directly related to what has been referred to in the literature as *Possessor Raising*. In this case, there is an inalienable relation of possession between a human possessor and the parts of his body. In the second sub-type, represented by (ii), the relation – still one of inalienable possession – is established between a device and one of its parts. In the third group, example (iii), there is a relation between a human possessor and a possessed object; in this case, an alienable relation of possession. Finally, sentences of the fourth sub-type establish a relation between an item and one of its properties. Based on authentic usage data, this study describes and analyses each one of these sub-types, providing evidence to support the claim that SAC is an Argument Structure Construction, pragmatically motivated. Considering the results of the analysis, we present a proposal to formalize SAC, in accordance with the terms of *Sign-Based Construction Grammar* (SAG, 2010; MICHAELLIS, 2009).

Key-words: Split Argument. Construction Grammar. Mismatch

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exemplos de Construções do Português.....	18
Tabela 2: Combinação do verbo <i>cortar</i> com diferentes construções do PB.....	19
Tabela 3: Distribuição geral dos dados em relação à fonte.....	85
Tabela 4: Distribuição das ocorrências do site <i>Reclame Aqui</i> em relação aos verbos de dano em artefato.....	105
Tabela 5: Comparação do número de ocorrências no google da CAC-parte do corpo X EC-parte do corpo.....	110

LISTA DE MATRIZES

Matriz 1: Lexema <i>drink</i>	34
Matriz 2: Lexema <i>Bruno</i>	35
Matriz 3: Lexema <i>cair</i>	35
Matriz 4: Modelo de representação das construções na SBCG.....	37
Matriz 5: Construção Sujeito-Predicado.....	38
Matriz 6: Verbo de Argumento Cindido-lexema.....	140

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Descrição do Frame <i>Cause-Harm</i>	45
Ilustração 2: Descrição do Frame <i>Experience_bodily_harm</i>	46
Ilustração 3: Esquema de representação de situações mediais.....	66
Ilustração 4: Esquema de representação de situações do tipo causativa/ incoativa	67
Ilustração 5: Representação do esquema da situação ergativa	67
Ilustração 6: Representação das Pseudoergativas	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	BASES TEÓRICAS	14
2.1	A Gramática das Construções	14
2.1.1	As Construções de Estrutura Argumental	17
2.1.2	O Papel das Construções na Gramática	18
2.1.3	A Fusão dos Argumentos do Verbo com os Argumentos da Construção	21
2.1.4	Construção e Composição	26
2.1.5	O Entrecruzamento <i>Centro e Periferia</i>	28
2.1.6	A Gramática é uma rede de Construções	29
2.1.7	SBCG: A Vertente Formal da Gramática das Construções	33
2.1.7.1	As Construções na SBCG	38
2.2	A Semântica de Frames	40
2.3	O Fenômeno do Mismatch	48
2.4	Convencionalização pelo Uso	51
2.5	A Organização Discursiva dos Padrões Sintáticos	53
3	ABORDAGENS PRÉVIAS DO FENÔMENO	56
3.1	A CAC nos Estudos sobre o Tópico no PB	56
3.2	A CAC e uma Sugestão de Análise Derivacional	59
3.3	A CAC e as Construções Mediais	63
3.4	A CAC: uma Pseudoergativa?	70
4	METODOLOGIA	74
4.1	A Gramática das Construções Baseada no Uso	76
4.2	A Busca e Coleta dos dados	82
4.3	Configuração final dos dados	85
5	A FAMÍLIA DE CONSTRUÇÕES DE ARGUMENTO CINDIDO NO PB	88
5.1	O Papel dos chamados pares alternantes na descrição e análise da CAC	89
5.2	A CAC e seus Subtipos	94
5.2.1	Os Membros da Família da CAC	95
5.2.1.1	A CAC- artefato	96
5.2.1.2	A CAC-parte do corpo	106
5.2.1.3	A CAC-posse alienável	118
5.2.1.4	A CAC-entidade/atributo	125
5.3	Caracterizando a CAC como uma Construção de Estrutura Argumental	129
5.3.1	A CAC como uma Construção de Tópico no Português do Brasil	132
5.4	A Formalização da CAC	140
6	CONCLUSÃO	143
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147

1 INTRODUÇÃO

As propostas para tratamento das relações entre as propriedades semânticas do verbo e a expressão de seus argumentos e predicados, via de regra, não dão o devido valor ao papel das **construções**, das **informações lexicais** e dos **fatores discursivos**. Esta constatação é, inclusive, uma das motivações do trabalho de linguistas como Goldberg (2005, p. 19), que parte do pressuposto de que, se tais elementos fossem devidamente levados em conta, tanto as *exceções* quanto as tendências gerais dessas relações poderiam ser tratadas naturalmente, sem a necessidade de estipular condições gramaticais adicionais.

Essa proposta de uma abordagem mais abrangente dos fenômenos lingüísticos possibilita, por exemplo, a verificação e o tratamento de uma questão extremamente interessante – embora normalmente subfocalizada –, que é a questão do **desencontro** (*mismatch*, no inglês) **entre estruturas sintáticas e semânticas**. De fato, os casos de desencontro são relativamente comuns nos diferentes níveis de análise linguística e acreditamos que a investigação a respeito do tema pode contribuir para um melhor entendimento dos princípios que orientam a relação entre construções e informações lexicais.

Tendo em vista o exposto, e assumindo a perspectiva da Gramática das Construções Baseada no Uso, o presente trabalho tem por objetivo oferecer uma análise da construção que licencia sentenças do tipo:

(1) ***Minha moto fundiu o motor com 10000 mil quilometros rodados.***

(Reclame Aqui)

(2) ***gente eu tenho um pavillion dv6220BR...e ele queimou a placa de video***

(Reclame Aqui)

- (3) *Em 1988, Zetti quebrou a perna em uma partida contra o Flamengo .*
(Folha de São Paulo)
- (4) *O zagueiro Márcio Teodoro torceu o joelho no sábado e é dúvida .*
(Folha de São Paulo)
- (5) *Rubinho quebrou o carro. Que novidade!*
<<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071021105905AAbOpCX&cp=6>>
- (6) *o visor diminui a luminosidade do nada e de forma constante...*
<www.reclameaqui.com.br/.../n-73-nao-vou-ser-enganado-mais-uma-vez/>

A pesquisa desenvolvida, que procurou aliar o recurso à introspecção à análise criteriosa de dados de uso, possibilitou a identificação de uma Construção de Estrutura Argumental do Português do Brasil, a qual denominamos **Construção de Argumento Cindido (CAC)**. A observação de inúmeras ocorrências da CAC, por sua vez, fundamentou a postulação de uma Família de Construções de Argumento Cindido, cujos membros foram assim rotulados: **CAC-artefato (1-2)**; **CAC-parte do corpo (3-4)**; **CAC-posse alienável (5)**; **CAC-entidade atributo (6)**. Esses subtipos da CAC partilham importantes propriedades, mas apresentam especificidades relevantes e diferem, por exemplo, no seu grau de produtividade.

Nossa proposta de descrição e análise dessa Família de Construções assume como pressuposto básico a ideia de que a interpretação geral de uma sentença decorre da integração da Construção de Estrutura Argumental (CEA) com o verbo principal e seus vários argumentos, tendo em vista determinadas condições de uso. Desse modo, nos dedicamos ao estudo de diferentes aspectos da construção em foco, buscando integrar suas características semânticas, sintáticas e discursivas, e lançando mão de julgamentos intuitivos, confrontados, a todo momento, com dados de uso.

O confronto de nossas hipóteses com os dados da língua justifica-se pelo reconhecimento de que um estudo desse tipo deve partir de uma descrição rigorosa do fenômeno, o que, acreditamos, só se consegue com dados. Certamente, a intuição do linguista está no cerne dos projetos de investigação de fenômenos da linguagem – de nada valem milhares de dados, sem a sensibilidade do linguista para garimpá-los, construindo generalizações que, de fato, tenham valor científico. Não obstante tal constatação, é preciso reconhecer que a observação do uso evidencia certos aspectos do fenômeno que, via de regra, são inacessíveis à introspecção. Considerando que a identificação e a descrição dessas construções são, na verdade, nossos principais objetivos (tendo em vista que essa é uma tarefa que, até onde pudemos averiguar, estava por fazer – e precisava ser feita), dedicamos uma parte da pesquisa à constituição de um banco de dados.

Para reunir ocorrências da construção que analisamos, já contando com a dificuldade de identificar toda a família da CAC em um dos corpora disponíveis, optamos por trabalhar com três fontes: (i) o *Corpus* do Português (Davies/Ferreira); (ii) o *corpus* da Folha de São Paulo, através do VISL; (iii) os textos de um site da internet – o *Reclame Aqui* (www.reclameaqui.com.br). Além disso, em alguns casos específicos, devidamente sinalizados ao longo do texto, recorreremos a buscas diretas no *google*. As especificidades das fontes utilizadas, bem como as justificativas para adoção das mesmas, serão explicitadas no quarto capítulo, no qual apresentaremos a metodologia empregada na pesquisa.

No próximo capítulo, expomos os pressupostos teóricos que orientam este estudo e fundamentam a análise proposta. O pilar dessa fundamentação teórica é a Gramática das Construções, principalmente, nos termos de Goldberg (1995, 2002, 2006). Considerando as especificidades de nosso objeto de estudo e a necessidade de delinear um panorama razoavelmente abrangente dessa vertente de estudos linguísticos, discutimos, na primeira parte

desse segundo capítulo, algumas questões centrais para o empreendimento construcionista e apresentamos a vertente formal da Gramática das Construções: a *Sign-Based Construction Grammar* (SAG, 2010; MICHAELIS, 2009). Além disso, esse capítulo introduz os princípios básicos da Semântica de Frames (FILLMORE, 1968; 1982; 1985; PETRUCK, 1996); discute o fenômeno do *Mismatch* (MICHAELIS, 2003, 2004; FRANCIS & MICHAELIS, 2000; TRAUGOTT, 2007); aborda o tema da convencionalização pelo uso (KEMMER, 2005); e examina a questão da organização discursiva dos padrões sintáticos (LAMBRECHT, 1994).

Como não localizamos estudos específicos sobre a construção que é objeto desta tese, revisamos, no terceiro capítulo, trabalhos que discutem questões relevantes para o tratamento do tema, ou citam instâncias da CAC ao discutir fenômenos mais gerais, como a noção de tópico ou a alternância causativo-ergativa. O quarto capítulo, como já sinalizado, expõe a metodologia empregada na pesquisa, faz uma breve descrição das fontes utilizadas e apresenta a caracterização geral – bem como a distribuição em relação às fontes – dos dados coletados.

O quinto capítulo, dividido em três partes, apresenta nossa proposta de descrição e análise da CAC. A primeira parte é dedicada à identificação e caracterização de cada um dos três subtipos da CAC incluídos no estudo. Em seguida, argumentamos a favor da idéia de que a CAC é uma Construção de Estrutura Argumental do Português, pragmaticamente motivada. Na terceira e última parte, propomos uma formalização para a CAC, nos termos da SBCG.

Finalmente, no último capítulo, reunimos as principais conclusões da pesquisa, enfatizando sua contribuição para a hercúlea tarefa de descrição de todas as construções do Português do Brasil.

2 BASES TEÓRICAS

O estudo ora desenvolvido assume, como hipótese sobre a Gramática, uma versão da Gramática das Construções. Logo, este capítulo dedicado à explicitação de nossas bases teóricas apresenta e discute, principalmente, a versão da *Gramática das Construções* como proposta nos termos de Goldberg (1995, 2002, 2006). Com tal objetivo em vista, a primeira parte deste capítulo oferece um panorama geral deste empreendimento teórico, discutindo seus princípios fundamentais e esclarecendo conceitos basilares, como a própria noção de Construção. Também está incluída nessa primeira parte uma pequena introdução à *Sign-Based Construction Grammar*, vertente formal da Gramática das Construções.

Na segunda parte do capítulo, abrimos um espaço para a *Semântica de Frames*, uma linha de estudo da linguagem que, dialogando com a Gramática das Construções, enriquece nosso arsenal teórico e auxilia na fundamentação de nossa proposta de análise. Além disso, o capítulo aborda o *fenômeno do mismatch*, a *convencionalização pelo uso* e a *organização discursiva dos padrões sintáticos*, questões teóricas consideradas extremamente relevantes para o tipo de análise que pretendemos desenvolver.

2.1 A Gramática das Construções

A Gramática das Construções é um empreendimento teórico que começou a tomar contornos mais específicos por volta de 1980, com a publicação de trabalhos sobre padrões gramaticais idiomáticos que, apesar de muito produtivos, não eram considerados tratáveis pelos mecanismos descritivos das Gramáticas Sintagmáticas (MICHAELIS, 2009). Os exemplos mais

proeminentes são o estudo de caso de Lakoff (1987) sobre o *there* e o de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) sobre o *let alone*. Em seu estudo, Lakoff propõe uma alternativa para as teorias tradicionais de gramática, com a justificativa de que nenhuma delas tinha sido capaz de tratar adequadamente muitas construções básicas da língua, como era o caso das construções com *there* em inglês. Seu principal objetivo era mostrar que uma gramática cognitivamente motivada, preservando o rigor oferecido pela Gramática Gerativa, poderia obter sucesso no tratamento de fenômenos que o aparato gerativo simplesmente não conseguia tratar. Da mesma forma, Fillmore et al (1988) chamavam a atenção para o fato de que o nicho da idiomatidade, em qualquer língua, abriga padrões gramaticais produtivos, com estruturas complexas e merecedoras de uma investigação rigorosa. Segundo eles, um modelo de gramática adequado deveria incluir mecanismos através dos quais uma língua pudesse associar princípios de interpretação semântica e pragmática a configurações sintáticas maiores e mais complexas do que aquelas definidas através de regras sintagmáticas.

Mais tarde, dando continuidade a essa tendência e com uma abordagem já batizada, a Gramática das Construções se volta também para a investigação acerca dos padrões de extensão semântica no significado das construções e para as mudanças que ocorrem quando construções se combinam com as palavras (vide GOLDBERG, 1995, 2002, 2006; MICHAELIS & LAMBRECHT, 1996; MICHAELIS & RUPPENHOFER, 2001). Como observa Michaelis (2009), quase paralelamente a essa vertente preocupada com a estrutura da gramática, surgiu uma outra voltada para a investigação do licenciamento de cadeias de palavras por regras de composição sintáticas e semânticas (FILLMORE & KAY, 1995; KAY & FILLMORE, 1999).

Quase trinta anos depois, a Gramática das Construções é hoje um empreendimento teórico que não apresenta unidade política, mas que surpreende pelo número de adesões (SALOMÃO, 2009) e pela mobilização que tem provocado no sentido de tratar todas as construções de uma

língua, e não só aquelas consideradas *core grammar*. Aliás, esse é um dos pontos consensuais que podem ser claramente identificados nas suas diferentes versões (GC Radical, GC Corporificada, GC Baseada no Uso, etc.), apesar das consideráveis divergências. E, além desse compromisso em tratar *centro* e *periferia* com o mesmo rigor científico e com o mesmo instrumental teórico e formal, podemos destacar como ponto de convergência entre as variadas versões da Gramática das Construções os seguintes princípios:

- (i) construções – entendidas como pareamentos forma-sentido – são as unidades básicas do conhecimento linguístico;
- (ii) no nível da sintaxe, o significado de um verbo e seu potencial combinatório podem mudar para se adequar ao da Construção com a qual ele se combina;
- (iii) a composição sintaticamente transparente é a composição *default*, mas na maioria dos casos o todo é maior que a soma das partes;
- (iv) existe um continuum de fenômenos gramaticais que vai dos totalmente idiossincráticos aos totalmente gerais;
- (v) a gramática é uma rede de Construções, conceptualmente motivada.

Esses cinco postulados básicos e suas respectivas implicações no modelo de investigação lingüística proposto pela Gramática das Construções serão abordados nas próximas subseções. Antes disso, entretanto, consideremos brevemente uma noção bastante recorrente nos estudos de viés construcionista – a de *Construção de Estrutura Argumental*. Tal noção, imprescindível para nossa análise, será útil também na apresentação dos demais componentes teóricos que fundamentam este trabalho.

2.1.1 As Construções de Estrutura Argumental

O tratamento das sentenças básicas de uma língua em termos de Construções de Estrutura Argumental (CEA) é uma inovação teórica que remete ao trabalho de Goldberg (1995). Tais construções são definidas por Goldberg como “*a special subclass of constructions that provide the basic means of clausal expression in a language*” (1995, p.3). Assim, Goldberg trabalha com a hipótese de que as Construções de Estrutura Argumental estão diretamente associadas às estruturas semânticas que refletem as cenas básicas da experiência humana (alguém se movendo; alguém causando o movimento de algo; alguém transferindo algo para outra pessoa, etc.). Nessa perspectiva, são exemplos de Construções de Estrutura Argumental do Português:

1. Construção de Movimento Causado

X causa Y mover-se (em direção a) Z – ex. *Ronaldo chutou a bola para a arquibancada.*

2. Construção Resultativa

X causa Y tornar-se Z – ex. *Felipe deixou a mãe preocupada.*

3. Construção de Transferência de Posse

X causa Y ter Z – ex. *Carlos deu o ingresso para o filho.*

Atualmente, inúmeros trabalhos na linha construcionista assumem a noção de Construção de Estrutura Argumental como proposta por Goldberg (1995) e a utilizam como ponto de partida para a análise dos padrões sintáticos básicos de uma dada língua e para a discussão de relevantes aspectos teóricos e metodológicos do estudo da linguagem. É o caso, por exemplo, das discussões acerca da distinção argumento/adjunto (KAY, 2005; GOLDBERG, 2005); da análise de dados de *corpus* no âmbito da Gramática das Construções (GRIES, to

appear; STEFANOWITSCH e GRIES, 2003); do tratamento de fenômenos de coerção e mudança de tipo (MICHAELIS, 2003; 2005; TRAUGOTT, 2007); da noção de produtividade das construções (BARDDAL, 2006), entre outros. Todos esses trabalhos empregam essa inovação teórica, de modo que as Construções de Estrutura Argumental vêm assumindo um papel central nos estudos sobre a linguagem desenvolvidos pelas diferentes versões da Gramática das Construções.

2.1.2 O Papel das Construções na Gramática

Como reconhece Goldberg (1995), ao longo da história dos estudos lingüísticos, a existência de construções na gramática aparece como um fato auto-evidente, não merecedor de qualquer atenção especial. Na perspectiva da Gramática Gerativa, por exemplo, as construções sintáticas são vistas como um epifenômeno, um produto da interação de princípios gerais, estes sim capazes de capturar generalizações entre padrões gramaticais.

Assim, a abordagem construcionista não introduz a noção de construção na Linguística, mas promove uma revisão desse objeto teórico, oferecendo-lhe um novo *status* na gramática. De elemento accidental a elemento essencial, os construcionistas reconhecem na Construção a unidade básica do conhecimento lingüístico e, conseqüentemente, a unidade básica da gramática. Isso porque, nessa abordagem, as construções são definidas como **pares armazenados de forma e sentido**, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos com especificação parcial e padrões sintáticos gerais. Nessa perspectiva, qualquer padrão lingüístico é reconhecido como construção, desde que algum aspecto de sua forma ou de seu sentido não seja totalmente previsível a partir das partes que o compõem ou de outras construções já postuladas

(GOLDBERG, 1995, 2003). Assim, podemos dizer que os padrões lingüísticos reunidos na tabela (1) são construções do Português:

<i>Tipo de Construção</i>	<i>Forma e/ou Exemplo</i>
Morfemas	des- <i>desligar; desfazer/</i> -eiro <i>pedreiro; porteiro</i>
Palavras	<i>e, céu, cesta</i>
Palavras complexas	<i>arranha-céu; cesta básica</i>
Idiomas (totalmente preenchidos)	<i>Chutar o pau da barraca; Fazer tempestade em copo d'água</i>
Idiomas (parcialmente preenchidos)	Forma: <i>Mais X que Y.</i> Ex.: <i>Mais feliz que pinto no lixo; Mais inútil que buzina em avião.</i>
Construção Causativa Agentiva	Forma: Suj. V Obj. Ex.: <i>Pedro quebrou o copo.</i>
Construção Passiva	Forma: Suj. Aux. V (SP _{por}). Ex.: <i>O copo foi quebrado por Pedro.</i>

Tabela 3: Exemplos de Construções do Português

De fato, ao atribuir significado a padrões sintáticos, a Gramática das Construções se distancia de outras teorias de gramática, tendo em vista que na visão padrão de sintaxe, os sintagmas têm significado, mas as regras que os criam não têm. Na abordagem construcionista que subscrevemos, entretanto, os padrões sintáticos não só possuem significado como têm a capacidade de mudar o significado das palavras que agrupam. E mesmo os padrões sintáticos básicos são descritos em termos de construções.

Afastando-nos das abordagens baseadas no léxico que defendem que a forma e a interpretação geral de sentenças básicas são determinadas pelas informações semânticas e/ou sintáticas do verbo principal, assumimos que a interpretação geral de uma sentença é resultante

da combinação do seu verbo principal com uma Construção de Estrutura Argumental. Aquelas informações creditadas exclusivamente ao verbo na visão lexicalista são, na verdade, uma contribuição da construção com a qual ele se combina. Vejamos, por exemplo, o caso do verbo *cortar*, que pode ocorrer em diferentes Construções de Estrutura Argumental do PB.

(i) Construção Causativa Agentiva	ex.: <i>Ele cortou o pão.</i>
(ii) Construção Medial	ex.: <i>Essa tesoura não corta.</i>
(iii) Construção de Argumento Cindido	ex.: <i>Pedro cortou o dedo</i>
(iv) Construção com Agente-Beneficiário	ex.: <i>Pedro cortou o cabelo.</i>
(iv) Construção Reflexiva	ex.: <i>Pedro cortou-se ao fazer a barba.</i>

Tabela 4: Combinação do verbo *cortar* com diferentes construções do PB

Em todos os casos, o verbo *cortar* tem o mesmo significado básico. São as diferentes construções de estrutura argumental que fornecem os *links* entre a estrutura formal e os aspectos gerais de interpretação, em cada um dos casos: de ação intencional sobre um paciente (i); de constatação do defeito de um instrumento (ii); de dano sofrido em uma parte específica do corpo (iii); de ser a parte beneficiada em uma prestação de serviço (iv); de agir sobre si mesmo (v).

Com isso, ao invés de postular diferentes entradas lexicais para o verbo, a abordagem construcionista atribui as alterações de valência à sua combinação com diferentes construções. E isso nos leva ao próximo ponto: como se dá a combinação dos papéis semânticos dos verbos com os papéis argumentais da construção.

2.1.3 A Fusão dos Argumentos do Verbo com os Argumentos da Construção

No modelo construcionista da estrutura argumental, a interpretação geral de uma sentença é atribuída à integração da Construção de Estrutura Argumental (CEA) com o verbo principal e seus vários argumentos, à luz do contexto pragmático no qual a sentença é proferida (GOLDBERG, 2006). Goldberg (1995, 2006) se refere às lacunas nas CEA como “papéis argumentais” (*argument roles*). Segundo ela, os papéis argumentais associados às CEA correspondem, em linhas gerais, aos papéis temáticos tradicionais como *agente*, *paciente*, *instrumento*, *origem*, *tema*, etc. Entretanto, como nessa perspectiva tais papéis são definidos a partir das exigências semânticas de construções particulares, eles tendem a ser mais específicos e numerosos que os papéis temáticos tradicionais.

Os papéis argumentais de uma construção são estabelecidos através de generalizações feitas a partir dos papéis semânticos de verbos particulares que ocorrem naquela construção. Como veremos na seção que aborda a Semântica de Frames (2.2), cada sentido de um verbo é convencionalmente associado a um frame, que especifica o número e o tipo de lacunas associadas àquele determinado sentido do verbo em questão – na literatura da FrameNet (projeto lexicográfico computacional, coordenado por Charles Fillmore e Colin Baker, ver seção 2.2), essas lacunas serão ocupadas pelos chamados Elementos de Frame (EFs). Desse conjunto de EFs, alguns são lexicalmente *perfilados*, no sentido de que são obrigatoriamente expressos ou, quando não expressos, devem receber uma interpretação definida.

Consideremos, para fins de ilustração, as seguintes realizações da Construção Causativa Agentiva no Português.

(7) *Victor quebrou o copo.*

(8) *Leticia arrebentou a corda.*

(9) *Tiago descascou a parede.*

(10) *Neide cozinhou as batatas.*

Na Semântica de Frames os papéis dos verbos são altamente específicos (papéis microtemáticos) e, muitas vezes, exclusivos a um determinado sentido do verbo. Assim, no que diz respeito aos papéis dos verbos das sentenças acima, poderíamos ter algo como:

- *quebrar* (quebrador, quebrado)
- *arrebentar* (arrebentador, arrebeitado)
- *descascar* (descascador, descascado)
- *cozinhar* (cozinheiro, cozido)

Tendo em vista o exposto, os papéis argumentais da Construção Causativa Agentiva seriam definidos por meio de uma generalização a partir dos papéis semânticos dos verbos que, prototipicamente, ocorrem como verbos principais de construções transitivas. Assim, os papéis argumentais da CEA Causativa Agentiva do Português seriam **agente** e **paciente**, tendo em vista que os verbos prototípicos dessa construção selecionam dois argumentos: (i) um do tipo *quebrador*, *arrebentador*, *descascador*, *cozinheiro*, que pode ser genericamente rotulado de **agente**; (ii) outro do tipo *quebrado*, *arrebentado*, *descascado*, *cozido*, que pode ser generalizado como **paciente**. Desse modo, a interpretação de qualquer instanciação dessa construção no Português seria alcançada, entre outras coisas, por meio da combinação dos papéis semânticos

específicos do verbo da sentença em questão com os papéis argumentais dessa CEA, nesse caso, agente e paciente.

Goldberg (1995, 2006) entende que essa combinação entre os papéis semânticos dos verbos e os papéis argumentais da construção é orientada por dois princípios gerais: o **Princípio da Coerência Semântica** e o **Princípio da Correspondência**.

O primeiro desses princípios estabelece que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Por exemplo, o participante *vendedor* do frame de *vender* poderia ser fundido com o papel argumental de agente da Construção Causativa Agentiva, tendo em vista que *vendedor* pode ser construído como um tipo de *agente*. O mesmo não se daria, por exemplo, com o participante *mercadoria*, que, por suas características semânticas, não pode ser construído como um tipo de agente.

Já o Princípio da Correspondência prevê que um argumento lexicalmente *perfilado* do verbo será fundido com um argumento construcionalmente *perfilado*. Ou seja, de acordo com esse princípio, a semântica lexical e a pragmática discursiva estão, em geral, alinhadas. Desse modo, os participantes que são altamente relevantes para o sentido do verbo (*the profiled participant roles*) são provavelmente os mesmos que são relevantes ou importantes para o discurso, tendo em vista que aquele verbo particular foi escolhido dentre outras alternativas lexicais. Mais especificamente, este princípio exige que papéis semanticamente salientes sejam codificados por relações gramaticais que garantam um grau suficiente de proeminência discursiva, ou seja, pelos papéis argumentais *perfilados* da construção.

Ao assumir que o verbo tem seus próprios papéis *perfilados* que devem ser associados aos papéis *perfilados* da construção, Goldberg (2006, p. 42) prevê quatro possíveis situações na combinação entre eles.

A situação prototípica é aquela em que os participantes *perfilados* do verbo alinham-se perfeitamente com os papéis argumentais de uma CEA. É o que verificamos, por exemplo, na associação do verbo *dar* com a Construção de Transferência de Propriedade (SALOMÃO, 2008). Nesse caso, em uma sentença como *Maria deu o livro pro filho*, os papéis do verbo (possuidor, recurso, recipiente) alinham-se totalmente com os papéis argumentais da construção (agente, tema, alvo), realizando-se, respectivamente, como sujeito, objeto e complemento obliquo.

Uma outra possibilidade bastante comum é aquela em que um papel semântico que não é do tipo obrigatoriamente expresso (que, na literatura da Framenet, corresponderá a um elemento de frame periférico) e que também não corresponde a um papel argumental da construção aparece na sentença como um adjunto. É o caso da expressão *com as unhas* no enunciado *Tiago descascou a parede com as unhas*. Como vimos, o verbo *descascar* tem apenas dois EFs centrais (descascador, descascado) e a construção transitiva, dois papéis argumentais (agente, paciente). Por isso, o instrumento – ou qualquer outro EF periférico – quando expresso, será realizado como um adjunto.

Uma terceira situação envolve a realização de papéis *perfilados* do verbo em estruturas normalmente classificadas como adjuntos. Por exemplo, o verbo *carregar* – no sentido de pôr algo no interior de um contêiner com o objetivo de que seja transportado – tem três EFs centrais: o carregador, o recipiente e a carga. Contudo, em uma sentença do tipo *Eles carregaram o caminhão com soja*, o EF carga é expresso em um sintagma que tradicionalmente seria classificado como um adjunto (*com soja*). Na verdade, essa possibilidade está prevista no Princípio da Correspondência, que estabelece que “if a verb has three profiled participant roles, then one of them may be fused with a nonprofiled argument role of a construction” (GOLDBERG, 1995, p. 50).

Finalmente, a quarta situação está relacionada a um dos pressupostos construcionistas, qual seja, o de que **as construções licenciam argumentos e complementos**. Segundo esse pressuposto – que pode ser visto como a solução construcionista para a variabilidade da valência verbal –, a lista de papéis semânticos do verbo pode ser aumentada para igualar-se à lista licenciada pela construção. Por exemplo, o verbo *correr* no PB é um verbo inergativo, que, prototipicamente, seleciona um argumento: *o agente* (11). Mas quando combinado com uma Construção Causativa Agentiva, como em (12), sua valência é aumentada e seu significado passa a ter uma interpretação causativa.

(11) *O homem mais rápido do Mundo correu na Jamaica.*

<www.noticias.esquillo.com/2009/03/14/>

(12) *A **velha** quebrou um galho de cuieira e correu os cachorros, ralhando.*

<www.archive.org/stream/.../3476240_djvu.txt>

Assim, em (12), o sujeito não é simplesmente *aquele que corre*, mas *aquele que faz correr*. E essa mudança não é uma particularidade do verbo *correr*. A mesma coisa acontece, por exemplo, com o verbo *casar*, em um enunciado do tipo *Ele casou a filha na igreja*. Nesse caso, o sujeito é reinterpretado como *aquele(a) que faz casar*, por força da construção causativa à qual o verbo foi associado.

De fato, o modelo construcionista de variabilidade verbal é mais econômico do que o baseado no léxico: usando um pequeno número de construções de estrutura argumental, ele limita o número de entradas lexicais necessárias para cada verbo (MICHAELIS, 2009). Contrastivamente, numa visão tradicional, o significado é visto como algo exclusivamente da esfera das palavras, e as regras sintáticas não fazem mais que determinar qual seqüência de

símbolos funciona como unidade para determinado propósito sintático. Assim, enquanto regras sintáticas reuniriam palavras e seus elementos dependentes em sintagmas, e os sintagmas denotariam conceitos complexos como predicados e proposições, as regras não poderiam acrescentar qualquer conteúdo conceptual àquele que veio das palavras; e também não poderiam alterar propriedades combinatórias das mesmas (KAY; MICHAELIS, 2008). Na perspectiva da Gramática das Construções, elas não só podem como fazem: acrescentam conteúdo conceptual e alteram propriedades combinatórias das unidades lexicais.

2.1.4 Construção e Composição

Ao contrário do que se pode pensar, as abordagens construcionistas não se opõem à semântica composicional. Abraçar um modelo construcionista de composição semântica, entretanto, significa tratar a composição sintaticamente transparente como uma possibilidade dentre outras. Reconhecendo essa possibilidade, Jackendoff (1997, p. 48) descreve o que ele chama de *doutrina da composição sintaticamente transparente* nos seguintes termos: “[a]ll elements of content in the meaning of a sentence are found in the lexical conceptual structures [...] of the lexical items composing the sentence”.

Contudo, como um pressuposto da Gramática das Construções é a ideia de que regras de combinação sintática estão diretamente associadas a condições de interpretação e de uso, uma das principais preocupações daqueles que trabalham nessa linha é oferecer meios que possibilitem a representação de estruturas cujo sentido é maior do que o da soma de suas partes (MICHAELIS, 2009). Com isso, esta concepção de Gramática é instrumentalizada para capturar não só os casos

de composicionalidade direta, mas também os casos em que a construção acrescenta algo, ou altera o que seria previsível, via composicionalidade direta.

É o caso, por exemplo, de construções que são sintaticamente regulares, mas semanticamente opacas. No PB, a construção ilustrada em (13-15) apresenta um padrão sintático regular de pergunta – o falante questiona se alguém realizou uma determinada tarefa. Nesse caso, fora de contexto, a interpretação pode ser considerada transparente.

(13) *Alguém te deu o recado?*

(14) *Alguém te ofereceu um copo d'água?*

(15) *Alguém já te atendeu?*

Contudo, o mesmo padrão sintático pode suscitar uma interpretação idiomática. Qualquer falante do PB reconhece que os enunciados em (16-18) são, no mínimo, ambíguos.

(16) *Alguém te chamou na conversa?*

(17) *Alguém pediu sua opinião?*

(18) *Alguém pediu sua ajuda?*

Nas três instanciações acima, a interpretação regular compete com a interpretação idiomática. Nesse caso, os questionamentos – considerados grosseiros ou jocosos, dependendo da situação comunicativa – equivaleriam a afirmações do tipo: *Ninguém te chamou na conversa; Ninguém pediu sua opinião; Ninguém pediu a sua ajuda*, respectivamente.

Na visão construcionista, essas duas possibilidades de sentido são descritas como dois conjuntos diferentes de construções. Não obstante, ainda há uma composição baseada em regras: o indivíduo que conhece todas as palavras usadas nos enunciados acima e todas as regras que combinam essas palavras e sintagmas em unidades maiores também reconhecerá a forma e o significado de todas essas sentenças. A abordagem construcionista põe em evidência o fato de que, de modo geral, as regras de composição anexam informações semântico-pragmáticas diretamente a objetos sintáticos complexos (MICHAELIS, 2009).

Por outro lado, numa perspectiva estrita de composição sintática, a ambiguidade dessas sentenças exigiria duas representações sintáticas diferentes, o que não é muito coerente; já que a duplicidade de sentido não é resultado de uma ambigüidade estrutural como em “*Ela viu o vizinho com o telescópio*”. E também não dá para dizer que tudo é uma questão de contextualização. Uma teoria gramatical precisa ter condições de explicar porque (13-15) e (16-18), apresentando o mesmo padrão sintático, podem receber interpretações tão diferentes.

2.1.5 O Entrecruzamento *Centro e Periferia*

Quando a Gramática das Construções ainda dava seus primeiros passos, Fillmore et al (1988) já estabeleciam de modo bastante claro uma de suas principais convicções: o nicho da idiomaticidade inclui descrições de fenômenos importantes e sistemáticos que interagem, de maneira significativa, com o resto da gramática. Acreditando nisso, eles defendiam a idéia de que a compreensão desses fenômenos poderia proporcionar avanços relevantes aos estudos lingüísticos de modo geral. Desde então, estudos baseados em construção vêm se dedicando –

com grande sucesso – a corroborar essa proposição e fica cada vez mais clara a impossibilidade de separar definitivamente o que é regular do que é idiomático na linguagem.

O aparato teórico da Gramática das Construções permite capturar, através das redes de herança, relações entre padrões sintáticos gerais encontrados em diversas línguas e padrões que são, inegavelmente, específicos de uma língua. Este, inclusive, parece ser o caso do nosso objeto de estudo. Enquanto a Construção de *Possessor Raising* não é, de modo algum, exclusiva do Português, tendo sido identificada em várias línguas (Francês, Espanhol, Búlgaro, Grego, Pomo do Norte, etc.), a variação dessa construção com Artefato e Parte de Artefato, que identificamos no PB, não foi identificada nem no Português Europeu.

Diante de fatos como esse, as abordagens construcionistas postulam um continuum regularidade-idiomaticidade e se comprometem a tratar todos os fenômenos com o mesmo rigor, abrindo espaço, inclusive, para o entrecruzamento de situações que parecem situar-se em extremos opostos. Assim, a interseção entre centro e periferia dos usos lingüísticos, fortalece a hipótese de um continuum com possibilidades de entrecruzamento e desacredita qualquer tentativa de separação rigorosa. De fato, a idéia de que a gramática é composta por um conjunto de regras produtivas, um léxico e uma coleção de idiomas parece cada dia mais improvável. Ao contrário, estudos na perspectiva construcionista vêm mostrando que esses “módulos” são bastante permeáveis entre si (MICHAELIS, 2009).

2.1.6 A Gramática é uma rede de Construções

Já dissemos que, na visão construcionista, as construções são as unidades básicas da Gramática. E, nesse sentido, a teoria precisa assumir um modelo de organização para essas

unidades, tendo em vista que não seria razoável postular a Gramática como um conjunto desestruturado de construções.

Sendo descrições de objetos gramaticais, é natural assumir que as construções estão sujeitas à organização taxonômica, o que tem sido um argumento favorável às abordagens construcionistas desde suas primeiras versões. Na proposta da Gramática das Construções, as taxonomias são chamadas de hierarquias de herança e instrumentalizam a descrição de propriedades semânticas, pragmáticas e gramaticais partilhadas pelos padrões sintáticos que relaciona. Não há consenso em relação à organização dessa hierarquia de heranças, e o próprio conceito de herança é um dos pontos centrais das divergências entre as variadas abordagens construcionistas (para discussão a respeito, ver SALOMÃO, 2009).

Em nossa análise, assumimos que a gramática é estruturada como uma **rede organizada radialmente** (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995). Essa proposta, que aproveita os avanços da Linguística Cognitiva em relação aos processos de categorização linguística, postula que as redes construcionais de uma língua organizam-se radialmente, de modo que as Construções motivadas são especificadas a partir de uma instância mais básica da qual herdarão elementos semântico-formais.

A noção de **motivação** da Gramática das Construções ocupa um espaço entre as noções de previsibilidade e de arbitrariedade. Lakoff (1987), por exemplo, sugere que o fato de não sermos capazes de prever um determinado padrão linguístico, não significa que ele seja totalmente arbitrário. Existe uma terceira opção: ele pode ser motivado. Segundo Lakoff (1987, p. 346), a motivação é um fenômeno central na cognição pela seguinte razão: é mais fácil aprender algo que é motivado do que algo que é arbitrário. Na realidade, essa ideia de que existem relações entre construções (muitas vezes inacessíveis à consciência) vai ao encontro do que se sabe

atualmente sobre o funcionamento da memória em geral e do léxico em particular: ambos envolvem uma rede de informações ricamente interconectada. No caso específico da linguagem, Lakoff (1987, p. 582) entende que o conceito de motivação é necessário para dar conta do grande número de regularidades que se verifica na Gramática de uma língua. Segundo ele, uma dada construção será motivada na medida em que sua estrutura for herdada de outras construções da língua. Assim, uma construção A *motiva* uma construção B, se B *herda* propriedades de A.

Nessa perspectiva, as relações de motivação são capturadas pelos elos de herança estabelecidos entre duas construções semântica e sintaticamente relacionadas. No modelo de herança que assumimos, esses elos capturam o fato de que, entre duas construções relacionadas, toda informação não-conflitante será partilhada. Ou seja, em uma relação de herança, uma construção B herdará todas as propriedades de A que não contraditarem suas propriedades específicas.

Goldberg, que, assim como Lakoff, defende a organização radial para as redes de Construções, caracteriza quatro tipos de possíveis heranças (GOLDBERG, 1995). A **herança por polissemia** ocorre quando uma Construção estende o significado da Construção-mãe. É o tipo de relação que Goldberg reconhece entre o sentido central da Construção Ditransitiva do Inglês (*X causes Y to receive Z*; como em, *Joe gave Sally the ball*) e as extensões desse sentido (por exemplo, *X causes Y not to receive Z*, como em *Joe refused Bob a cookie*). Já a **herança por subparte** se verifica quando uma Construção, de existência independente, se configura como parte da Construção-mãe. Nesse sentido, a Construção Intransitiva de Movimento (*A bola rolou pro gol*) está relacionada à Construção de Movimento Causado (instanciada, por exemplo, em *Júlio rolou a bola pro gol*) por meio desse tipo de herança. O terceiro tipo de herança é **herança por instanciação**, verificada quando uma Construção se configura como um caso da Construção-

mãe. Assim, é o elo de instanciação que marca a relação entre a Construção de Quantidade Definida e a Construção de Determinação de Quantidade; a primeira é uma instanciação da segunda. Finalmente, na **herança por metáfora**, entende-se que a construção é motivada como uma projeção metafórica da Construção-mãe. Essa seria a motivação de Construções Superlativas do tipo *Ela morre de medo de engordar* (SAMPAIO, 2007).

Nesse modelo de hierarquia de herança de Goldberg e Lakoff as redes de construções são organizadas como *famílias de construções* (por isso falamos em “Família da CAC”), admitindo-se a herança múltipla como um tipo possível de relação. Uma vantagem de modelar construções em uma hierarquia de herança múltipla é a possibilidade de descrever, de um modo sucinto, as relações entre famílias de construções similares. Tal modelo permite a indicação das propriedades partilhadas e das propriedades que são específicas de uma construção máxima – uma construção que não apresenta subconstruções (MICHAELIS, 2009). Neste paradigma, as relações de parentesco são postuladas tanto no campo semântico como no campo formal.

Como vemos, os estudiosos que trabalham com Gramática das Construções vêm constituindo um sólido arcabouço teórico, assumindo uma concepção de gramática compatível com os avanços da Linguística Cognitiva de modo geral e adequada aos interesses da Linguística Computacional. Apesar disso, como nota Michaelis, “Construction Grammar has had little effect on the way that syntacticians do business” (2009, p. 7). Michaelis atribui isso ao fato de a abordagem construcionista não ter fornecido ainda um sistema plenamente elaborado de representação da sentença. É essa lacuna que a *Sign-Based Construction Grammar* (SBCG) pretende preencher. De acordo com Sag (2010), a SBCG é uma tentativa de adaptar as ideias desenvolvidas ao longo de vinte anos de pesquisa com a *Head-Phrase Structure Grammar* (HPSG) às análises construcionistas, mais especificamente, ao tipo de análise desenvolvida pelos

estudiosos de Gramática das Construções em Berkeley. Nossa próxima seção introduz algumas das noções centrais da *Gramática das Construções Baseada em Signos*.

2.1.7 SBCG: A Vertente Formal da Gramática das Construções

Os construcionistas, de modo geral, entendem que a língua é um conjunto infinito de signos (da mesma forma que Chomsky, 1957, 1965) e que a tarefa do lingüista é oferecer uma descrição completa e fiel desses signos. Para tanto, os analistas da linguagem precisam de um aparato formal que, em consonância com seu instrumental teórico-metodológico, lhes permita elaborar tal descrição. É com o intuito de atender a essa demanda que alguns dos proponentes originais da Gramática das Construções vêm trabalhando na SBCG (*Sign-Based Construction Grammar*), a extensão formal do empreendimento construcionista (SAG, 2010; MICHAELIS, 2009).

A expressão *sign-based* (ou ‘baseada em signos’) do rótulo dessa vertente da Gramática das Construções se deve ao fato de que tal modelo pretende oferecer elementos e mecanismos que possibilitem a adequada representação de *todos* os signos lingüísticos, bem como a descrição dos processos de construção de signos mais complexos a partir de signos mais simples. A noção de **signo** empregada pela SBCG se aproxima da de Saussure (1916): um par convencionalizado de forma e sentido (significante/ significado). Entretanto, nessa abordagem, os signos têm uma realização formal específica, pois as propriedades do signo são divididas em traços. Aliás, nesse modelo, todos os objetos gramaticais são representados como uma **estrutura de traços**. Assim, na SBCG, a completa descrição de um signo envolve seis traços: FONOLOGIA, FORMA, ESTRUTURA ARGUMENTAL, SINTAXE, SEMÂNTICA e CONTEXTO. A cada um desses

traços é associado um conjunto de possíveis valores que, por sua vez, também podem corresponder a uma nova estrutura de traços. Ou seja, a SBCG trabalha com dois tipos básicos de estruturas: (i) as **estruturas atômicas**, que não têm estrutura interna (por exemplo, *acusativo*, *3ª pessoa do singular*, etc.); (ii) as **funções**, que possuem estrutura interna, isto é, certos atributos aos quais correspondem determinados valores.

Em relação aos traços usados na descrição dos signos, o próprio Sag (2010) reconhece que há pouco a se dizer sobre os dois primeiros – **Fonologia** (FON) e **Forma** (FORMA) – e Michaelis (2009) nem inclui o traço FON na pequena apresentação que faz da SBCG. O que podemos dizer é que o valor de FON é um sintagma fonológico. FORMA, por sua vez, é usado para especificar as propriedades morfológicas de um dado signo; seu valor é uma lista (possivelmente vazia) de entidades morfológicas. Sag deixa aberta a precisa caracterização de tais entidades, mas assume que essa lista incluirá formativos lexicais e afixos.

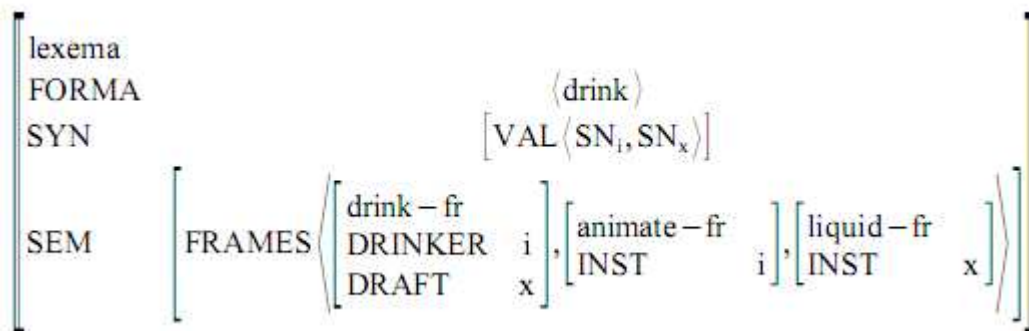
Já o propósito do traço **Estrutura Argumental** (EST-ARG) é codificar o potencial combinatório de uma expressão lexical, listando seus potenciais argumentos sintático-semânticos. No caso dos verbos, o primeiro SN corresponde ao sujeito e o segundo (quando há) é o objeto direto. Isso torna desnecessário um inventário de traços – como SUJEITO, OBJETO, COMPLEMENTO, etc. – para nomear funções gramaticais específicas. Apenas signos lexicais (lexemas ou palavras) especificam um valor para EST-ARG. Assim, um item lexical como *entregar* tem uma lista do tipo <SN, SN, SP>, que dá conta da estrutura argumental desse verbo evidenciada em ocorrências do tipo “*O aluno entregou o bilhete para a professora*”.

O traço **Sintaxe** (SIN) é usado para distinguir um signo do outro. Seus valores são estruturas de traços do tipo *objetos-sintáticos* (*obj-sin*). Os objetos sintáticos são funções que especificam valores para os traços **Categoria** (CAT) e **Valência** (VAL). O valor de CAT é uma categoria sintática e os vários subtipos de CAT (*nome*, *verbo*, *preposição*, *adjetivo*, etc.) vão

especificar valores para os traços apropriados. Assim, a categoria *nome* é uma função cujo domínio inclui CASO, mas não AUX (auxiliar) ou FV (forma verbal). Já a categoria *verbo* irá especificar valores para os traços AUX e FV, mas não para CASO.

O traço VAL representa os objetos com os quais um dado signo pode se combinar. O valor VAL dos pronomes, dos nomes próprios e da maioria dos nomes comuns é uma lista vazia. O valor VAL de um verbo é seu potencial combinatório (por exemplo, o de um verbo transitivo é <SN, SN>).

O significado de um signo é descrito pelo traço *Semântica* (SEM). Seus valores, por sua vez, são os traços INDEX e FRAMES. INDEX é usado para individualizar o referente de uma expressão. Seu valor é uma variável atribuída a um indivíduo (no caso de um SN) ou a uma situação (no caso de um SV ou de uma sentença). O traço FRAME é usado para enumerar as predicções que, juntas, especificam o significado de um signo. Usando esses elementos, Michaelis (2009) descreve o frame do lexema *drink* (beber) como na matriz abaixo, ressaltando que, nesse caso, os frames são usados para capturar a exigência de que o *drinker* seja animado e que o item consumido seja líquido.



Matriz 7: Lexema *drink* (MICHAELIS, 2009, p.8)

Finalmente, o traço **CONTEXTO** (CTXT) é usado para especificar traços do contexto que são relevantes para a interpretação e uso de um dado signo. Os trabalhos de Sag (2010) e Michaelis (2009) não avançam na elaboração deste traço.

A seguir, oferecemos dois exemplos de representação de signos lexicais. No primeiro caso, temos a representação de um nome e, no segundo caso, a de um verbo.

<i>FON</i>	$\langle \text{brunu} \rangle$
<i>FORMA</i>	$\langle \text{Bruno} \rangle$
<i>ARG – EST</i>	$\langle \rangle$
<i>SYN</i>	$\left[\begin{array}{l} \text{CAT} \text{ nome} \\ \text{VAL} \langle \rangle \end{array} \right]$
<i>SEM</i>	$\left[\begin{array}{l} \text{INDEX} \quad i \\ \text{FRAME} \left[\begin{array}{l} \text{fr – nome} \\ \text{NOME} \quad \text{Bruno} \\ \text{NOMEADO} \quad i \end{array} \right] \end{array} \right]$
<i>CTXT</i>	...

Matriz 8: Lexema *Bruno*

<i>FON</i>	$\langle \text{cair} \rangle$
<i>FORMA</i>	$\langle \text{cair} \rangle$
<i>ARG – EST</i>	$\langle \text{SN}_i \rangle$
<i>SYN</i>	$\left[\begin{array}{l} \text{CAT} \text{ verbo} \\ \text{VAL} \text{ SN}_i \end{array} \right]$
<i>SEM</i>	$\left[\begin{array}{l} \text{INDEX} \quad s \\ \text{FRAME} \left[\begin{array}{l} \text{fr – cair} \\ \text{PAC} \quad i \\ \text{SIT} \quad s \end{array} \right] \end{array} \right]$
<i>CTXT</i>	...

Matriz 9: Lexema *cair*

Segundo a perspectiva assumida na SBCG, a Gramática de uma língua define: (i) um conjunto de tipos gramaticais, organizados em uma hierarquia de herança múltipla; (ii) um conjunto de traços válidos; (iii) as informações sobre quais traços são apropriados para cada tipo e quais os valores que cada traço pode ter.

Uma maneira de compreender as noções de **hierarquia de tipos** e **herança múltipla** é recorrer à analogia com as cartas de um baralho (WEBELHUTH, 2009). Em um baralho, existem dois tipos: *naipe* e *valor*. Cada um desses tipos apresenta subtipos específicos. Os subtipos do tipo naipe são: *copas*, *paus*, *espada* e *ouro*. Já os subtipos de valor são: ás, 2, 3, 4, 5 [...] J, Q, K. Com isso, uma carta de baralho pode ser classificada, ao mesmo tempo, em termos de seu naipe e em termos de seu valor. Desse modo, um rei de espada instancia, simultaneamente, o subtipo ‘espada’ e o subtipo ‘rei’. Um dois de espada, por exemplo, partilha com o rei de espada o que todas as cartas de espada têm em comum e o rei de paus partilha com o rei de espada o que todos os reis têm em comum. Em outras palavras, um rei de espada *herda* todas as propriedades comuns às cartas de espada e também todas as propriedades comuns aos reis. Nessa teoria, isso será usado o tempo todo. Quando classificamos um item como ‘verbo transitivo’, estamos dizendo que ele possui todas as características do tipo ‘verbo’ e todas as características do tipo ‘transitivo’. Isso é herança múltipla.

A SBCG faz, ainda, uma distinção entre os **signos** propriamente ditos, que evocam os “objetos no mundo” e que não podem ser subespecificados, e as **construções** – as descrições de signos – que podem, e muitas vezes são, parciais, ou subespecificadas. Os subtipos de um signo são: *palavra*, *lexema* e *sintagma*. De acordo com o princípio ao qual Sag (2010) se refere como *Princípio do Signo*, signos são licenciados de duas formas: por uma entrada lexical ou por uma construção. A SBCG assume, portanto, que a gramática de uma língua consiste de um **léxico** – um conjunto finito de descrições lexicais (lexemas ou palavras) – e um **conjunto de construções**.

Na próxima subseção, consideraremos os aspectos essenciais para a compreensão da noção de construção na SBCG e os elementos centrais de sua representação formal.

2.1.7.1 As Construções na SBCG

Na perspectiva da SBCG, as construções descrevem combinações de signos, ou *constructos*. Como enfatiza Michaelis (2009), uma construção descreve apenas o signo-mãe de um constructo e esse signo-mãe não tem filhas; ele possui um traço *filhas*. Nessa proposta de formalização, o traço MÃE é usado para especificar o signo que é construído em um dado constructo; o valor de MÃE é um signo. O traço FILHA especifica os signos mais básicos que devem ser licenciados para que a mãe possa existir, de modo que seu valor é uma lista de signos. Com isso, as construções são representadas por uma estrutura de traços do tipo:

$$\text{nome da construção} \Rightarrow \begin{bmatrix} \text{MÃE} & \text{signo} \\ \text{FILHA} & \text{lista (signos)} \end{bmatrix}$$

Matriz 10: Modelo de representação das construções na SBCG

Segundo Sag (2010, p. 24), na SBCG, uma construção é uma restrição que define as propriedades comuns a todas as instanciações de uma dada estrutura de traços. A Construção de Sujeito-Predicado, por exemplo, descreve o signo-mãe de uma sentença básica:

$$\text{construção suj - pred} \Rightarrow \left[\begin{array}{l} \text{sintagma} \\ \text{M\AA{E}} \\ \text{FILHAS} \\ \text{NUC - FILHA} \end{array} \begin{array}{l} [\text{SYN} [\text{VAL} \langle \rangle]] \\ \langle \text{X}, \text{H} \rangle \\ \text{H} [\text{SYN} [\text{CAT} [\text{FV fin}]]] \\ [\text{VAL} \langle \text{X} \rangle] \end{array} \right]$$

Matriz 11: Construção Sujeito-Predicado

Tal representação nos diz que uma estrutura de traços cujo signo-mãe é uma construção de sujeito-predicado terá, em seu traço MÃE, uma lista de valência vazia e, em seu traço FILHA, uma lista com dois itens. Além disso, vemos que essa estrutura possui um traço NUC-FILHA (núcleo da filha), cujo valor é H, que, por sua vez, corresponde a uma estrutura de traços que nos informa que H será um verbo finito, com um item (X) na lista de valência. Esse único item da valência de H, que também aparece como primeiro elemento da lista do traço FILHA, representa o sujeito da sentença. Em outras palavras, as restrições na matriz (5) indicam que toda Construção de Sujeito-Predicado terá como núcleo um verbo finito, com pelo menos um argumento, que será o sujeito da sentença.

Apesar de ser um modelo em desenvolvimento, a SBCG já dispõe de um instrumental bem mais completo e elaborado do que o apresentado nesta seção. De fato, limitamos nossa exposição aos aspectos mais básicos da mesma, com o intuito de oferecer uma pequena introdução a essa vertente formal da Gramática das Construções; apenas o suficiente para possibilitar a compreensão da nossa proposta de formalização da CAC (seção 5.4). Como todo empreendimento formal no âmbito dos estudos da linguagem, a SBCG é extremamente complexa e sua apresentação detalhada, além de demandar um espaço maior do que o que dispomos, não se justificaria, dados os objetivos estabelecidos para este trabalho.

Nas próximas seções, apresentaremos algumas abordagens e constructos teóricos que, juntamente com a Gramática das Construções, constituem as bases teóricas de nossa tese.

2.1 A Semântica de Frames

Subscrevendo as palavras de Fillmore (1977), entendemos que uma taxonomia será válida na medida em que ofereça uma organização conceptual convincente e reveladora das entidades que organiza. No caso de objetos gramaticais, ela precisa, ainda, facilitar a formulação de generalizações sintáticas e semânticas. Tendo em vista essa necessidade, nas abordagens construcionistas (vide, por exemplo, a representação proposta pela SBCG, explicitada na seção anterior), as estruturas semânticas das construções são descritas em termos de *frames*. Na verdade, tomando pontos de partida diferentes, a Gramática das Construções e a Semântica de Frames se encontram em vários pontos do percurso. Isso porque, embora coloque seu foco sobre unidades lexicais, a Semântica de Frames propõe a caracterização de cenas abstratas, **considerando os padrões sintáticos nos quais essas unidades ocorrem**. Assim, no final das contas, as duas abordagens buscam a integração de aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos do fenômeno linguístico. Nesse sentido, são propostas absolutamente compatíveis e, em muitos aspectos, complementares.

Segundo Petruck (1996, p.1), um frame é qualquer sistema conceptual no qual os conceitos estão relacionados de tal modo que para entender um determinado conceito é preciso entender o sistema inteiro; da mesma forma, a evocação de qualquer um dos conceitos evoca também todos os outros. No mesmo trabalho, Petruck define a Semântica de Frames como um

programa de pesquisa em semântica empírica que enfatiza a continuidade entre língua e experiência, tendo em vista que, neste paradigma, uma palavra representa uma categoria de experiência. Assim, a noção de frame empregada nesse programa está vinculada à noção de *case frames* introduzida por Fillmore em *The case for case*. Nesse texto histórico, os chamados “frames de caso” eram apresentados como os elementos envolvidos na caracterização de uma pequena cena abstrata, e a idéia era que para entender a estrutura semântica de um verbo era necessário entender as propriedades da cena abstrata por ele evocada. Assim, nos termos do próprio Fillmore (1977), sua abordagem está associada ao slogan “*meanings are relativized to scenes*”.

O exemplo clássico na ilustração dessa proposta é a cena de transação comercial. Nessa cena, dois indivíduos diferentes estão envolvidos agentivamente, e as ações de cada um dos dois fazem parte do nosso entendimento de qualquer item lexical que possa ser usado para descrever esse tipo de evento ou qualquer de seus aspectos. Um dos indivíduos do evento comercial – o comprador – entrega algum dinheiro e leva a mercadoria; o outro – o vendedor – entrega a mercadoria e pega o dinheiro. Uma descrição completa deste evento deveria identificar o comprador, o vendedor, o dinheiro e a mercadoria. Um evento comercial prototípico envolve todas essas coisas, mas qualquer sentença particular que construímos para falar sobre esse evento exige que optemos por uma perspectiva específica sobre o evento. Desse modo, a idéia de Fillmore é que qualquer verbo que identifique um aspecto específico do evento comercial irá nos obrigar a colocar em perspectiva uma ou mais entidades do evento, e a manifestação dessa escolha em inglês, assim como em português, será a seleção de funções gramaticais correspondendo às noções de sujeito e objeto direto. Por exemplo, *vender* põe em perspectiva o vendedor e a mercadoria (19); *gastar* põe em perspectiva o comprador e o dinheiro (20); *pagar*

põe em perspectiva o vendedor e o comprador (21); *custar* põe em perspectiva a mercadoria e o dinheiro (22).

(19) *Maurício vendeu o carro.*

(20) *Maurício gastou 25 mil.*

(21) *Maurício pagou Francisco.*

(22) *O carro custou 25 mil.*

Fillmore assume que o estudo da semântica é o estudo das cenas cognitivas que são criadas ou ativadas por enunciados. Por isso, sempre que um falante usa qualquer um dos verbos relacionados ao evento comercial, por exemplo, toda a cena é ativada, mas as palavras escolhidas impõem sobre a cena uma perspectiva particular, com foco em determinados participantes. Informações sobre os outros elementos da cena podem ser incluídas através de elementos não-nucleares da sentença, como em (23) e (24).

(23) *Eu comprei uma dúzia de rosas de Leila por 5 reais.*

(24) *Eu paguei à Leila cinco reais por uma dúzia de rosas.*

Tradicionalmente, a maneira mais comum de lidar com elementos conceptualmente obrigatórios, mas superficialmente opcionais, de uma sentença é afirmar que tais elementos estão presentes na estrutura profunda, mas são apagados (ou recebem representação zero) na estrutura superficial. Contudo, na visão de que as cenas são relativizadas de acordo com os significados, não é preciso acreditar que tudo que está incluído no nosso entendimento de uma determinada cena é necessariamente uma parte da estrutura gramatical subjacente daquela sentença. É

preferível dizer que: (i) uma palavra como *comprar* ou *pagar* ativa a cena do evento comercial; (ii) todo mundo que entende a palavra sabe quais são os vários componentes e aspectos daquele evento; (iii) o conhecimento lingüístico do falante sobre o verbo inclui o conhecimento sobre as diversas formas de realizar as diferentes partes do evento na forma de um enunciado. A idéia é que sempre que entendemos uma expressão lingüística de qualquer tipo, temos simultaneamente uma cena (completa) de fundo e uma perspectiva sobre aquela cena.

De todo modo, ao contrário do que se pode pensar, a conexão entre a Semântica de Frames e a Gramática das Construções não é só uma questão de representação. Como vimos, a abordagem construcionista atribui importância equivalente às descrições dos padrões sintáticos, à interpretação semântica dos mesmos e às suas condições de uso. E, de modo geral, os estudos nessa linha entendem que os *frames* são, de fato, uma das principais fontes das informações semânticas da cena evocada por uma construção.

Um dos frutos mais proeminentes da Semântica de Frames é a FrameNet. A FrameNet é um projeto lexicográfico computacional, coordenado por Charles J. Fillmore e Collin F. Baker, da Universidade de Berkeley, na Califórnia, que identifica e descreve frames semânticos. Esse projeto do *International Computer Science Institute* dessa Universidade, tem como produto final um site que possibilita uma pesquisa eletrônica baseada nesses *frames*. Como vimos, os *frames* são representações esquemáticas das estruturas conceptuais e dos padrões de crenças, práticas, instituições, etc., que fornecem as bases de conhecimento comuns de uma dada comunidade de fala.

Além de identificar e descrever *frames*, a FrameNet analisa o significado das palavras e estuda suas propriedades sintáticas, buscando dar conta da correspondência forma sintática/ propriedades semânticas, ou seja, da valência das palavras. Suas unidades básicas de análise são o frame e a unidade lexical (UL), esta última sendo definida como "um pareamento de uma palavra

com um sentido" (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003, p. 235). Desse modo, a associação de uma palavra com cada um dos seus sentidos corresponde a uma UL diferente, que, por sua vez, evocará um frame diferente.

Assim, de acordo com a apresentação geral da FrameNet, seu objetivo é criar uma fonte de pesquisa lexical para o inglês, baseada em frames semânticos e sustentada por evidências de corpus. A idéia dos organizadores é documentar o conjunto de possibilidades combinatórias sintáticas e semânticas – as valências – de cada palavra em cada um de seus sentidos. Há vários projetos de pesquisa em andamento com o intuito de construir uma fonte de pesquisa lexical do mesmo tipo para outras línguas. Atualmente, já é possível localizar na internet projetos de FrameNet para o Espanhol, o Alemão, o Japonês e para o Português do Brasil. O **Projeto FrameNet Brasil** (<http://www.framenetbr.ufjf.br/>), desenvolvido pela Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a coordenação da Professora Margarida Salomão, originou-se de contato estabelecido por pesquisadores brasileiros da UFJF com a equipe do Projeto FrameNet na Califórnia, no ano de 2007. Desde então, os pesquisadores envolvidos trabalham com o objetivo de criar um recurso lexical on-line para o Português, baseado na semântica de frames e sustentado por evidência em corpus.

Na FrameNet, as possibilidades de valência semântica de uma palavra são expressas em termos dos tipos de entidades que podem participar de um determinado *frame*. Essas propriedades de valência semântica são evidenciadas, então, através dos chamados elementos do *frame* (EFs) – *frame elements* (FEs), no Inglês. Os EFs são classificados em termos de sua centralidade em um *frame* particular. Em linhas gerais, esses elementos são identificados como centrais ou não-centrais. Um EF será central em determinado *frame*, se ele instanciar um componente conceitualmente indispensável ao *frame*. Os EFs considerados não-centrais podem ser periféricos ou extra-temáticos. Os elementos periféricos são aqueles que marcam noções

como Tempo, Espaço, Modo, Grau, etc. Eles podem ser instanciados em qualquer *frame* semanticamente apropriado, mas são interpretados diferentemente em cada um, pois sua interpretação varia de acordo com as especificidades semânticas de cada *frame*. Já os EFs extra-temáticos podem introduzir esquemas ou eventos adicionais, independentes ou distintos do evento principal que está sendo descrito pelo *frame*; podendo, ainda, evocar um *frame* mais abrangente, no qual o evento descrito esteja inserido. Ao contrário dos elementos centrais e periféricos, a interpretação dos elementos extra-temáticos não depende das especificidades de um *frame* particular, pois sua estrutura semântica independe de *frames* particulares. São exemplos de EFs extra-temáticos: [causa], [resultado], [razão] e [iteração] (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003).

Na Framenet encontramos, por exemplo, o *frame* causativo de dano (*Cause_harm*), descrito nos seguintes termos:

Cause_harm	
Definition: The words in this frame describe situations in which an Agent or a Cause injures a Victim . The Body_part of the Victim which is most directly affected may also be mentioned in the place of the Victim . In such cases, the Victim is often indicated as a genitive modifier of the Body_part , in which case the Victim FE is indicated on a second FE layer	
FE's	
Core:	
Agent [Agt] Semantic Type Sentient	Agent is the person causing the Victim 's injury. <i>Jolosa, who BROKE a rival player 's jaw, was told to model his play on the England striker.</i> <i>Someone BASHED him on the back of the head with a heavy smooth object.</i>
Body_part [BodP] Semantic Type Body_part	The Body_part identifies the location on the body where the bodily injury takes place. <i>Someone BASHED him on the back of the head with a heavy smooth object.</i> <i>Jolosa, who BROKE a rival player 's jaw, was told to model his play on the England striker.</i>
Cause [Cause]	The Cause marks expressions that indicate some non-intentional, typically non-human, force that inflicts harm on the Victim . <i>A falling rock CRUSHED my ankle.</i>
Victim [Vic] Semantic Type Sentient	The Victim is the being or entity that is injured. If the Victim is included in the phrase indicating Body_part , the Victim FE is tagged on a second FE layer (see 3rd example). <i>Someone BASHED him on the back of the head with a heavy smooth object.</i> <i>The farmer tied him to the fence to stop him BUTTING the sheep.</i> <i>Jolosa, who BROKE a rival player 's jaw, was told to model his play on the England striker.</i>
Non-Core:	
Circumstances []	Circumstances describe the state of the world (at a particular time and place) which is specifically independent of the Cause_harm event and any of its participants.
Containing_event [con]	This FE identifies the event in which the harm is caused.
Degree [Degr]	Degree is the degree to which the Agent causes harm to the Victim .
Depictive [Depict]	Depictive identifies any Depictive phrase describing the actor of an action.
Duration []	Duration denotes the length of time from the beginning of the Cause_harm event to its end.
Frequency []	How often the Cause_harm event occurs.
Instrument [Ins]	This FE is any object used to cause the injury.
Iterations [Iter]	Iterations refers to the number of times the Agent causes harm to the Victim .
Manner [Manr]	The Manner in which the Agent acts upon the Victim .
Means [Means]	An intentional action performed by the Agent that accomplishes the action indicated by the target.
Place []	Place identifies the place where the harm causing event occurs.
Reason [Reas]	A fact or action somehow related to the Victim that the Agent responds to by causing harm to the Victim .
Result [Result]	Result identifies the result of the Agent 's action.
Subregion_bodypart []	The Subregion_bodypart defines the precise location on the Body_part which is harmed.
Time [Time]	Time identifies the time when the harm-causing event occurs.
Inherits From: Transitive action Is Inherited By: Corporal punishment Uses: Experience bodily harm Is Used By: Abusing , Toxic substance	

Ilustração 7: Descrição do Frame Cause-Harm

(http://framenet.icsi.berkeley.edu/index.php?option=com_wrapper&Itemid=118&frame=Cause_harm&)

Como indica a ilustração (1), o *frame* causativo de dano descrito pela Framenet apresenta quatro elementos centrais: o *agente*, a *parte do corpo*, a *causa* e a *vítima*. Já o *frame* incoativo (*experience_bodily_harm*) apresenta dois EFs centrais: a *parte do corpo* e o *experienciador*.

Experience_bodily_harm	
Definition: An Experiencer is involved in a bodily injury to a Body part . (In some cases, no Body part need be indicated.) Often an Injuring_entity on which the Experiencer injures themselves is mentioned.	
<p style="text-align: center;">I think that I HURT myself pretty bad back there. He SMACKED his head on the mantel getting up from poking at the fire.</p>	
FE's	
Core:	
Body part [BodP] Semantic Type Body part	The location on the body of the Experiencer where the bodily injury takes place. <i>I CUT my finger on the envelope.</i>
Experiencer [Exp] Semantic Type Sentient	The being or entity that is injured. <i>Then I CUT myself on an envelope.</i>
Non-Core:	
Duration []	The period of time during which the Experiencer repeatedly receives bodily injuries
Frequency []	The period of time during which the Experiencer repeatedly receives bodily injuries
Injuring_entity [Inj_ent]	The Experiencer injures him/herself on an Injuring_entity .
Iterations [Iter]	The number of times that the injury happens to the Experiencer .
Manner [Manr]	Manner in which the injury takes place.
Place []	The place where the harming event occurs.
Severity [Sev]	The extent to which the Experiencer is affected by the injury.
Time [Time]	The time when the harming event occurs.
Inherits From: Event Uses: Intentionally act Is Used By: Cause harm	

Ilustração 8: Descrição do Frame *Experience_bodily_harm*
(http://framenet.icsi.berkeley.edu/index.php?option=com_wrapper&Itemid=118&frame=Experience_bodily_harm&)

Como veremos, a descrição oferecida pela FrameNet do *frame* incoativo de dano é bastante coerente com a semântica da CAC-Parte do corpo do Português.

2.3 O Fenômeno do Mismatch

Uma hipótese tradicionalmente aceita sobre a linguagem, que justificou muitas das análises derivacionais propostas pelo gerativismo, é a que Culicover e Jackendoff (2005, p. 6) chamam de *Interface Uniformity*. Tal hipótese é resumida por esses autores nos seguintes termos: “*The syntax-semantics interface is maximally simple, in that meaning maps transparently into syntactic structure; and it is maximally uniform, so that the same meaning always maps onto the same syntactic structure*”.

Contudo, muitos fenômenos linguísticos contrariam essa hipótese e, para sustentá-la, o empreendimento gerativista precisou recorrer a estruturas profundas e a transformações para dar conta de incongruências sintático-semânticas nas estruturas de superfície. A questão que se coloca, entretanto, é: se, na observação dos fatos, tal hipótese não se sustenta, por que defendê-la a qualquer custo? Não seria mais correto adotá-la como tendência geral e analisar as 'exceções', ao invés de tentar adequá-las a um suposto padrão natural?

É nesse sentido que o termo *mismatch* – que estamos traduzindo como *desencontro* – tem sido usado para descrever um conjunto de fenômenos linguísticos que envolvem um mapeamento entre elementos ou estruturas incongruentes, sendo esta incongruência definida em relação a uma condição típica ou *default*. (FRANCIS; MICHAELIS, 2000). Traugott (2007) ilustra a diferença entre harmonia e encontro com as construções de modificação de grau. Entre os modificadores de grau, é possível fazer uma distinção entre intensificadores e maximizadores. Os intensificadores localizam seu núcleo para cima (*muito*) ou para baixo (*pouco*) em uma escala, em relação a um ponto estabelecido. Já os maximizadores colocam seu núcleo no topo de uma escala (*completamente*). Tipicamente, os intensificadores combinam-se harmoniosamente com

núcleos graduáveis ou ilimitados (25) e os maximizadores com núcleos não-graduáveis ou delimitados (26). Assim, em (27), verificamos, no mesmo enunciado, dois exemplos de uma relação harmoniosa – ***muito confortável, muito bonita*** – e um exemplo de desencontro – ***completamente bonita***. Já em (28), uma outra possibilidade de desencontro nas construções de modificação de grau, que é a combinação de um intensificador com um núcleo não graduável – ***muito grátis***.

(25) ***Muito bonito, mesmo. Um pouco triste, mas bonito.***

<www.overmundo.com.br/.../um-anjo-triste-chorou-no-meu-ombro>

(26) ***Totalmente Grátis** é um guia de sites selecionados e divididos por categorias. É a melhor forma de encontrar o que procura.*

<www.totalmentegratis.com.br/>

(27) *A moda fitness ganhou espaço porque ela é uma moda **muito confortável**, é **muito barata** também...e **completamente bonita!***

<revistapegn.globo.com >

(28) *Ahh, passagens na TAM daqui da bahia para POA, saiu R\$ 390,00 .. **muito grátis** vei.*

<<http://listas.softwarelivre.org/>>

Michaelis (2005) argumenta que os casos de desencontro são uma evidência de que o sentido de uma sentença não vem de uma única fonte e que a interpretação de um desencontro demanda um procedimento inferencial chamado **mudança de tipo implícita** (*implicit type-shifting*). Nos casos de desencontro em que uma construção gramatical denota um tipo diferente de entidade ou evento daquele denotado pela expressão lexical com a qual é combinada, tal procedimento alteraria a designação convencionalizada do preenchedor lexical. Michaelis discute a questão do desencontro e da mudança de tipo, ao tratar do fenômeno de **coerção** (2003, 2004). De Swart, que trabalha com alteração aspectual, afirma que a coerção “is syntactically and

morphological invisible: it is governed by implicit contextual reinterpretation mechanisms triggered by the need to resolve aspectual conflicts” (1998, p. 360). Ao usar as palavras de De Swart em seu texto de 2003, Michaelis troca *aspectual conflicts* por *semantic conflicts*, ampliando a possibilidade de aplicação do conceito.

Segundo Sikos et al (2008), os fenômenos de coerção podem ser classificados em três tipos: coerção de complemento, coerção aspectual e coerção nominal, os três tipos abordados por Michaelis (2003, 2004). Em (29), temos um exemplo de coerção de complemento, pois verbos como *começar* e *acabar* tendem a selecionar complementos que denotam atividades (*Ela começou a rir; Ele acabou de arrumar a garagem*). Contudo, como evidencia (29), verbos desse tipo também aceitam complementos que não se referem diretamente a atividades.

(29) *quando eu estava lendo, achei uma leitura bem fácil e **acabei o livro rapidinho**.*
<www.skoob.com.br >

Ao invés de criar uma incoerência semântica, desencontros desse tipo servem de gatilho para um ajuste de interpretação, no qual o complemento nominal é entendido como uma atividade (*Eu acabei de ler o livro*). Ou seja, o significado do complemento nominal é alterado para se acomodar às preferências seletivas do verbo.

A coerção aspectual, por sua vez, ocorre quando a estrutura temporal típica de um verbo é alterada. Em (30), o verbo *pular*, que é pontual, é coagido a uma interpretação durativa, por causa do sintagma adverbial *a tarde inteira*. Nesse caso, o mecanismo de coerção altera o significado do verbo; e não do nome, como ocorre na coerção de complemento.

(30) *A **criançada pulou a tarde inteira** ao som de músicas infantis e típicas de Carnaval.*
<www.olimpiadas.parana-online.com.br/>

Finalmente, na coerção nominal, o significado básico de um nome é alterado pelo artigo com o qual ele é combinado ou pela ausência do artigo. Em várias línguas, nomes comuns são subdivididos em contáveis e incontáveis. Os primeiros referindo-se a entidades conceitualizadas como discretas e os segundos, a entidades conceitualizadas como contínuas – ou *bounded* e *unbounded*, respectivamente. Essa é uma distinção característica do Inglês, por isso os exemplos nessa língua.

(31) *She had a beer.*

(32) *You have apple on your shirt.*

Em (31) o nome incontável *beer* recebe uma interpretação individualizada por conta do artigo indefinido com o qual foi combinado. Já em (32), o nome contável *apple* é interpretado como incontável.

2.4 Convencionalização pelo Uso

Um aspecto importante no estudo dos fenômenos abordados na seção anterior é, sem dúvida, a questão da convencionalização e, conseqüentemente, do uso. Por que uma sentença como “*Eu acabei o livro*” é interpretada como “*Eu acabei de ler o livro*”, mas “*Eu acabei o filme*” não é interpretada como “*Eu acabei de ver o filme*”? Kemmer (2005) sugere que julgamentos acerca da aceitabilidade de uma sentença passam a fazer parte do conhecimento do falante. Tal conhecimento associaria itens lexicais a construções e teria origem na experiência do falante de usar determinados itens lexicais em determinados padrões sintáticos.

Essa ideia de que o conhecimento do falante pode se refletir em padrões de frequência é uma hipótese que favorece o movimento de aproximação entre a Gramática das Construções e a Lingüística de Corpus. Além disso, o uso de *corpus* tem se mostrado cada vez mais necessário no estudo de fenômenos de coerção. Kemmer (2005) acredita ser possível encontrar, bem cedo, evidências que indiquem a convencionalização de uma construção, através da identificação dos primeiros casos visíveis de coerção. Isso porque a coerção mostraria que a construção adquiriu uma semântica própria, sobrepondo-se ao desencontro.

De fato, é possível investigar a semântica das construções de diversas maneiras. As mais relevantes, segundo Kemmer (2005) são: (i) observação das propriedades distribucionais no nível da sentença – contraste; (ii) observação da distribuição de elementos recorrentes em uma construção em grandes amostras de uso lingüístico. No primeiro caso, a semântica da construção é investigada através da observação de itens lexicais, principalmente no nível da sentença, e da observação de anomalias e compatibilidades que tornam tais sentenças mais ou menos aceitáveis. Lakoff (1987) e Langacker (1987, 1991), entre outros, analisam construções (e itens lexicais) usando esta metodologia. Já no segundo método, observa-se a ocorrência da construção em um grande *corpus*, o que pode permitir que o analista verifique propriedades semânticas que, não fosse pelo contato direto com uma grande quantidade de dados, seriam inacessíveis. Para Kemmer, o linguista deve empregar qualquer metodologia que prove ser útil; mas o ideal seria a convergência de múltiplas fontes de evidência, obtidas através de diferentes metodologias. Iremos discutir mais profundamente essas e outras questões metodológicas no quarto capítulo. Antes disso, encerraremos a apresentação de nossas bases teóricas, abordando o tema, normalmente subfocalizado, da organização discursiva dos padrões sintáticos.

2.5 A Organização Discursiva dos Padrões Sintáticos

A noção de Estrutura Informacional diz respeito à relação existente entre aspectos da organização formal de um enunciado (ordem das palavras, uso de anáforas, etc.) e seu contexto discursivo (relevância da informação, estado de atenção dos participantes, intenções do falante, etc.). Os estudos acerca do fluxo informacional das sentenças costumam eleger como foco de interesse dicotomias tradicionais como tópico/comentário; tema/remã; informação dada/nova, entre outras. Nos termos de Jackendoff (2002, p. 6), “information structure is concerned with the role of the sentence in the speaker-hearer interaction – the means by which the speaker intends the sentence to inform the hearer, in the context of previous discourse”. Em livro que virou referência para tratamento do tema, Lambrecht (1994) afirma que a estrutura informacional é:

that component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental state of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts. (p. 5)

Lambrecht assume, portanto, que a estrutura informacional é um componente da gramática que atua de modo determinante na estruturação formal das sentenças. Segundo tal ponto de vista, a relação entre forma e função de uma dada sentença é diretamente determinada por convenção gramatical. Neste trabalho de 1994, Lambrecht concentra sua análise nas circunstâncias discursivas sob as quais certas fatias de informação proposicional são expressas por uma e não por outra possibilidade morfossintática ou prosódica. Em outras palavras, sua análise está centrada na comparação de pares de sentenças semanticamente equivalentes, mas formal e pragmaticamente diferentes.

Por essa razão, entendemos que sua proposta pode nos ajudar na identificação e na compreensão dos fatores que levam um usuário do PB a optar por enunciados como (33) e (35), em detrimento das respectivas alternativas virtuais (34) e (36).

(33) *socorro **minha bota derreteu o salto** em plena rua*

(Reclame Aqui)

(34) *socorro **o salto da minha bota derreteu** em plena rua*

(33 modificado)

(35) **A sola do meu sapato derretia**, tive que me apoiar em alguns cacos de telha.

(Folha de São Paulo)

(36) **O meu sapato derretia a sola**, tive que me apoiar em alguns cacos de telha.

(35 modificado)

Usando um termo introduzido por Danes (1966), Lambrecht vai se referir a pares de sentenças como (33-34) e (35-36), como "allosentences". Sua hipótese é que diferenças na estrutura informacional de sentenças são melhor compreendidas em termos do contraste entre os padrões sintáticos virtualmente disponíveis para expressar uma dada proposição.

Lambrecht (1994) reconhece que contrastes na estrutura informacional podem ser identificados em qualquer domínio sintático que expresse uma relação argumento-predicado, como, por exemplo, em sintagmas nominais do tipo "o seu carro" e "o carro dele". Contudo, ele afirma que seu trabalho está voltado para construções capazes de expressar proposições, ou seja, aquelas que tipicamente pertencem à categoria das sentenças. Mais especificamente, Lambrecht se dedica às construções cuja função é expressar diferenças na estrutura informacional, isto é, que

expressam diferenças no escopo da pressuposição e da asserção, diferenças na estrutura de tópico e foco, ou diferenças no status cognitivo dos referentes das expressões dos argumentos. Segundo ele, tais contrastes pragmáticos são sempre interpretados em termos do conjunto de alternativas gramaticais virtualmente disponíveis para expressar uma dada proposição.

No caso da CAC, identificamos, em relação à sua possível paráfrase com a Ergativa Canônica, exatamente essa função de expressar diferenças na estrutura informacional, mais especificamente, na estrutura de tópico. Em nossa análise, inclusive, essa função corresponde à motivação da CAC. De todo modo, a inclusão das propriedades da estrutura informacional da CAC em nosso estudo se justifica por nosso firme propósito de oferecer uma análise que dê conta da natureza multifatorial do fenômeno lingüístico aqui investigado. Conforme sugere Goldberg (2009, p. 110), “a case can be made that information structure and processing are absolutely central to issues that lie at the heart of linguistic theorizing”. Ainda segundo ela, ignorar as propriedades da estrutura informacional de uma construção “is like trying to explain a highway system without understanding what the system is designed to do”. Por isso nossa proposta de descrição e análise da CAC inclui a investigação acerca de sua função no discurso, isto é, de sua motivação discursivo-pragmática.

Antes de passarmos à análise, consideraremos, no próximo capítulo, algumas abordagens prévias da construção que é objeto desta tese e, no capítulo seguinte, algumas questões metodológicas relevantes para os estudos da linguagem, de modo geral, e para o nosso trabalho, em particular.

3 ABORDAGENS PRÉVIAS DO FENÔMENO

Em pesquisa bibliográfica, não localizamos qualquer estudo específico sobre a construção a qual rotulamos Construção do Argumento Cindido. Entretanto, instanciações dessa construção aparecem em trabalhos que discutem outros fenômenos, como o tópico no Português, a voz média ou a chamada alternância causativo-ergativa. Neste capítulo, resenhamos os poucos trabalhos identificados que, direta ou indiretamente, sugerem algum tipo de análise para o padrão sintático observado na CAC ou para outros formalmente semelhantes.

3.1 A CAC nos Estudos sobre o Tópico no PB

Na literatura em língua portuguesa sobre a questão do tópico, um trabalho que não pode deixar de ser citado é o de Eunice Pontes, com o livro *O Tópico no Português do Brasil* (1987). Neste livro, Pontes inclui exemplos como (37-42) no amplo e diversificado conjunto de construções de tópico que analisa.

(37) *O meu carro furou o pneu.*

(38) *Esse relógio estragou o ponteiro.*

(39) *O Mardônio pifou o freio de mão do carro e ele foi levar na oficina.*

(40) *O jasmim amarelou as pontas.*

(41) *Eu não sabia que essa camisa quebrava tanto botão.*

(42) *A bicicleta quebrou o pedal.*

Inicialmente, é necessário considerar que esses exemplos, que identificamos como instanciações da CAC, diferem significativamente das demais construções analisadas por Pontes. De fato, seu tema é abrangente e, por conseguinte, abarca um grupo bastante heterogêneo de construções do PB. Isso pode ser verificado, se compararmos as instanciações acima com os exemplos (43-47), também incluídos no trabalho de Pontes (1987).

(43) *Eu agora, cabô desculpa de concurso, né?*

(44) *Doce a gente pega um pouquinho. Doce a gente não enche xícara não.*

(45) *Minha casa deu ladrão.*

(46) *Essa janela não venta muito.*

(47) *Aquela escola deles, rouba tudo!*

No estudo de Pontes, talvez por conta de sua própria natureza e objetivo, são mesclados exemplos de todo tipo; e não faz mesmo parte da proposta da autora sugerir subdivisões ou subclassificações dessas construções de tópico. Assim, ao compararmos as ocorrências em (37-42) com aquelas em (43-47), percebemos que o trabalho de Pontes busca uma caracterização geral de construções bastante diferentes, tanto formal quanto semântica ou funcionalmente.

É certo que só o compilamento de centenas de ocorrências, bem como as reflexões que o livro traz – e as outras tantas que provoca – já merecem todo crédito. Porém, no nosso entendimento, a grande contribuição de Pontes, com o livro de 1987, foi exatamente a de evidenciar o tamanho do trabalho que teríamos, se quiséssemos dar conta do fenômeno do tópico no PB. E, hoje, depois de mais de vinte anos, não é difícil constatar que boa parte desse trabalho ainda está por fazer.

De fato, acreditamos que a Família de Construções de Argumento Cindido no PB é perfeitamente analisável em termos de uma estrutura tópico-comentário. Contudo, sua

produtividade e suas peculiaridades demandam uma análise mais específica, que possa dar conta de suas características formais, de suas particularidades semânticas e do seu papel no discurso.

Em seu livro de 2008, no qual apresenta uma proposta de tratamento para a questão das valências verbais, Perini usa vários dos exemplos de Pontes (1987), no capítulo em que discute *a valência na interface entre semântica e estrutura informacional* (p. 335). Nesse capítulo, Perini aborda, entre outras coisas, a problemática da atribuição de papéis temáticos a estruturas de tópico sentencial. Segundo ele, alguns dos dados levantados por Pontes seriam bons exemplos da situação em que “o papel temático não pode ser totalmente derivado da estrutura sintática explícita, e onde, portanto, não se pode falar de ‘atribuição’ desses papéis a partir da estrutura sentencial” (p. 337). Esse seria o caso de sentenças como (48-49):

(48) *Esse cano sai fumaça.*

(49) *Meu carro furou o pneu.*

A sentença em (49) é, em nossa análise, uma instanciação da CAC. A seu respeito, Perini comenta que a dificuldade de se atribuir papel temático ao tópico residiria no fato de que o papel recuperado nesse caso – o de Possuidor – não estaria vinculado ao verbo, sendo interno ao SN *o pneu*.

Sem pretender esgotar a questão, Perini sugere que a dificuldade que ele verifica na atribuição de papéis temáticos a estruturas de tópico é um indicativo de que precisaríamos de um sistema complexo de atribuição de papéis temáticos no PB. Segundo sua análise, os dados do Português evidenciam a demanda por um sistema que leve em conta, além da valência do verbo, estruturas sintáticas e informações pragmáticas. Em caso de sentenças como (48-49), Perini

acredita que tal sistema precisaria levar em conta, ainda, a valência (nominal) do núcleo do SN, no caso *pneu*.

3.2 A CAC e uma Sugestão de Análise Derivacional

Um outro trabalho no qual também aparecem exemplos da CAC é o de Márcia Cançado (2006) sobre agentes e beneficiários no Português do Brasil. Cançado usa exemplos da CAC para delimitar o fenômeno que aborda – a alternância agente/beneficiário –, ilustrado a seguir.

(50) *João cortou o cabelo.*

(51) *João xerocou o artigo.*

(52) *Maria lavou o carro.*

Segundo Cançado (2006), a interpretação de tais sentenças oscila entre uma leitura agentiva e uma benefactiva. Nos três casos, seria possível entender que os sujeitos (João/ Maria) realizaram a ação ou que foram os beneficiários de uma ação realizada por outrem. Nesse estudo, Cançado (2006) faz questão de distinguir as construções que analisa daquelas aqui chamadas de CAC. Tal distinção se faz mesmo necessária porque, principalmente quando envolvem SUJ-humano e OBJ-parte do corpo, existe uma semelhança formal entre os dois conjuntos de construções.

(53) *Maria fez as unhas*

(54) *Maria cortou o cabelo.*

(55) *Maria torceu o tornozelo.*

(56) *Maria furou o dedo.*

No grupo de sentenças acima, apenas (55-56) são instanciações da CAC. Nas construções que são objeto do estudo de Cançado não há qualquer desencontro sintático-semântico: há dois argumentos semânticos – que Cançado identifica como possuidor/beneficiário e possuído/afetado – e dois argumentos sintáticos – o sujeito e o objeto.

Embora não se detenha neste ponto, Cançado sugere que sentenças como (55-56), a nossa CAC, seriam um tipo de construção ergativa, usadas com verbos causativos que permitem a alternância causativo/ergativa. Segundo a autora, o que aconteceria, nesse caso, seria a extração do SN – possuidor do objeto afetado – e seu deslocamento para a posição de sujeito, provavelmente por uma questão de topicalização. Esta mesma idéia aparece, um pouco mais desenvolvida, no trabalho de Larissa Ciríaco (2007), orientado por Márcia Cançado. Nesse trabalho, que aborda a alternância causativo/ergativa no PB, Ciríaco afirma que, além da construção ergativa canônica, o chamado processo de ergativização também formaria um outro tipo de construção: as “Construções Ergativas Cindidas”, exemplificadas abaixo.

(57) *O relógio quebrou o ponteiro.*

(58) *Lúcia estragou a unha.*

(59) *O Rubinho quebrou o carro.*

Segundo a autora, tais construções seriam formadas a partir de um verbo na forma $x V y$, que passaria pelo processo sintático de alçamento do complemento. No entanto, no caso específico das ergativas cindidas, esse complemento, sendo um DP complexo, não seria alçado como um todo, mas apenas em parte. O processo sugerido é o seguinte: de uma causativa básica, como (60), poderia ser derivada, através de um alçamento total ou parcial do complemento, uma ergativa canônica (61) ou uma ergativa cindida (62), respectivamente.

- (60) *João quebrou o ponteiro do relógio.* (Causativa)
 (61) *O ponteiro do relógio quebrou.* (Ergativa Canônica)
 (62) *O relógio quebrou o ponteiro.* (Ergativa Cindida)

Essa proposta de análise em termos de alternâncias – tão característica do empreendimento gerativo – enfrenta fortes restrições por parte da Linguística Cognitiva e, especialmente, dos que assumem a proposta da Gramática das Construções. Como observa Goldberg (2002),

A compelling reason to avoid positing derivations in favor of an emphasis on surface form is simply that there are typically powerful generalizations surrounding particular surface forms that are more broad than those captured by derivations or transformations. (GOLDBERG, 2002, p. 1)

Nesse texto de 2002, Goldberg defende a idéia de que é melhor e mais produtivo analisar cada padrão de estrutura argumental em seus próprios termos, sem apelar para referências explícitas ou implícitas a possíveis alternativas de paráfrase. Nesse sentido, a sintaxe de uma dada construção de estrutura argumental deve ser representada sem recorrer a derivações. Essa questão será mais detalhadamente discutida na seção 5.1, mas podemos adiantar que, de modo geral, o recurso a derivações impede que a teoria reconheça o repertório completo de generalizações relevantes sobre a construção em foco. E, além disso, este é um recurso que facilmente conduz a equívocos. No trabalho de Ciríaco, por exemplo, (63) é apresentada como uma construção ergativa cindida porque teria sido derivada de (64).

- (63) *A platéia desviou o olhar.*
 (64) *A explosão desviou o olhar da platéia.*

É difícil reconhecer em (63) uma estrutura ergativa; sua leitura é claramente causativa. Nesse caso, a platéia é um sujeito-agente, bem diferente de “o carro” em (65) ou “a agulha” em (67), independentemente do suposto padrão derivacional comum entre as três sentenças.

(65) *O carro furou o pneu.*

(66) *O moleque furou o pneu do carro.*

(67) *A agulha entortou a ponta.*

(68) *A costureira entortou a ponta da agulha.*

O fato de o sistema linguístico do Português licenciar construções como (69-71) não pode justificar por si só uma análise comum para (72-74).

(69) *Maria cortou o cabelo de João.*

(70) *Maria quebrou o dedo de João.*

(71) *Maria penteou o cabelo de João.*

(72) *João cortou o cabelo.*

(73) *João quebrou o dedo.*

(74) *João penteou o cabelo.*

Com isso, apesar das similaridades formais e da possibilidade de se “recuperar” uma causativa básica nos três casos, as instanciações (72-74) representam diferentes construções do PB: uma Construção com Agente-Beneficiário; uma Construção de Argumento Cindido; uma Construção Média de Cuidado Corporal, respectivamente. A semelhança formal da CAC com essa que Kemmer (1994) chama de Média de Cuidado Corporal (74), levou-nos a aventar a hipótese de que a CAC fosse um tipo de construção medial. Consideremos brevemente essa hipótese.

3.3 A CAC e as Construções Mediais

No que diz respeito às Construções Mediais e sua possível relação com a família das CAC, encontramos no robusto trabalho de Suzanne Kemmer (1993) sobre voz média a sugestão de que tal relação de fato existiria, em um breve comentário sobre a construção de *possessor raising*, ali exemplificada com uma sentença em Francês (75):

(75) *Il s'est cassé le bras. (Ele quebrou o braço.)*

Kemmer entende que esse tipo de situação envolve uma relação entre um participante-paciente que é uma parte do corpo e um participante-humano que é o possuidor (inalienável) daquela parte do corpo, e reconhece que algumas línguas tratam este possuidor como Recipiente e/ou Beneficiário, de modo que este não é construído com a morfossintaxe típica do possuidor comum. De acordo com a análise de Kemmer, esse tipo de situação se relacionaria formalmente com o que ela chama de Reflexiva Indireta, construção em que: (i) há três participantes – um agente, um paciente, e um recipiente ou beneficiário; (ii) o agente e o recipiente/beneficiário são co-referenciais; (iii) o evento verbal básico é do tipo em que agente e recipiente/beneficiário são normalmente entidades distintas. Essa construção é ilustrada, no estudo de Kemmer, pelas seguintes sentenças:

(76) *John built a house for himself.*

(77) *He bought himself a hat.*

Considerando os exemplos dados e a mencionada caracterização da construção, entendemos que a Construção Reflexiva Indireta poderia ser exemplificada, em Português, por:

(78) *Eu me dei de presente um perfume que é o meu preferido.*

<<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071224091437AAzqNSQ>>

(79) *Mas mesmo assim se comprou um presente. Uma fita VHS para gravar o trabalho de Telejornalismo.. hehehe*

<<http://jornalismofasul.flogbrasil.terra.com.br/foto9228200.html>>

Kemmer afirma que a relação formal entre a construção de *possessor raising* e a reflexiva indireta seria motivada pelo fato de que o possuidor da parte do corpo é também um recipiente da ação veiculada pelo verbo, em virtude de sua íntima conexão com a parte do corpo afetada. Ela sugere ainda que esta situação apresenta “claras afinidades” com os verbos de cuidado corporal. Entretanto, Kemmer declara que não vai tratar de *body-part reflexives* em seu trabalho e, embora afirme que há evidências de que estas estão relacionadas não apenas às reflexivas, mas também às médias, não apresenta ou discute tais evidências.

De todo modo, no tocante à possibilidade de analisar a família de Construções de Argumento Cindido como construções de voz média, entendemos ser imprescindível a clara distinção entre *situações mediais* e *situações ergativas*, embora tal distinção tenha sido considerada desnecessária por Perini (2005).

Em artigo dedicado ao tema, Perini argumenta que “para o português essa diátese (média) não se justifica, e que os casos considerados como exemplos de construção média devem ser analisados como casos de construção ergativa” (p. 13). A argumentação de Perini está baseada na sua conclusão de que a distinção entre construção ergativa e construção média no português não tem utilidade para o estabelecimento de diáteses verbais. O autor usa o termo *diátese* para fazer referência a cada uma das construções em que determinado item léxico pode ocorrer. Assim,

segundo sua análise, se não for possível encontrar um verbo do português que ocorra na construção ergativa, mas não ocorra nas chamadas construções médias (ou vice-versa), tal distinção não se justifica na nossa língua.

Não há aqui espaço para discutir profundamente a questão e, por isso, nos limitaremos a apontar dois fatores que nos levam a discordar da conclusão a que Perini chegou nesse artigo de 2005.

Primeiramente, é preciso salientar que os exemplos de voz média analisados por Perini naquele texto são exemplos do tipo ilustrado em (80-82), e recobrem apenas uma parte daquilo que pode – e tradicionalmente é – considerado construção de voz média.

(80) *Essa madeira serra fácil.*

(81) *Esse artigo só vende no verão.*

(82) *Sinto muito, mas o chocolate já vendeu todo.*

No já citado estudo de Suzanne Kemmer (1994), são levantados, pelo menos, treze tipos de construções mediais, dentre as quais, a reflexiva direta (83), as médias de cuidado corporal (84), as médias de mudança na postura corporal (85), e as médias de movimento translacional (86).

(83) *Ele se enxerga como um ícone?*

(84) *Lavamos o rosto, nos penteamos, tentamos nos recompor enfim.*

(85) *Ele se ajoelhou e me pediu perdão.*

(86) *O trem se foi.*

Especificamente no Português, não é difícil verificar na literatura a inclusão desse tipo de ocorrência no rol das construções médias. Bechara (2001, p. 213) reconhece três possibilidades na relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes: o primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*). Já Said Ali (1963, p.95) afirma que a voz média no português pode assumir cinco significações diferentes: (i) ação rigorosamente reflexa, que o sujeito pratica sobre si mesmo; (ii) estado ou condição; (iii) ato material ou movimento que o sujeito executa em sua própria pessoa, sem haver a idéia de direção reflexa; (iv) ato em que o sujeito aparece vivamente afetado; (v) ação recíproca.

Essas considerações a respeito do funcionamento da voz média no PB criam uma boa margem para a aceitação da ideia de que a proposta de Kemmer, corroborada por dados de inúmeras línguas, também se aplica ao Português. De modo que o conjunto de construções médias do Português é bem mais amplo do que aquele analisado por Perini (2005).

Nesse conjunto mais amplo, podemos destacar a Média de Cuidado Corporal (87), cujos verbos, selecionando um objeto direto, se diferenciam daqueles que ocorrem nas ergativas tradicionais (88), no tocante à diátese – no sentido empregado por Perini (2005).

(87) *Maria penteou o cabelo.*

(88) *Maria caiu.*

O segundo ponto crucial para o nosso posicionamento a favor da distinção entre médias e ergativas reside na nossa concepção de construção. Ao assumir que uma construção é um par convencionalizado de forma e sentido, ao qual se agregam ainda informações pragmáticas, devemos reconhecer que o fato de o sujeito da ergativa ser Paciente e o sujeito da média ser

Agente e Paciente ao mesmo tempo configura uma diferença conceptual e semântica que justifica a postulação de duas construções diferentes. Essa diferença conceptual e semântica que caracteriza a oposição média/ergativa fica clara na exposição de Shibatani (2006).

Segundo Shibatani (2006), na oposição causativo/ergativa, a ação relevante envolve um agente que instiga uma ação que se desenvolve fora do domínio do agente inicial e tem como ponto final um paciente que será, necessariamente, uma entidade diferente do Agente/Iniciador. Já nas situações de voz média, o desenvolvimento da ação estaria restrito à esfera pessoal do agente. seriam exemplos de voz média: as intransitivas do tipo *João sentou (-se)*, as reflexivas (*João se feriu*) e as situações de cuidado corporal (*João penteou o cabelo*). Shibatani representa tais situações mediais através dos seguintes esquemas. O esquema (a) corresponde à primeira situação. As outras duas situações seriam representadas pelo esquema (b).

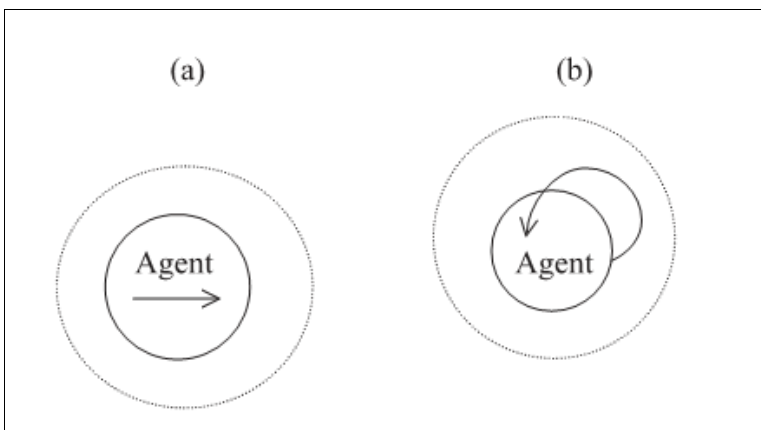


Ilustração 9: Esquema de representação de situações mediais (SHIBATANI, 2006)

Por outro lado, para as situações do tipo causativa/ incoativa, Shibatani propõe a seguinte representação:

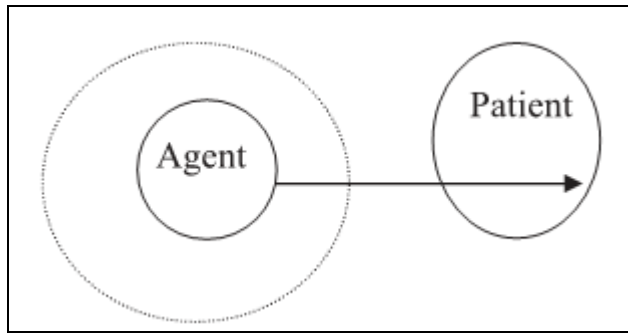


Ilustração 10: Esquema de representação de situações do tipo causativa/ incoativa (SHIBATANI, 2006)

A idéia de Shibatani é que o esquema de representação para situações causativas e ergativas é exatamente o mesmo. De fato, a cena é a mesma; o foco é que é diferente. Uma estrutura causativa, como (89-90), remeteria à cena inteira; já estruturas ergativas como (91-92) remeteriam a apenas uma parte da cena:

(89) *João quebrou o braço da Vinicius.*

(90) *O moleque furou o pneu do carro.*

(91) *O braço de Vinicius quebrou.*

(92) *O pneu do carro furou.*

Apenas para deixar essa divisão da cena mais evidente, seria possível representar a situação ergativa por meio do seguinte esquema:

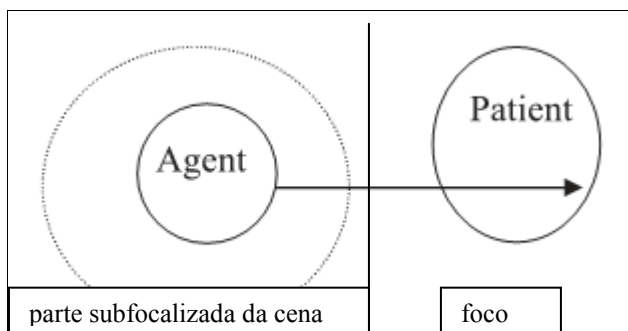


Ilustração 11: Representação do esquema da situação ergativa

Trazendo a CAC para a discussão, devemos reconhecer que o seu esquema de representação seria exatamente igual ao da situação ergativa. Não há como negar, nesse caso, que, apesar da sintaxe diferenciada, as duas sentenças abaixo evocam a mesma cena conceptual: um participante-paciente sofre um dano, que o atinge em uma parte específica.

(93) *O pneu do carro furou.*

(94) *O carro furou o pneu.*

Aqui, é válido retomar a noção de *perspectiva* da Semântica de Frames: a seleção e realização linguística dos participantes da cena refletem a perspectiva assumida pelo usuário em relação à cena. Na perspectivização evidenciada nas ergativas, o agente – quando existe – é irrelevante. E isso é verificável na CAC (94), assim como o é na Ergativa Canônica (93). Inclusive, ao contrário do que ocorre na Construção Passiva (95), por exemplo, nas Ergativas Canônicas e nas Construções Ergativas Cindidas a expressão do agente não é sequer uma possibilidade (96-97).

(95) *O pneu do carro foi furado pelo moleque.*

(96) **O pneu do carro furou pelo moleque*

(97) **O carro furou o pneu pelo moleque.*

Ou seja, a opção por estruturas como (93) ou (94) já demonstra que, na cena tal qual conceptualizada pelo usuário da língua, o agente não existe ou é irrelevante. Tal característica, portanto, aproxima a CAC das ergativas e a afasta das construções mediais.

3.4 A CAC: uma Pseudoergativa?

Perini (2008) propõe chamar de pseudoergativas as construções assim definidas:

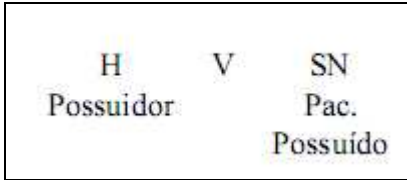


Ilustração 12: Representação das Pseudoergativas (PERINI, 2008, p. 377)

Segundo a proposta de Perini, tal definição seria adequada para sentenças como (98-99) e, conseqüentemente, para instanciações da CAC (100).

(98) *Ernesto cortou o cabelo.*

(99) *Ela cresceu o cabelo.*

(100) *Juliana torceu o pé.*

Tendo em vista, mais uma vez, o conceito de construção que assumimos, somos obrigados a rejeitar tal proposta e reconhecer que as sentenças acima são instanciações de três construções diferentes. O *frame* que cada uma delas evoca é diferente, e as condições pragmáticas que orientam seu uso também. Em (98), temos uma construção do tipo analisado por Cançado (2006), com agente beneficiário. Nessa cena, o sujeito tem seu cabelo cortado por outra pessoa, mas com seu consentimento e, provavelmente, por sua iniciativa. A semântica dessa sentença equivale a “*Ernesto teve seu cabelo cortado*”, de modo que o participante que cortou o cabelo de Ernesto, ainda que não expresso, faz parte do *frame* dessa construção. E a convencionalização de seu uso no Português, nos permite inferir, inclusive, que Ernesto pagou por isso. Ernesto é, como observou Cançado (2006), um agente-beneficiário e o *frame* da Construção tem três EFs centrais.

Na segunda sentença (99), pelo menos do modo que a interpretamos, a ideia veiculada é a de que “*ela deixou o cabelo crescer*”. Nesse caso, não há um terceiro participante na cena: o

cabelo cresceu e ela permitiu que isso acontecesse (não o cortando, por exemplo, como fez Ernesto). O frame dessa construção tem dois EFs centrais.

Na CAC (100), como veremos no quinto capítulo, o sujeito é, de fato, Possuidor – como na pseudoergativa de Perini, mas é também Paciente. Distinguindo-se de (98) e (99), essa construção que equivale a “*o pé de Juliana torceu*”, evoca o frame de dano sofrido, com apenas um EF central.

No capítulo cinco, mais adiante, apresentamos a nossa análise da CAC. Uma análise que aproveita alguns *insights* dessas abordagens prévias, mas que traz uma visão bastante particular do fenômeno, caracterizando-se, especialmente, por ser um estudo específico da CAC, analisando-a em seus próprios termos. Como Pontes (1987), nossa análise reconhece que a CAC é uma construção de tópico, mas com especificidades que a individualizam no amplo conjunto de construções de tópico do PB. Concordando com Ciríaco (2007), assumimos que a CAC é uma construção ergativa com um único argumento semântico que é sintaticamente cindido; todavia, rejeitamos a análise derivacional que essa autora sugere. Finalmente, ao defender que a CAC é uma construção ergativa, a diferenciamos do rol das construções médias identificadas por Kemmer (1994) e da pseudoergativa proposta de Perini (2008).

Levando em conta as considerações de Shibatani (2006), concluímos que a cena conceptual evocada pela CAC é a mesma evocada pela Ergativa Canônica. Nesse ponto, vale questionar: se a semântica da Construção de Argumento Cindido é basicamente a mesma da Construção Ergativa Canônica, o que justificaria a diferença sintática?

Goldberg (2005) elenca quatro princípios que orientariam as relações entre construções. O segundo desses princípios, chamado Princípio da Não-Sinonímia, é apresentado nos seguintes termos:

The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct. Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register.

Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous.

Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P(ragmatically)-synonymous, then they must not be S(emantically)-synonymous.

(Goldberg, 1995, p. 67)

A situação da CAC em relação à Ergativa Canônica é exatamente aquela prevista no corolário A: as duas são sintaticamente diferentes, mas semanticamente sinônimas; deverão, portanto, ser pragmaticamente distintas. Assim, a resposta para questão posta acima certamente passará pela questão do uso, da estrutura informacional. Isso fica bastante evidente, se considerarmos, por exemplo, o uso das duas estruturas no mesmo texto, tendo os mesmos referentes, como é possível observar no texto a seguir, que faz parte do conjunto de nossos dados.

(101) ***Balcão quebrou o fundo***

ola meu nome e elisangela comprei um armario na loja citada no dia 18/07/2008 o qual estou pagando ainda e [b] o fundo do balcao simplesmente quebrou isto que em cima do tal movel so fica o microondas e xicaras e dentro guardo panelas ja estive na loja por tres vezes reclamando e pedindo o reparo mais somente o montador esteve em minha casa em um dia que eu nao estava e falou para meu filho que eu arrastei o movel os pes do movel esta tds trincados e ate agora nao obtive resposta da loja sobre o reparo acho uma falta de respeito comigo pois pago as prestações para ter algo que eu possa usar e nao ter que apoiar com lata de tinta como está

<www.reclameaqui.com.br/263448/magazine-luiza/balcao-quebrou-o-fundo/>

No texto, em que a consumidora apresenta sua reclamação sobre o balcão adquirido, aparecem duas estruturas sintáticas diferentes para expressar o mesmo evento: *a quebra do fundo do balcão*: uma instanciação da CAC (102) e uma ergativa canônica (103).

(102) *Balcão quebrou o fundo*

(103) *o fundo do balcão simplesmente quebrou.*

Isso nos mostra que a adequada descrição e posterior análise da CAC deve levar em conta os contextos de uso de preferência pela construção e os contextos linguísticos mais frequentes. Esta é a tarefa que vimos desenvolvendo e cujos resultados apresentamos a seguir. Antes, porém, consideremos brevemente a questão da metodologia.

4 METODOLOGIA

Quando o assunto é Metodologia de Pesquisa, provavelmente o ponto central da discussão será a distinção entre Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. Do ponto de vista epistemológico, a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa revelariam duas visões diferentes de mundo. Como bem resume Bryman (1998), a quantitativa, ligada ao paradigma positivista, seria realizada por estudiosos que acreditam que o mundo social pode e deve ser estudado como o mundo natural. Nessa visão, "haveria uma realidade objetiva esperando ser revelada pelos cientistas sociais e suas ferramentas de investigação" (BRYMAN, 1998, p. 139). Por outro lado, a pesquisa qualitativa seria a opção daqueles que rejeitam o modelo das ciências naturais no estudo de fenômenos sociais, porque acreditam que o mundo social é socialmente construído e o que existe é uma realidade subjetiva, em permanente revisão.

Mais recentemente, contudo, a discussão tem focalizado a (im-)possibilidade de conjugar os dois métodos. Aqueles que acreditam na possibilidade de integração dos dois tipos de pesquisa, de modo geral, defendem aquilo que tem sido chamado de *método misto*. Estes já contam, inclusive, com uma publicação especializada – o *Journal of Mixed Methods Research*. No editorial da primeira edição desta publicação, a pesquisa com métodos mistos é definida como aquela em que "o investigador coleta e analisa dados, integra suas descobertas e faz inferências usando métodos tanto quantitativos como qualitativos em um único estudo ou programa de investigação" (TASHAKKORI; CREWELL, 2007, p. 4).

Entretanto, a distinção entre pesquisa qualitativa e quantitativa – ou a fusão das duas – também pode ser analisada sob um ponto de vista puramente técnico (BRYMAN, 1998). Nesse

caso, a discussão passa a ser sobre a adequação do método em relação ao objeto de pesquisa, e não mais em relação à postura epistemológica do pesquisador.

Esta é uma maneira interessante de analisar a questão porque permite que o pesquisador possa escolher qual o melhor método de pesquisa num dado momento, tendo em vista um objeto de estudo específico. Além disso, também permite que o pesquisador transite entre as possibilidades oferecidas por um e por outro método, sem precisar reformular *sua visão de mundo* para justificar a metodologia empregada em suas pesquisas.

No que diz respeito aos estudos realizados sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, esta nos parece a melhor maneira de tratar a questão da metodologia: o método científico deve se adequar ao tipo de objeto que o cientista tem em mãos, aos objetivos previamente estabelecidos, bem como à corrente teórica à qual o pesquisador está vinculado. De fato, como oportunamente comenta Harder (1999, p. 149), isso não significa que o pesquisador esteja livre para postular estranhos tipos de entidades e desenvolver métodos de pesquisa mais estranhos ainda. Significa apenas que não há um único caminho certo e seguro para a compreensão de fenômenos, definido exclusivamente pelo método utilizado.

Nesse sentido, entendemos que a mudança de perspectiva empreendida pela Linguística Cognitiva no estudo da linguagem se reflete, necessariamente, na revisão dos métodos empregados e nos tipos de generalizações consideradas aceitáveis. Como reconhece Fauconnier (1999), nessa perspectiva, os métodos precisam dar conta de aspectos contextuais da língua em uso e de aspectos gerais da cognição humana, e, nesse sentido, a diversidade metodológica é bem-vinda. Embora tenham seu valor e não devam ser abandonadas, a introspecção e a intuição do linguista, em boa parte dos casos, são insuficientes para a compreensão das operações gerais de construção do significado.

Além disso, uma discussão sobre metodologia de pesquisa, nos dias atuais, não pode ignorar os avanços tecnológicos. A Lingüística precisa conhecer e utilizar os recursos disponíveis, pois não podemos simplesmente continuar a fazer pesquisas exatamente como fazíamos há cinquenta anos atrás. Os *corpora eletrônicos* e as diversas ferramentas computacionais, bem como o simples acesso à internet que nos coloca diante de uma infinidade de exemplos de usos linguísticos, não podem ser ignorados. Gostemos ou não, temos hoje quase que a obrigação de submeter nossa intuição aos dados reais de uso; pois já não podemos recorrer ao argumento de que tal confronto é impossível porque não dispomos das ferramentas adequadas ou não temos acesso a dados em quantidade suficiente.

As abordagens construcionistas, de modo geral, não são indiferentes aos aspectos metodológicos dos estudos da linguagem. Uma consequência direta dessa preocupação é o desenvolvimento da Gramática das Construções Baseada no Uso, que utiliza recursos da Lingüística de Corpus para empreender análises construcionistas de fenômenos linguísticos.

4.1 A Gramática das Construções Baseada no Uso

Seguindo um movimento que alcançou os principais modelos de análise lingüística, a Gramática das Construções Baseada no Uso propõe analisar a linguagem a partir de dados reais de uso, utilizando métodos da Lingüística de *Corpus*. E, embora seu surgimento possa ser associado a um movimento geral caracterizado pela reivindicação de métodos empíricos mais rigorosos nos estudos linguísticos, entendemos que essa versão da Gramática das Construções é uma etapa natural do seu amadurecimento e não uma simples resposta às pressões de um movimento externo. Nos termos de Goldberg (1995), se assumirmos que uma gramática baseada

no uso será aquela que entende que fatos sobre o uso efetivo de expressões lingüísticas – como frequência e padrões específicos absolutamente composicionais – são armazenados da mesma forma que generalizações lingüísticas, concluiremos que a maioria das abordagens construcionistas é baseada no uso. Além disso, como enfatiza Tomasello (2006), no que diz respeito aos processos de aquisição, a Gramática das Construções se alia muito naturalmente a perspectivas baseadas no uso, nas quais a estrutura lingüística emerge do uso, através de processos cognitivos gerais, tanto histórica como ontogeneticamente.

Tradicionalmente, o léxico e a gramática de uma língua são vistos como dois fenômenos completamente distintos: um conjunto de itens lexicais específicos e um conjunto de regras abstratas. Daí, a pretensa necessidade de oferecer tratamentos diferentes para léxico e gramática: fenômenos qualitativamente distintos demandariam métodos investigativos igualmente distintos. Contudo, teorias lingüísticas mais recentes, dentre as quais destacamos a Gramática das Construções, têm defendido a ideia de que léxico e gramática não são essencialmente diferentes (para discussão a respeito, ver, por exemplo, STEFANOWITSCH e GRIES, 2003, p. 210). E essa nova visão de linguagem aproxima o estudo da gramática do estudo do léxico, inclusive no que diz respeito à metodologia adotada.

De modo geral, nas abordagens baseadas no uso, a competência do falante é entendida como o manuseio eficiente de todos os seus itens e estruturas, o que constitui um conjunto de representações lingüísticas muito mais complexo e diversificado do que a *core grammar* das abordagens formais. Nesse sentido, um modo plausível de entender a competência lingüística madura seria mesmo em termos de um inventário estruturado de construções.

Tomasello (2003), por exemplo, em sua Teoria de Aquisição da Linguagem Baseada no Uso, sugere que a criança chega a construções lingüísticas abstratas partindo de construções

baseadas em itens, usando habilidades cognitivas gerais, habilidades sociocognitivas e habilidades gerais de aprendizagem. Especialmente no que diz respeito às construções abstratas, Tomasello acredita que dois processos merecem atenção especial: a analogia e a análise distribucional.

Em sua perspectiva, a analogia teria um papel importante porque sua hipótese de trabalho é que a criança começa a formar construções abstratas através de analogias entre enunciados nos quais ela já identifica diferentes construções baseadas em itens. Isso, obviamente, não resolve toda questão, porque ainda seria possível indagar: baseada em quê a criança faz os alinhamentos entre constituintes necessários para uma analogia entre estruturas complexas, que podem simplesmente não apresentar nenhum item específico em comum? Para responder, Tomasello recorre a outro elemento do conjunto de processos de aquisição da sua teoria: a leitura de intenções (*intention-reading*). Sua sugestão é que, para fazer os alinhamentos necessários, a criança usa sua habilidade de leitura das intenções do interlocutor com o objetivo de compreender as inter-relações funcionais relevantes entre as duas estruturas que estão sendo alinhadas. Assim, a analogia não é feita entre os constituintes em si, mas entre os papéis que estes desempenham na estrutura relacional de cada uma das construções em questão.

O outro processo cognitivo considerado extremamente relevante para a aquisição das construções abstratas é o que Tomasello chama de análise distribucional de base funcional. Este processo estaria diretamente relacionado à formação de categorias paradigmáticas como nome e verbo. A hipótese, nesse caso, é que as crianças formam categorias de itens lingüísticos – palavras e sintagmas – que desempenham papéis comunicativos semelhantes nos enunciados ouvidos. Assim, como na analogia, a análise distribucional de base funcional também requer a

compreensão da função comunicativa dos elementos lingüísticos que aparecem em um dado enunciado.

Ao tratar dos fatores que restringiriam as generalizações feitas pelas crianças em fase de aquisição, Tomasello reconhece que, para que esta questão possa ser satisfatoriamente respondida, novas pesquisas precisam ser realizadas. De todo modo, alguns estudos já desenvolvidos apontam caminhos promissores. Por exemplo, alguns trabalhos sugerem que se a criança ouve um verbo sendo usado em uma construção específica muito freqüentemente, será menos provável que ela use tal verbo em uma construção diferente, na qual ela nunca tenha ouvido aquele verbo. Nesse sentido, a fixação de um uso inibiria possíveis generalizações. Outros estudos concluíram que se a criança ouve um verbo sendo usado em uma construção lingüística que tem a mesma função comunicativa de um possível alvo de generalização, ela pode inferir que a generalização é indevida, não convencional; ou seja, a construção ouvida tem preferência sobre uma construção formada a partir de generalizações. Nesse sentido, a ideia é que um padrão será considerado suscetível à extensão, se o usuário já tiver testemunhado sua extensão em outra ocasião (GOLDBERG, 1995).

De modo geral, os modelos baseados no uso costumam operar com duas propriedades fundamentais: a **freqüência de ocorrência** e a **freqüência de tipo**. Em relação à freqüência de ocorrência, a hipótese é que, cada vez que uma construção é usada, ela ativa conexões ou padrões de conexões na mente. E a freqüência dessa ativação afeta o armazenamento daquela informação, fazendo com que esta seja armazenada como uma unidade gramatical convencionalizada. Nesse modelo, portanto, a freqüência de ocorrência é correlacionada à **convencionalização** da construção. Assim, quanto maior o número de ocorrências, maior o grau de convencionalização.

Já a **freqüência de tipo** diz respeito ao número de diferentes formas lingüísticas que são consideradas instanciações de uma construção particular. Nesse sentido, a freqüência de tipo está

correlacionada à **produtividade** da construção (para discussão sobre o conceito de produtividade, ver BARDDAL, 2006, p. 1-3). Isso equivale a dizer que quanto maior for o número de tipos – formas lingüísticas – maior a produtividade da construção.

Seguindo essa tendência de estudos baseados no uso, Stefanowitsch e Gries propõem um tipo especial de estudo das *collocations* – a **análise colostrucional** (STEFANOWITSCH; GRIES, 2003; GRIES; STEFANOWITSCH, 2004). Nesse tipo de estudo, o pesquisador reúne ocorrências de uma determinada construção e faz uma análise quantitativa dos itens lexicais que preenchem um determinado lugar naquela construção. Uma análise colostrucional da CAC, por exemplo, poderia avaliar o grau de atração entre diferentes verbos potencialmente ergativos (quebrar, cair, melhorar, sarar, etc.) e a lacuna virtual de verbo principal da CAC. Tal estudo poderia fundamentar uma adequada descrição da CAC e permitir a investigação acerca da semântica da construção. Segundo seus proponentes, esse modelo teria, de fato, duas aplicações básicas: (i) aumentar a adequação da descrição gramatical, oferecendo um modo objetivo de identificar o significado de uma construção e determinar o grau de atração ou rejeição entre um lexema e seu lugar virtual em uma dada construção; (ii) fornecer dados para a construção de uma teoria lingüística. Sua ideia é que, se uma teoria atribui significado às estruturas gramaticais, ela precisa buscar procedimentos empíricos que evidenciem esse significado. Mais especificamente, entende-se que é possível ler a semântica de uma construção através da identificação dos colexemas mais fortemente atraídos naquela construção. (GRIES, no prelo). A análise colostrucional promete fazer isso, através de uma sofisticada análise estatística.

Vemos claramente que os estudos de viés construcionista que trabalham com evidências de uso real da linguagem vêm aumentando substancialmente, mas alguns fatores ainda seguram o ritmo desse crescimento. Entre tais fatores, destacamos: (i) a limitação dos corpora disponíveis; (ii) o fato de que os pressupostos e a metodologia da Linguística de Corpus são muitas vezes mal

compreendidos e/ou sub-utilizados; (iii) o fato de que a formação tradicional do linguista não contempla os conhecimentos estatísticos exigidos pela Linguística de Corpus (GRIES; DIVJAK, no prelo). A análise colostrucional de Stefanowitsch e Gries, por exemplo, é uma proposta cuja reprodução demanda um sólido conhecimento matemático-estatístico.

Na análise de fenômenos linguísticos do PB, particularmente, quando optamos por uma abordagem baseada no uso, o problema da disponibilidade de *corpus* é o primeiro a aparecer e, muitas vezes, é uma barreira muito difícil de superar. Em seu breve panorama da Linguística de Corpus no Brasil, Tony Sardinha (2004) elenca vinte e um corpora eletrônicos do português – brasileiro e europeu. Contudo, pelo menos no que diz respeito ao PB, não há um movimento das instituições que constituíram seus respectivos *corpus* no sentido de criar um banco de dados comum, com livre acesso para os pesquisadores interessados. Pelo contrário, algumas instituições dificultam esse acesso, de modo que o *corpus* acaba só sendo usado por pesquisadores daquela instituição. Sem dúvida, essa dificuldade desestimula análises baseadas no uso, pois coloca diante de cada pesquisador o desafio – muitas vezes, insuperável – de constituir um *corpus* para realizar sua pesquisa.

A dificuldade de acesso a corpora devidamente tratados e de dimensões minimamente satisfatórias torna-se um problema ainda mais urgente para estudos como o nosso, que propõem análises abrangentes, integrando informações lexicais, construções e fatores discursivos. Contudo, o reconhecimento dessa dificuldade não pode configurar um impedimento para a realização da pesquisa. Se não podemos contar com condições ideais, precisamos nos adaptar às condições reais. A próxima seção apresenta o percurso metodológico resultante dessa adaptação.

4.2 A Busca e Coleta dos dados

Os dados para a análise da Família de Construções de Argumento Cindido no PB foram coletados, principalmente, em três fontes: o *Corpus* do Português (Davies/Ferreira); o *corpus* da Folha de São Paulo, através do VISL; o *site* Reclame Aqui.

O *Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>) é constituído por quase 57.000 textos em português do século XIV ao século XX, somando mais de 45 milhões de palavras, e é resultado do trabalho de Mark Davies (Brighan Young University) e Michael J. Ferreira (Georgetown University). O *corpus* reúne textos de diversas fontes e apresenta uma interface de pesquisa bastante simples. O grande diferencial desse *corpus* é o fato de que uma pesquisa em seu banco de dados recobre sete séculos de uso do Português. A possibilidade de reunir informações que nos permitissem investigar o desenvolvimento diacrônico da CAC motivou o uso dessa fonte.

O CETENFolha é um *corpus* de cerca de 24 milhões de palavras em português brasileiro, criado pelo projeto Processamento computacional do Português (projeto que deu origem à Linguateca) com base nos textos do jornal *Folha de São Paulo*.

O *site* Reclame Aqui se apresenta como “o espaço do consumidor na internet”. A página possui um sistema de reclamações disponível para qualquer usuário que se cadastre no *site*. Ali, o usuário pode expressar sua reclamação quanto a atendimento, compra, venda, produtos e serviços. Essa reclamação é então publicada e um aviso é encaminhado, via e-mail, à parte reclamada. A resposta da parte reclamada, quando há, também é publicada no *site*.

A princípio, optamos por usá-lo como uma fonte de dados porque observamos, nas buscas livres no *google*, que vários exemplos vinham desse *site*. Em um segundo momento, percebemos que a estrutura de seus textos – mensagens normalmente curtas, em uma linguagem escrita, mas

muito próxima da oral – poderia facilitar a execução da pesquisa e oferecer um rico material de análise.

Definidas as fontes, passamos à definição dos itens de busca. Como, ainda na fase inicial da pesquisa, percebemos que a grande maioria das ocorrências da CAC estava vinculada à evocação do *frame* de 'dano sofrido', nossa lista de verbos incluiu os seguintes itens:

- verbos que expressam dano principalmente em seres humanos: ***deslocar; destroncar; fraturar; lesionar; machucar; torcer.***
- verbos que expressam dano principalmente em artefatos: ***arrebentar; derreter; descascar; descolar; descosturar; entortar; fundir; rasgar.***
- verbos que podem expressar dano em seres humanos ou em artefatos: ***furar; queimar; quebrar.***

Mais tarde, com a inclusão da CAC entidade/atributo no estudo, os verbos ***aumentar, diminuir, subir, baixar, melhorar e piorar*** foram incluídos na pesquisa.

Para cada um dos vinte e três verbos, o processo de pesquisa seguiu as seguintes etapas:

- (i) busca de todas as ocorrências daquele item lexical em cada uma das fontes de pesquisa previamente definidas;
- (ii) seleção das ocorrências do item em questão em construções de interesse da pesquisa;
- (iii) busca específica da construção identificada em seu contexto de origem.

Em relação à etapa (i), no *Corpus* do Português e no da Folha de São Paulo, que possuem mecanismos de busca especialmente desenvolvidos para pesquisa linguística, basta inserir a forma infinitiva do verbo para ter acesso a todas as suas ocorrências nos textos ali compilados. Já a busca no *site* Reclame Aqui não pôde ser realizada da mesma forma. Desse modo, optamos por utilizar a sistema de busca avançada do *google* e usar a opção de restringir a varredura ao

domínio www.reclameaqui.com.br, inserindo na janela “uma das expressões” diversas possibilidades de realização do verbo em questão (por exemplo, quebro OR quebra OR quebramos OR quebram OR quebrava OR quebrávamos OR quebravam OR quebre OR quebrem OR quebrar OR quebrei OR quebrou OR quebraram OR quebrassem OR quebrassem OR quebrássemos). Utilizando tal estratégia, conseguimos realizar em um *site* específico da *internet* uma busca bastante semelhante à realizada em um *corpus*, como o da Folha de São Paulo.

Diante do resultado da busca – muitas vezes milhares de ocorrências – iniciamos o trabalho de seleção dos dados, em um processo lento que já configurava uma pré-análise. Considerando os objetivos da pesquisa, o conjunto de construções de nosso interesse incluiu não apenas toda a família da CAC, mas também as Ergativas Canônicas com SN complexos, do tipo suscetível à cisão verificada na CAC (*a mão do jogador; o HD do notebook; o carro do Rubinho*). Além disso, também foram coletadas Ergativas Invertidas com o mesmo tipo de SN (*quebrou a mão do jogador; queimou o HD do notebook; quebrou o carro do Rubinho*).

A terceira etapa, que finalizava o processo de coleta de dados, justificava-se pelo fato de que, como pretendemos dar conta de aspectos relativos à estrutura informacional da família da CAC, os fragmentos de texto que resultam do processo de busca, principalmente no *google*, são, muitas vezes, insuficientes. Por essa razão, cada construção identificada foi localizada em sua fonte original e armazenada em um contexto ampliado (de modo geral, tal procedimento limitou-se aos dados obtidos através do *google*). No caso específico do *site* Reclame Aqui, coletamos a reclamação inteira, o que nos permitiu analisar (104), ao invés de apenas (105).

(104) *Há um ano e meio comprei um aparelho Nokia (modelo N76). Após alguns meses de uso, ele começou a descascar a parte cromada. Li vários casos iguais na internet, ou seja, o problema não foi gerado por mau uso. Fui até uma assistência técnica autorizada (no bairro Buritis - BH - MG) e eles me disseram que a carcaça ficava em R\$175 (que é um terço do que o aparelho vale hoje). Enviei a mensagem acima para a Nokia e me responderam solicitando que entrasse em contato com a mesma pelo telefone. Porém, já havia ligado e nada foi resolvido. Já que a carcaça*

vai sempre descascar, poderiam fazer uma que não fosse cromada, de um material melhor. Infelizmente não tenho condições de pagar este valor. E como é difícil encontrar para comprar, os vendedores colocam os preços lá em cima.

(Reclame Aqui)

(105) 3 Jul 2009 ... *Após alguns meses de uso, ele começou a descascar a parte cromada. ... Já que a carcaça vai sempre descascar, poderiam fazer uma que não ...*

Em casos como esses, só a ampliação do contexto permite a identificação do referente do pronome *ele*, que ocupa a posição de sujeito dessa instanciação da CAC. Uma análise adequada da construção, que leve em consideração sua estrutura informacional, não poderia abrir mão dessa identificação.

4.3 Configuração final dos dados

A configuração geral dos dados obtidos reflete a disparidade das fontes utilizadas. Os textos no *Corpus* do Português são, em sua maioria, textos literários; os da Folha, jornalísticos; já o *site* Reclame Aqui é composto por textos escritos por usuários de ambos os sexos, de várias regiões do país, de idade e grau de escolaridade variados, em uma linguagem bastante informal, que se aproxima muito da língua falada, mas apresenta interessantes marcas do registro escrito. Ou seja, são textos diferentes, de autores diferentes, com objetivos comunicativos diferentes, destinados a públicos diferentes. Daí decorre que, via de regra, as construções que encontramos em uma fonte não encontramos em outra. O quadro a seguir oferece uma visão geral da distribuição dos dados em relação às fontes.

		Corpus do Português	Folha de São Paulo	Site Reclame Aqui	Google
Grupo 1 parte do corpo	Construção de Argumento Cindido (CAC) EX.: <i>O jogador quebrou a perna.</i>	46	207	53	—
	Ergativa Canônica (EC) EX.: <i>A perna do jogador quebrou.</i>	0	0	1	17
	Ergativa Invertida (EI) EX.: <i>Quebrou a perna do jogador.</i>	0	0	0	—
Grupo 2 artefato	Construção de Argumento Cindido EX.: <i>O lápis quebrou a ponta.</i>	3	1	363	—
	Ergativa Canônica EX.: <i>A ponta do lápis quebrou.</i>	0	8	216	—
	Ergativa Invertida EX.: <i>Quebrou a ponta do lápis.</i>	1	0	22	—
Grupo 3 posse alienável	Construção de Argumento Cindido EX.: <i>Rubinho quebrou o carro.</i>	0	0	0	19
	Ergativa Canônica EX.: <i>O carro do Rubinho quebrou.</i>	0	0	0	—
	Ergativa Invertida EX.: <i>Quebrou o carro do Rubinho.</i>	0	0	0	—
Grupo 4 entidade-atributo	Construção de Argumento Cindido EX.: <i>A gasolina aumentou o preço.</i>	0	6	24	13
	Ergativa Canônica EX.: <i>O preço da gasolina aumentou.</i>	15	14	17	—
	Ergativa Invertida EX.: <i>Aumentou o preço da gasolina.</i>	0	1	0	—

Tabela 5: Distribuição geral dos dados em relação à fonte

Como podemos observar, as ocorrências das construções do 1º grupo (parte do corpo) foram mais frequentes nos dados obtidos na Folha de São Paulo (FSP). A quase totalidade das ocorrências desse grupo são exemplos da CAC. Foi encontrada apenas uma ocorrência da EC- parte do corpo em nossas três fontes básicas de pesquisa. Por esse motivo, recorreremos ao *google* para atestar o uso da EC- parte do corpo.

Já as ocorrências do 2º grupo (artefato), são quase todas provenientes do *site* Reclame Aqui, havendo um certo equilíbrio entre a CAC e a EC, com predomínio da CAC. Nesse site, também foram atestados alguns casos da EI. Nos dados da Folha de São Paulo, foram encontradas apenas nove ocorrências de construções desse grupo; a grande maioria corresponde a exemplos da EC-artefato.

Em nenhuma das três fontes registramos ocorrências da CAC-posse alienável (*Rubinho quebrou o carro*). Nesse caso, mais uma vez, recorreremos a buscas livres no **google** para atestar o uso dessa construção. Assim, todos os exemplos da instanciação desse subtipo da CAC foram encontrados via *google* e cada uma de suas citações ao longo do texto será acompanhada da respectiva fonte.

Em relação ao 4º grupo, verificamos, entre as três fontes básicas, um certo equilíbrio na ocorrência da EC-entidade-atributo. A CAC-entidade-atributo, por sua vez, apesar de também ter sido encontrada na Folha de São Paulo, foi mais frequente no *site* Reclame Aqui. Considerando nossa intuição acerca das possibilidades de instanciação dessa construção, também realizamos algumas buscas no google com o intuito de atestar alguns outros usos dessa versão da CAC.

Assim, apesar de não contarmos com condições ideais, no que diz respeito à coleta de dados para pesquisa, entendemos que o banco de dados constituído nos permite oferecer uma boa descrição da CAC e analisar, ainda que em níveis diferentes de profundidade, seus quatro subtipos: a CAC-parte do corpo, a CAC-artefato, a CAC-posse alienável e a CAC-entidade/atributo. A observação das centenas de ocorrências reunidas nos permitiram verificar algumas de nossas hipóteses iniciais sobre cada um desses subtipos, elaborar outras e avançar consideravelmente na análise dessa Construção de Estrutura Argumental do PB.

5 A FAMÍLIA DE CONSTRUÇÕES DE ARGUMENTO CINDIDO NO PB

Neste capítulo apresentamos nossa proposta de descrição e análise da Família de Construções de Argumento Cindido que identificamos no Português do Brasil. Os pressupostos teóricos que fundamentam tal proposta foram devidamente explicitados no segundo capítulo desta tese e, a todo momento, serão aqui retomados, na terminologia utilizada, nas justificativas apresentadas e no próprio desenho que nosso percurso analítico assumirá. Os dados de uso examinados, que tiveram sua origem identificada e justificada no capítulo três, aparecerão sempre com referência à fonte. Nos poucos casos em que isso não acontece, as sentenças ilustrativas devem ser consideradas exemplos construídos, licenciados por nossa intuição.

A primeira parte desse percurso analítico é dedicada à caracterização geral dessa família de construções e à descrição de cada um de seus membros, enfatizando os tipos de verbos e SNs licenciados (em suas características sintáticas e semânticas), bem como os padrões de uso evidenciados nos dados obtidos.

Em seguida, reunimos nossos argumentos a favor da tese de que a CAC é uma Construção de Estrutura Argumental do Português, na qual se evidencia um desencontro no número de papéis sintáticos e semânticos. Nesse ponto, analisamos detalhadamente como se dá a associação dos papéis argumentais da CAC com os EFs centrais dos verbos que nela ocorrem e identificamos, nessa associação, a origem do mencionado desencontro, que, segundo nossa análise, tem motivação discursivo-pragmática. Esse segundo momento da análise é, então, concluído com uma discussão a respeito do estatuto da CAC como uma construção de tópico do PB.

Na última parte do capítulo, apresentamos nossa proposta de formalização da Família de Construções de Argumento Cindido no PB, nos termos da *Sign-Based Construction Grammar* – a

extensão formal da Gramática das Construções, cujos princípios básicos foram apresentados na subseção 2.1.7.

Contudo, antes de iniciarmos propriamente esse percurso, definimos, na próxima seção, nosso posicionamento a respeito dos chamados pares alternantes. A intenção desta breve seção é ratificar nossa posição contrária a análises de viés derivacionista e esclarecer as razões pelas quais nossa análise da CAC faz referência a Construções Ergativas Canônicas e Invertidas, reconhecendo a possível relação de paráfrase que se pode estabelecer entre as construções objeto deste estudo e as construções que integram o nosso “grupo controle” (seção 4.2).

5.1 O Papel dos chamados pares alternantes na descrição e análise da CAC

A decisão de iniciar o capítulo de descrição e análise com uma breve discussão a respeito dos chamados pares de alternância decorre da crença de que, independente da perspectiva assumida, um estudo minimamente rigoroso da CAC não pode ignorar completamente os pares em (106-109).

(106) *Maria queimou a mão. / A mão de Maria queimou.*

(107) *A máquina queimou o flash. / O flash da máquina queimou.*

(108) *Rubinho quebrou o carro. / O carro do Rubinho quebrou.*

(109) *O preço do café subiu. / O café subiu o preço.*

Não é difícil reconhecer nesses pares um prato cheio para abordagens gerativistas que mantêm, nas suas diferentes versões, a tendência de tratar um determinado padrão sintático em

relação a uma possível paráfrase. Esse é o tratamento tradicionalmente oferecido, por exemplo, às chamadas alternâncias ativo-passiva e causativo-ergativa.

Como observam Gries e Stefanowitsch (2004), a gramática transformacional demonstra, via de regra, uma preocupação com a relação formal entre os membros de pares alternantes. Uma relação tipicamente capturada em termos de mecanismos derivacionais – como as regras transformacionais, que relacionam os dois membros do par à mesma estrutura profunda. Inclusive, essa é, como vimos, a análise sugerida por Ciríaco para a CAC. Segundo Ciríaco, o padrão estrutural da CAC seria resultado do alçamento parcial do complemento de uma construção causativa (ver capítulo 3). Também foi esse tipo de análise que cunhou o termo *possessor raising* para estruturas como as que aqui estamos chamando CAC-parte do corpo.

Ainda segundo Gries e Stefanowitsch (2004), abordagens gerativas mais modernas, embora ainda interessadas nas propriedades formais desses pares alternantes, focam especialmente em duas questões: (i) qual dos dois membros representa a 'estrutura argumental básica' de um dado verbo; (ii) quais condições semânticas determinam se uma dada palavra pode passar pela mudança na estrutura argumental necessária para que ela possa ocorrer no membro 'não-básico' (Pinker, 1989; Levin, 1993).

As abordagens discursiva-funcionais, por sua vez, também dedicam alguma atenção a possíveis fenômenos de alternância, investigando as diferenças funcionais entre os dois membros envolvidos. Nesse caso, o foco está, especialmente, na análise das diferentes maneiras pelas quais esses padrões sintáticos empacotam o fluxo informacional. Normalmente, tais abordagens procuram mostrar que os falantes escolhem uma ou outra variante dependendo de como ela permite o empacotamento do conteúdo que se quer expressar. Essa é, por exemplo, a perspectiva assumida por Lambrecht (1994), com o estudo das *allosentences* (ver seção 2.5). De modo geral,

as propriedades formais dos pares de alternância não são explicitamente tratadas nessa perspectiva.

Finalmente, como já mencionado, o paradigma construcionista rejeita completamente a hipótese de derivar um determinado padrão sintático de um outro supostamente mais básico. Nessa abordagem, cada membro dos chamados pares alternantes **é uma Construção**, que deve ser tratada em seus próprios termos (Goldberg, 2002, 2006). A proposta de Goldberg, particularmente, atribui aos verbos envolvidos a responsabilidade pela relação parcial de paráfrase observada nos pares normalmente usados para ilustrar supostas alternâncias.

Como na visão construcionista a semântica de uma construção é associada à semântica dos verbos que nela ocorrem, quando um determinado verbo é usado – com o mesmo sentido – em duas construções diferentes, o mesmo *frame* é evocado, com os mesmos EFs centrais *perfilados*; daí a forte proximidade semântica entre pares como (110).

(110) *O jogador quebrou a mão. / A mão do jogador quebrou.*

Observamos que, nesses enunciados – pragmaticamente distintos –, temos exatamente os mesmos verbos, os mesmos itens lexicais e as mesmas relações semânticas entre esses itens. Daí, a evocação da mesma cena conceptual. Apesar disso, na perspectiva aqui assumida, temos duas construções diferentes, entre as quais não existe qualquer relação do tipo derivacional e acerca das quais não fazemos qualquer especulação quanto ao estatuto *mais básico* de uma em relação à outra.

É preciso ficar claro que nossa recusa em aceitar uma análise derivacional para a CAC não significa que descartamos completamente as contribuições advindas da observação de pares como aqueles apresentados no início da seção. Pelo contrário, entendemos que as possíveis

paráfrases da CAC são um recurso valioso na obtenção de evidências a favor de sua análise como uma Construção de Estrutura Argumental do Português. Isso porque, como veremos, a observação de certas Construções Ergativas Canônicas, que a princípio serviriam de paráfrase para a CAC, ajudam na identificação de características formais e de condições de uso da Construção de Argumento Cindido. De fato, não vemos incompatibilidades entre o uso desse recurso analítico e a, aqui assumida, Hipótese da Generalização de Superfície (*Surface Generalization Hypothesis*), segundo a qual “there are typically broader syntactic and semantic generalizations associated with a surface argument structure form than exist between the same surface form and a distinct form that it is hypothesized to be syntactically or semantically derived from (GOLDBERG, 2002, p. 3).

Com isso, reafirmamos nossa proposta de analisar a CAC em **seus aspectos sintáticos, semânticos e discursivos**; e não com uma estrutura secundária, resultante da aplicação de determinada regra transformacional. Assumir simplesmente que a estrutura da CAC é resultado do alçamento do SN-possuidor do sujeito da Ergativa Canônica, ignora o fato de que a estrutura da CAC apresenta características intrínsecas, independentes de sua possível relação com a Ergativa Canônica. Só a análise da CAC e de seus subtipos em seus próprios termos pode explicar, por exemplo, a impossibilidade de se usar uma estrutura como a dos enunciados abaixo, com o intuito de expressar uma situação ergativa:

(111) **O clube encheu a festa.* (= *A festa do clube encheu.*)

(112) **O turista extraviou a bagagem.* (= *A bagagem do turista extraviou.*)

(113) **O funcionário atrasou o pagamento.* (= *O pagamento do funcionário atrasou.*)

(114) ??*O tanque vazou o combustível*¹. (= *O combustível do tanque vazou.*)

(115) ??*A panela esquentou o cabo.* (*O cabo da panela esquentou.*)

¹ Embora (114-115) não pareçam totalmente improváveis, não encontramos exemplos desse tipo em nossas buscas através do *google*.

Outro argumento a favor da análise da CAC como uma construção independente é o predomínio massivo dessa estrutura para expressar dano em partes do corpo humano (ver dados e discussão a respeito na subseção 5.2.1.2). Embora possível, a Ergativa Canônica (EC), nesses casos, é significativamente preterida; o que não se justificaria, se assumíssemos que a EC é o padrão mais básico a partir do qual a CAC é gerada.

As restrições de uso, aliadas às especificidades da CAC, demonstram que não se trata de uma simples derivação, mas do estabelecimento de um padrão sintático-semântico-pragmático produtivo e muito freqüente.

Feitas essas colocações, poderia parecer incoerente o fato de nossa análise considerar, em diversos momentos, padrões sintáticos com os quais a CAC mantém uma possível relação de paráfrase. Contudo, especialmente no que diz respeito à semântica da construção, devemos ter em mente que o significado de uma sentença não se resume ao significado da Construção de Estrutura Argumental usada para expressá-la (GOLDBERG, 2002, 2006). Verbos e argumentos particulares – assim como informações contextuais – fazem parte do conjunto que orienta a construção do sentido. Daí a necessidade de investigar os verbos que aparecem na CAC, as especificidades dos SNs selecionados como seus argumentos e os contextos preferenciais de uso da CAC. Desse modo, a comparação com o uso de possíveis paráfrases – nas quais tais verbos remetem ao mesmo sentido veiculado pela CAC e nas quais se verifica a mesma relação PARTE/TUDO e/ou POSSUIDOR/POSSUÍDO entre os constituintes que formam seu argumento semântico – revela-se um recurso eficiente na compreensão dos mecanismos envolvidos na produção, na interpretação e no uso da CAC.

Dito isso, passemos à apresentação de nossa proposta de descrição e análise da CAC. Como sinalizado anteriormente, começamos com a identificação geral da CAC e de seus subtipos.

5.2 A CAC e seus Subtipos

A identificação geral do fenômeno aqui investigado e a caracterização preliminar da CAC foram feitas a partir de um tipo específico de estrutura, a saber, aquela em que o SN-sujeito é um artefato e o SN-objeto é uma parte desse artefato, como nas estruturas destacadas a seguir:

- (116) ganhei um sapato de presente em janeiro e *ele arreventou a correia 4 vezes*
(Reclame Aqui)
- (117) *Se o carro fura o Pneu andando a uma Vel. de 80km/h e bate com um poste*
(Reclame Aqui)
- (118) *Notebbok queima HD em menos de 1 mês*
(Reclame Aqui)
- (119) *Reclamação contra a empresa Panex (panelas) - frigideira quebrou o cabo.*
(Reclame Aqui)

Contudo, como demonstram os exemplos que vimos apresentando desde o texto introdutório, logo percebemos que esta que rotulamos CAC-artefato (116-119) é apenas um membro de uma **Família de Construções do PB**. O olhar atento sobre o fenômeno e o contato com os dados de uso revelaram que existem outros conjuntos de Construções de Argumento Cindido no PB, isto é, outros tipos de construções ergativas transitivas, nas quais se verifica, entre o SN-sujeito e o SN-objeto, uma relação bastante específica de PARTE/TUDO e/ou POSSUIDOR/POSSUÍDO. Em outras palavras, uma família de construções ergativas, cujo único argumento semântico (representável por um SN complexo) é sintaticamente cindido, de modo a preencher as posições de sujeito e objeto. Consideraremos, a seguir, os subtipos identificados e analisados neste estudo.

5.2.1 Os Membros da Família da CAC

Na perspectiva aqui assumida, a noção de “família de construções” remete ao postulado cognitivista de que a gramática de uma língua será o conjunto de todas as suas construções, relacionadas através de redes, cujos nódulos são concebidos em termos de relações de herança (ver subseção 2.1.6). Conforme explicitado anteriormente, a SBCG assume que o modelo de herança lexical é o modelo apropriado para dar conta das relações entre construções e, nesse modelo, “*a type B inherits from (is a subtype of) another type A, if and only if the set of feature structures corresponding to B is a subset of the set of feature structures corresponding to A*” (MICHAELIS, 2009, SAG, 2010). É nesse sentido que classificamos as quatro construções aqui identificadas como subtipos da CAC.

Os aspectos formais e semânticos dos dados analisados até o momento reforçam nossa ideia de que é possível estabelecer uma relação de parentesco entre os seguintes tipos de ocorrência:

- (120) *Pedro quebrou o braço.* (CAC-parte do corpo)
- (121) *O óculos quebrou a haste.* (CAC-artefato)
- (122) *Rubinho quebrou o carro.* (CAC-posse alienável)
- (123) *Marina piorou o humor.* (CAC-item-propriedade)

Essa similaridade formal e semântica também parece ser percebida pelos usuários, como sugere o curioso exemplo abaixo:

- (124) *Recentemente tive um fusca branco, esse da fotografia. Mas **ele fundiu o motor** na estrada de terra e **eu fundi a cuca**. Comprei um carro zero, como convém a uma cinquentona. Desisti de tudo que o fusca simbolizava.*

<vovoviuoovni.zip.net/index.html>

Assim, nossa pesquisa procura identificar, descrever e analisar a rede de Construções de Argumento Cindido do Português com, pelo menos, seus subtipos mais representativos. A caracterização desses subtipos leva em consideração, principalmente, as classes dos verbos licenciados, o tipo semântico da entidade afetada e os padrões de uso das diferentes versões da CAC. Os dados obtidos permitem, neste momento, a segura identificação e caracterização de quatro membros dessa família de construções: a *CAC-artefato*; a *CAC-parte do corpo*; a *CAC-posses alienável*, e a *CAC-entidade/atributo*. As subseções seguintes são dedicadas a esses quatro membros da família da CAC.

5.2.1.1 A CAC- artefato

A CAC-artefato foi a primeira a chamar nossa atenção e foi, como já mencionado, a estrutura que motivou esta pesquisa. Seu uso é normalmente atestado em estudos sobre construções de tópico no PB (PONTES, 1987; KATO, 1989), principalmente com dados de língua falada. Esta pesquisa, entretanto, revela que também é possível encontrá-la, com significativa frequência, em registros escritos.

Nos nossos dados, a quase totalidade de ocorrências da CAC-artefato foram encontradas no *site Reclame Aqui*. Como já comentado, as próprias características do *site* favorecem a ocorrência desse tipo de construção. Diferentemente dos dados da *Folha*, por exemplo – que fala principalmente sobre pessoas e eventos –, os temas principais do *Reclame Aqui* são produtos e serviços. Daí a grande ocorrência de sentenças com artefatos e a quase nula ocorrência de construções com partes do corpo, do tipo aqui investigadas.

Inicialmente, chegamos a pensar que o fato da CAC-artefato não ser encontrada no *Corpus* do Português ou no da Folha de São Paulo seria um indício de que tal construção estaria restrita a um domínio discursivo bastante específico. Outra hipótese aventada foi a de que essa não-ocorrência seria explicada por uma suposta juventude da construção. Contudo, a constituição do grupo de controle (com as ergativas canônica e invertida) demonstrou que não é apenas a CAC que não aparece; nenhuma das três construções com artefato ocorre com frequência nos dados dessas fontes (ver tabela 3). Essa constatação nos impede, pois, de estabelecer qualquer relação entre a ocorrência da CAC-artefato e o tipo de texto; e também nos impede de fazer conjecturas a respeito da emergência dessa construção no Português do Brasil. Aliás, a ocorrência mais antiga da CAC-artefato (125) foi encontrada no *Corpus* do Português, onde foram encontradas apenas outras três instanciações das construções com artefato do tipo aqui analisadas. Essa ocorrência, com o verbo *partir*, é da obra *Vida Urbana*, de Lima Barreto, datando, portanto, de 1953.

(125) *Na entrada da Estrada Real, no canto da Rua José Bonifácio, graças a um buraco que a Light deixa entre os seus trilhos, **uma caleça partiu o eixo.***

(Corpus do Português)

Apesar dessa limitação dos dados em relação às fontes – o que só será de fato resolvido quando for constituído um grande *corpus* do Português do Brasil, com uma distribuição equilibrada de tipos textuais –, os dados coletados no *site Reclame Aqui* constituem um rico material para descrição e análise da CAC-artefato (cf. cd anexo).

Em relação aos tipos verbais, sua instanciação parece ser possível com qualquer verbo que expresse um dano, um prejuízo a um artefato, em acepção ergativa. Ou seja, ela é usada sempre

que o dano é conceptualizado pelo usuário como uma espécie de evento espontâneo, e não como resultado da ação de um agente.

Além dos verbos usados nas buscas sistemáticas (*arrebentar, derreter, descascar, descolar, descosturar, entortar, fundir, furar, quebrar, queimar, rasgar*), verificamos a ocorrência da CAC com vários outros verbos, como *soltar, trincar, partir, descarregar, acabar, romper, etc.*

(126) ***reebok soltou a lingua em menos de 3 meses de uso.***

(Reclame Aqui)

(127) ***OLÁ , meu celular trincou o vidro, mas ele funcional tudo só ã dá p ver nada.... gostaria de saber se o q devo trocar é o vidro mesmo***

<<http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-91401853-vidro-touch-mp7-midi-377-midi-399-foston>>

(128) ***o Smart da minha namorada partiu a correia do AC***

(Reclame Aqui)

(129) ***Meu ipod descarregou a bateria***

<www.ipodclub.com.br/forum/index.php?>

(130) ***Bem,para resumir, o carro acabou a gasolina, perto do Carrefour(pois e la que ela abastece), e para melhorar a situacao,paramos do lado da Moscou***

<<http://flogao.com.br/sicdm/foto/26/7448643>>

(131) ***a barragem “Júlio Marinho” rompeu a lateral, com isso a água passa com maior intensidade fazendo com que a lagoa baixe seu nível***

<idopa.blogspot.com/2008_04_01_archive.html>

Tomados em conjunto, esses verbos constituem um grupo bastante definido de verbos que evocam o frame de dano. No caso específico da CAC, esses verbos são usados ergativamente, evocando, portanto, **o frame de dano sofrido**. Contudo, a CAC não é a única possibilidade de

ocorrência desses verbos, com o sentido de dano sofrido. Como já observado, esses verbos ocorrem, prototipicamente, em Construções Ergativas Canônicas (132-135):

(132) *Ele foi pular de bungee jump, mas a corda arrebentou.*

<www.dihitt.com.br/.../corda-arrebenta-em-salto-de-bungee-jump-veja>

(133) *O copo quebrou e não foi preciso mais nada além da voz de Yma Sumac*

<www.lowcura.blogspot.com/.../o-copo-quebrou-e-no-foi-preciso-mais.html>

(134) *Então, de repente, a janela trincou.*

<www.iasdemfoco.net/mat/.../abrejanela.asp?Id=222>

(135) *Uma adutora rompeu nesta quinta feira e criou um enorme buraco em Cuiabá (MT)*

<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4059198-EI8139,00>

Segundo os princípios da Semântica de Frames, se temos as mesmas unidades lexicais e o mesmo sentido, podemos concluir que o mesmo frame será evocado. E isso é o que de fato ocorre. Cada um desses verbos, tanto na CAC como na Ergativa Canônica evocam o frame de dano sofrido. Esse frame, por sua vez, como comprovam os exemplos em (132-135), possui apenas um Elemento de Frame (EF) obrigatoriamente expresso: a entidade afetada.

Tomemos, por exemplo, o verbo *quebrar*, que, em seu sentido incoativo, tem um único EF central: a entidade afetada – o *quebrado*. Este é, como demonstram as sentenças abaixo, o único participante obrigatoriamente expresso. No Português, o SN que corresponde a esse argumento semântico pode ocorrer na posição de sujeito (136) e (138) ou de objeto (137) e (139), sendo preferida a primeira opção.

(136) *O brinquedo quebrou.*

(137) *Quebrou o brinquedo.*

(138) *A xícara quebrou*

(139) *Quebrou a xícara.*

Em alguns casos, por conta da intenção comunicativa do falante, ou mesmo da necessidade de detalhamento da informação a ser veiculada – ou, como veremos, de especificidades da própria entidade afetada – esse SN-paciente ocorre na forma de um SN complexo, do tipo ilustrado a seguir.

(140) *O brinquedo da Isabela quebrou.*

(141) *Quebrou o brinquedo da Isabela*

(142) *A asa da xícara quebrou.*

(143) *Quebrou a asa da xícara.*

Nessa situação, observa-se, entre os elementos que compõem esse SN, uma relação de PARTE/TUDO (140, 141) e/ou POSSUIDOR/POSSUÍDO (142, 143). Esses dois tipos de relação vão gerar situações distintas. As construções aqui chamadas CAC-artefato serão uma opção para o falante, quando a relação for do tipo PARTE/TUDO. Os casos em que há uma relação do tipo POSSUIDOR/POSSUÍDO serão discutidos mais adiante, quando tratarmos da CAC-posse alienável. Consideramos tal subdivisão necessária porque a relação do tipo PARTE/TUDO configura uma relação de posse inalienável, que caracteriza os três principais subtipos da CAC e, nesse aspecto, a CAC-posse alienável se revelará um subtipo especial da CAC, com restrições específicas e padrões de uso não verificados nos outros subtipos.

Focando então na CAC-artefato, entendemos que ela será uma opção em todos os casos em que se deseje expressar um dano sofrido por um artefato, que possa ser realizado como um

SN complexo, no qual se verifique uma relação de PARTE/TODO. A CAC-artefato pode, portanto, ser caracterizada como uma Construção de Argumento Cindido, com verbo que evoca o frame de dano sofrido. Seu sujeito é um artefato e seu objeto uma parte específica desse artefato, configurando uma relação de posse inalienável.

(144) *A xícara quebrou a asa.*

(145) *a escova nº 21(pequena) entortou as cerdas*

(Reclame Aqui)

(146) *Só que alegria de pobre dura pouco,(bolsa rasgou a alça)*

(Reclame Aqui)

(147) *O produto grill derreteu a base plastica.*

(Reclame Aqui)

(148) *Modelo Melissa Hello II descascou todo o salto.*

(Reclame Aqui)

Um aspecto que chama a atenção nesse subtipo da CAC é a variabilidade das formas gramaticais/lexicais na realização linguística do seu sujeito. Comparadas com as dos outros membros da família da CAC, as estratégias de retomada do SN-TODO na CAC-artefato são muito mais ricas e variadas (149-154).

(149) *Comprei um mouse na Kabum número de pedido: 26098 e após 8 dias de uso o mesmo quebrou os botões.*

(Reclame Aqui)

(150) *Comprei duas bonecas "miracle baby" ambas quebraram o pescoço. Minha filha (06 anos) adora a boneca e não sei o que fazer para consertá-la.*

(Reclame Aqui)

(151) *Uso as sandálias havaianas há muito tempo, porém em cerca de 7 ou 8 meses **três pares arrebentaram as tiras**, coisa que a empresa alega que não acontece.*

(Reclame Aqui)

(152) *Comprei um aparador de grama Tramontina de 800W, e com duas utilizações **o equipamento derreteu as parte de plastico**.*

(Reclame Aqui)

(153) *boa tarde! eu comprei um tamanco, em canasvieras, santa catarina no momento em que passeava por la, e agora com pouco mais de trinta dias **ele arrebentou a tira da frente***

(Reclame Aqui)

(154) *venho através deste e-mail reclamar que comprei dois óculos de natação (segue modelo abaixo) na qual **o primeiro arrebentou a tira** em menos de 2 meses de uso, e **o segundo saiu a vedação***

(Reclame Aqui)

Essa característica pode ser relacionada ao tipo de linguagem da fonte dos dados. Como é possível observar pelos exemplos (cf. também anexo com os textos completos), os textos são escritos em uma linguagem com muitas marcas de oralidade e razoável grau de informalidade. Por outro lado, é interessante notar que muitos dos recursos utilizados indicam, por parte do usuário, uma tentativa de dar um caráter mais formal ao texto. O resultado disso é um texto bastante peculiar: uma escrita fortemente oralizada (com hesitações, repetições, reduções), com pequenos toques de recursos típicos da língua escrita mais formal. Por exemplo, na fala cotidiana raramente são feitas retomadas com expressões como “o mesmo” ou “ambos”, principalmente quando o referente é um objeto, mas o número de ocorrências dessas formas na CAC-artefato é significativo.

(155) *Comprei uma bicicleta no Carrefou semana passada e **a mesma** quando sai da loja **arrebentou o guidom** a 30 metros que eu andava sobre ela.*

(Reclame Aqui)

(156) *Pois é adiquiri um soutien tamanho G da marca citada acima nas Lojasa Renner do Shopping Praiamar da Cidade de Santos - SP e na primeira lavagem (menos de uma semana de uso) **o mesmo arrebenta a alça** (rasga o tecido no local de encaixe da alça)*

(Reclame Aqui)

(157) *uma vez que comprei uma sandália a +/- 08 meses, e **esta por sua vez quebrou o salto de um pé.***

(Reclame Aqui)

(158) *fiz uma reclamação junto ao sac da candide em dezembro e a te hj nao fui atendida...comprei 2 carrinhos da xuxa e **ambos quebraram algumas peças...** agora, se o jipe se chama rally deveria ter uma certa resistencia e nao quebrar com uma batidinha de nada*

(Reclame Aqui)

Outra característica marcante da CAC-artefato é o fato de que suas instâncias apresentam, normalmente, uma estrutura mais complexa do que a observada nos outros subtipos da CAC. Provavelmente, isso também pode ser relacionado ao tipo de linguagem utilizada nesses textos ou à própria função pragmática do texto. Os usuários que escrevem no site têm necessidade de disponibilizar um grande número de informações sobre o artefato que, normalmente, é tópico do discurso, já que, no final das contas, eles procuram solução para um problema específico com um determinado produto adquirido. Por isso, usam e abusam do recurso de especificação e subespecificação dos SNs TODO e/ou PARTE. Além disso, anexam informações temporais e/ou circunstanciais, criando sentenças bem maiores e mais complexas do que as verificadas com os outros membros dessa família de construções.

(159) *infelizmente pela terceira vez venho aqui deixar minha insatisfação pela fralda pampers basica pois de 2 pacotes **uma fralda de cada pacote mais uma vez arrebentou a fita adesiva***

(Reclame Aqui)

(160) *novamente ficar sem o carro, já que **o mesmo andou menos de 10 km após sair da oficina, e arrebentou a correia dentada.***

(Reclame Aqui)

(161) *Comprei uma cadeira para usar com o computador produto " cad office c/gas pt" data da compra 05/06/08 nota fiscal n° 4470830 e aconteceu que **esta cadeira final de dezembro quebrou um dos pés**, e ao reclamar na loja com um vendedor ele me disse que realmente esta cadeira havia tido muita reclamação do mesmo problema ,no caso o pé que quebra, (...)*

(Reclame Aqui)

(162) *Acontece que, com menos de um mês de uso, **o tênis começou a descosturar uma das alças que seguram o cadarço.***

(Reclame Aqui)

(163) *Comprei um Samsung Omnia i900 na Claro! Bom, depois que terminei de pagar a terceira parcela de seu astronômico valor, notei que **o mesmo iniciou a descascar a moldura prateada ao redor da tela.***

(Reclame Aqui)

Finalmente, ao confrontar tais ocorrências com os dados do grupo de controle, identificamos um aspecto semântico dos núcleos dos SNs da construção que parece ser levado em conta pelo usuário na hora de optar entre a CAC e a Ergativa Canônica. Verificamos um número muito maior da Construção Ergativa Canônica quando a relação PARTE/TODO é, mais especificamente, uma relação entre PARTE/SUBPARTE, como nos exemplos a seguir:

(164) *Comprei um tenis da marca Bull Terrier, usei duas vezes, e **a presilia do cadarço arrebentou***

(Reclame Aqui)

(165) *Tenho um scenic 2005, e esta com 100.000 km fui fazer uma manobra para estacionar e escutei um click dentro do volante fui informado que **a "fita" do air bag arrebentou**. Não acho quem conserto a não ser trocar todo o equipamento que custa algo por volta de 300,00 reais.*

(Reclame Aqui)

(166) *Possuo uma Ford Escort SW 1997. **Meu cabo de embreagem arrebentou** próximo da alavanca da caixa de câmbio a 60 Km/h.*

(Reclame Aqui)

(167) ***o flexível (mangueira q passa fluido de freio para a roda) da roda esquerda dianteira arrebentou**, me deixando assim, sem freios.*

(Reclame Aqui)

Isso também ocorre na CAC, mas em número bem menor. E o contraste entre as duas formas fica claramente evidenciado na comparação dos pares (168) - (169) e (170) - (171).

(168) ***Tira da fita arrebenta***

Quero deixar resgitrado a minha reclamação em relação a tira da fita das fraldas...em quase todo os pacotes sempre tem uma ou duas com defeito

(Reclame Aqui)

(169) ***Fralda pampers básica arrebenta fita adesiva***

infelizmente pela terceira vez venho aqui deixar minha insatisfação pela fralda pampers

(Reclame Aqui)

(170) ***Comprei um fogão DAKO 5 queimadores no Bompreço, quando fomos utilizar o queimador central (o maior), pasmem a base do queimador derreteu manchando o inox e deformando a tubulação***

(Reclame Aqui)

(171) ***fogão Brastemp Unique Protege derrete as trempes***

Ocorre que minha mãe no mês de fevereiro deste mesmo ano comprou um fogão de quatro bocas da marca Brastemp, modelo Unique Protege

(Reclame Aqui)

Em nossa proposta, este é um aspecto que favorece a análise da CAC como sendo essencialmente uma construção de tópico. Se nenhum dos dois SNs envolvidos na cena a ser descrita é um forte candidato a tópico, a Ergativa Canônica parece a opção mais adequada. Tanto em (168) como em (169), o objeto da reclamação (e, portanto, o assunto da proposição) é *a fralda*. Isso parece influenciar a opção pela CAC em (169) e o uso da Ergativa Canônica em (168). Se em (168) a opção fosse pela CAC (*Fita arrebenta tira*), o usuário promoveria à posição de tópico um SN que, nesse contexto, não tem estatuto comunicativo para tal. Da mesma forma, uma opção pela Ergativa Canônica em (169) (*fita adesiva da fralda pampers básica arrebenta*), abriria mão de marcar sintaticamente o papel do SN *fralda* na estrutura informacional da sentença em questão, a saber, o de **tópico**.

Em relação aos aspectos gerais de seu uso, nossos dados demonstram uma equilibrada alternância entre a CAC-artefato e a Ergativa Canônica correspondente. Tal alternância ocorre com todos os verbos pesquisados, como demonstra o quadro a seguir.

	CAC-artefato	Ergativa Canônica-artefato	Ergativa Invertida-artefato
Arrebentar	26	17	5
Derreter	10	8	0
Descascar	60	35	0
Descolar	113	50	1
Descosturar	7	8	0
Entortar	5	5	0
Fundir	14	2	0
Furar	6	7	3
Quebrar	49	50	8
Queimar	42	19	5
Rasgar	31	14	0

Tabela 6: Distribuição das ocorrências do site *Reclame Aqui* em relação aos verbos de dano em artefato

Na seção 5.3.2, argumentaremos que essa alternância, que não se verifica, por exemplo, na CAC-parte do corpo, é uma evidência a favor da análise de *tópico* para o sujeito da CAC.

Antes disso, consideremos aquele que parece ser o membro mais antigo da família da CAC: a CAC-parte do corpo.

5.2.1.2 A CAC-parte do corpo

O subtipo da CAC que estamos chamando de *CAC-parte do corpo* abarca usos linguísticos que se identificam diretamente com o que ficou conhecido na literatura como

Possessor Raising. Nesse caso, há, como na CAC-artefato, uma relação de posse inalienável, contudo, tal relação se verifica entre um possuidor humano e uma das partes do seu corpo.

(172) ***O homem quebrou a espinha, sr. Doutor, caiu duma oliveira abaixo.***

(Corpus do Português)

(173) *Durante a luta com os cães, Paulo machucara a perna e, desde então, passara a mancar.*

(Corpus do Português)

(174) ***Dora já arrebentou o nariz, levou pontos na cabeça e quase morreu afogada***

(Folha de São Paulo)

(175) *No treino de ontem Ranielli torceu o tornozelo.*

(Folha de São Paulo)

(176) ***Meia dos EUA fratura a cabeça no jogo.***

(Folha de São Paulo)

Embora não tenhamos identificado um estudo específico sobre a construção de *possessor raising* no PB, a caracterização geral do fenômeno parece corresponder àquela obtida através da análise do fenômeno em outras línguas. Assim, no que diz respeito à sintaxe da construção e sua caracterização geral, O'Connor (1996), que estuda o *possessor raising* em uma língua indígena do norte da Califórnia, observa que as análises do fenômeno em diversas línguas convergem na conclusão de que a alternância é licenciada sob duas condições gerais: (i) o possuidor deve ser alçado de um argumento absolutivo, ou seja, de um argumento que seja objeto de um verbo transitivo ou sujeito de um verbo intransitivo; (ii) deve existir uma relação de **posse inalienável** entre os constituintes desse argumento.

No PB, em relação à primeira condição, na construção com um único argumento sintático (a ergativa canônica), este argumento seria o sujeito de um verbo intransitivo (177-179). Em

relação à segunda condição, até onde pudemos observar, nas instanciações típicas, mais antigas e mais freqüentes da CPR, o elemento possuído é mesmo uma parte do corpo, atendendo ao requisito de posse inalienável. Ainda segundo O'Connor (1996), a construção de *possessor raising* é tradicionalmente tratada em termos da alternância entre uma sentença com um único argumento composto por *possuidor* e *coisa possuída* (177-179) e uma sentença em que esses dois elementos aparecem como constituintes independentes (180-182).

(177) *ELE VAI FALAR QUE É MENTIRA... também é mentira que ele não é gordo, que a mão dele quebrou pq não aguentou o peso..*

<http://afterdark.terra.com.br/.../64616_ATLETICO+E+O+RECORDISTA+DE+PUBLICO+EM+10+ANOS>

(178) *Meu braço quebrou em várias partes. Meu joelho fraturou. Tive cortes no rosto e na cabeça com a queda da máquina. Fui para o hospital.*

<<http://www.diariodaserra.com.br/img-paginas/105602.pdf>>

(179) *Estranhamente, a mão do jogador quebrou, ele ficou dez dias sem aparecer no VGD e, quando deu notícias, foi através da justiça*

<<http://www.lecmania.com.br/search.html?searchphrase=exact&searchword=internacional>>

(180) *mamãe fraturou as duas penas, uma delas com fratura exposta*

(Reclame Aqui)

(181) *eu torci o pé pq o motorista parou na rua bem em cima de um buraco, como estava escuro não dava pra ver*

(Reclame Aqui)

(182) *lamentável saber que os produtos dessa empresa não são confiáveis inclusive minha filha machucou a mão com o cabo que quebrou na hora de usar.*

(Reclame Aqui)

Entretanto, rejeitamos a tese de que o padrão sintático observado na CAC-parte do corpo é o resultado do “alçamento do SN-possuidor” de um argumento absoluto. A CAC-parte do corpo é uma construção diferente e independente da ergativa canônica, ilustrada em (177-179),

sendo, inclusive, a construção prototípica para a expressão de dano sofrido em parte do corpo no PB. O caráter prototípico dessa construção é intuitivamente percebido por qualquer falante do PB e facilmente confirmado pela frequência de ocorrência dessa construção.

Como vimos, os números apresentados na tabela (3), na seção 4.3, demonstram que a quase totalidade dos enunciados que expressam dano em corpo humano é da construção com dois argumentos sintáticos, isto é, da CAC-parte do corpo. Ou seja, embora a alternância seja uma possibilidade da gramática da língua, ela é bastante limitada no uso. Para ilustrar essa afirmação, basta dizer que uma busca no *google* da expressão “do jogador quebrou” – com a posição de núcleo do SN podendo ser preenchida por qualquer parte *quebrável* do corpo (mão, perna, pé, braço, etc.) – retorna oito ocorrências, sendo apenas três com SN parte do corpo, dentre as quais (179). Por outro lado, a busca com a sentença “o jogador quebrou a perna”, com todas as posições preenchidas, retorna mais de quatro mil ocorrências, sendo que o próprio mecanismo de busca seleciona 27 ocorrências, afirmando que as demais são “muito semelhantes”.

Desse modo, não verificamos, nos dados coletados ou nas buscas aleatórias, uma alternância entre a CAC-parte do corpo e o que seria uma Ergativa Canônica correspondente. Nos dados do Corpus do Português e da Folha de São Paulo, os enunciados que expressam dano em corpo humano são, em todos os casos, instanciações da CAC. Deve-se notar, entretanto, que isso não significa que a Construção Ergativa Canônica não seja uma possibilidade, pois, através do *google*, atestamos usos como (183-187).

(183) *mas pelo que vi tem bastante volume de sangue do pulmão pq **uma das últimas costela dele fraturou** e pegou o pulmão do lado direito*

<forum.darkside.com.br/vb/showthread.php?p=961044>

(184) *Apesar de ter tomado todos os cuidados recomendados, **meu joelho lesionou**.*

<<http://www.revistacontrarelogio.com.br/materias/>>

(185) **O dente incisivo do jogador quebrou.** Na última segunda-feira, o zagueiro voltou de Belo Horizonte e foi direto ao dentista para tratar o problema.

<www.netvasco.com.br/news/noticias12/29321.shtml>

(186) **E dirigiu-se ao fogo pra pegar o Graal, mas ele desapareceu, e a mão do menino queimou terrivelmente naquele fogo.**

<www.caleidoscopiodesonhos.blogger.com.br/2004_08_01_archive.html>

(187) **A canela do atleta quebrou** após uma divisão de bola entre ele e o goleiro Marcelo, do J.Junckes.

<www.an.com.br/ancidade/2008/fev/25/3ger.jsp>

Esse tipo de uso é validado, ainda, pelos dicionários da língua. O Houaiss (2002), por exemplo, prevê esse uso para *destroncar*, *queimar* e *fraturar*, oferecendo os seguintes exemplos:

(188) *com o esforço, seu braço destroncou*

(189) *sua mão queimou na panela*

(190) *a cabeça fraturou(-se) gravemente*

Contudo, nesse caso, os dados e a intuição fundamentam a conclusão de que o uso da Construção Ergativa Canônica para expressar dano sofrido em parte do corpo humano, embora possível, é extremamente limitado no PB. Em uma busca rápida no *google* de instanciações específicas de um e de outro tipo, com cada um dos verbos incluídos na pesquisa, obtivemos o seguinte resultado:

Expressão de busca			Número de ocorrências		
“ele deslocou o ombro”	X	“o ombro dele deslocou”	3.820	X	3
“ele fraturou o braço”	X	“o braço dele fraturou”	3.260	X	0
“ele cortou o dedo”	X	“o dedo dele cortou”	32.300	X	2
“ele destroncou o pescoço”	X	“o pescoço dele destroncou”	2	X	0
“ele queimou a mão”	X	“a mão dele queimou”	9.130	X	1
“ele furou o pé”	X	“o pé dele furou”	627	X	0
“ele lesionou a perna”	X	“a perna dele lesionou”	224	X	0
“ele machucou a perna”	X	“a perna dele machucou”	2250	X	1
“ele quebrou a perna”	X	“a perna dele quebrou”	48.900	X	281
“ele torceu o pé”	X	“o pé dele torceu”	13.000	X	0

Tabela 7: Comparação do número de ocorrências no google da CAC-parte do corpo X EC-parte do corpo

Apesar de pecar pela falta de rigor científico, essa busca no google confirma a tendência verificada na pesquisa no *corpus* da Folha e no *Corpus* do Português da quase total prevalência da CAC para expressar dano em corpo humano. Além disso, esse quadro evidencia que essa prevalência é sistemática e se confirma com todos os verbos pesquisados.

Com isso, no caso da CAC-parte do corpo, o fato de a paráfrase com um argumento ser tão pouco usada – e, em alguns casos, soar menos aceitável – fortalece a hipótese de que a CAC é uma construção independente, com características próprias e, conseqüentemente, depõe contra uma análise derivacional, do tipo proposto por Ciríaco (2007).

De fato, o conjunto de verbos que expressam danos físicos em pessoas apresentam comportamentos sintáticos distintos. Nesta pesquisa, trabalhamos com os verbos: *deslocar*, *destroncar*, *fraturar*, *furar*, *lesionar*, *machucar*, *quebrar*, *queimar* e *torcer*, e nem todos eles, por exemplo, aceitam a construção reflexiva:

(191) *Maria (se) machucou.*

(192) *Maria (se) queimou.*

(193) **Maria (se) destroncou.*

(194) **Maria (se) torceu.*

Apesar disso, todos eles ocorrem na CAC, desde os de uso muito geral, como *quebrar e machucar* aos de uso bastante específico, como *destroncar e deslocar*.

(195) *O ucraniano Alexander Gontchenkov quebrou a mão e também está fora.*

(Folha de São Paulo)

(196) *Caniggia machuca pé esquerdo em treino*

(Folha de São Paulo)

(197) *Na última quinta-feira ela destroncou a perna e foi fazer a prova no Departamento de Ciências.*

(Folha de São Paulo)

(198) *Schwantz deslocou o braço e o ombro esquerdos e não sabe ainda se corre*

(Folha de São Paulo)

É interessante observar, além disso, que a CAC é também a construção cristalizada em expressões idiomáticas, como verificamos em (199-201).

(199) *Espero não queimar a língua, mas vou elogiar o Kaká*

<www.colunistas.ig.com.br/mauriciostycer/2009/01/15/espero-nao-queimar-a-lingua-mas-vou-elogiar-o-kaka>

(200) *eu creio que muitos usuários já quebraram a cabeça para fazer uma dica e truque que funciona bem, e que elas nem passaram na avaliação*

<www.baixakijogos.com.br/forum/topico.php?>

(201) *Ela sabe disso, e ele mais ainda: **ela tem que quebrar a cara** quantas vezes for preciso para aprender a ouvi-lo melhor.*

<<http://url--indisponivel.blogspot.com/2008/05/ela-vai-continuar-quebrar-cara.html>>

Nos nossos dados, as ocorrências mais antigas da CAC, encontradas no *Corpus* do Português, datam do século XV (202-204). Trata-se, portanto, de um padrão sintático-semântico antigo e estável, o que torna ainda mais curioso o fato de ainda não ter sido devidamente descrito e estudado.

(202) ***el-rey dom Afonso quebrara a perna e a razão** como preytejara com el-rey dom Fernando de Liom e como, per azo daquelo, nom cavalgava em besta nem fazia ja as cavalgadas que soya fazer.*

(*Corpus* do Português)

(203) *Como **el-rey dom Afonso quebrou a perna** e foy preso del-rey dom Fernando de Liam.*

(*Corpus* do Português)

(204) *Quantas vezes ouviste dizer que aquelle morreo per cuitelo, aquele foi anagado, **aquele caíndo d'alto quebrou o pescoço**, aquele comendo se afogou, aquele em folgando e jugando fez sua fim, oucro no fogo, outro com ferro, outro de pestelença, outro matarom ladrões?*

(*Corpus* do Português)

No que diz respeito aos aspectos formais, consideremos primeiramente o SN que ocupa posição de objeto. O núcleo do objeto da CAC é sempre um item lexical – mais especificamente, um substantivo que designa uma parte do corpo humano –, sendo, muitas vezes, acompanhado de expressão adjetival, com função especificadora (205-208).

(205) ***O volante Par Zetterberg lesionou o menisco do joelho direito** durante partida de seu time , o Anderlecht*

(Folha de São Paulo)

(206) **Márcio** , então com 15 anos , **fraturou o fêmur da perna direita.**

(Folha de São Paulo)

(207) **O goleiro Márcio quebrou o dedo anular da mão esquerda** após um choque com Uésley.

(Folha de São Paulo)

(208) **Carlão machucou o músculo grande dorsal** no lado esquerdo das costas

(Folha de São Paulo)

Observe-se que essa possibilidade de especificação da parte atingida pode ser considerada uma 'vantagem' da CAC em relação à Ergativa Canônica. Isso porque, nessa última, tal tipo de detalhamento poderia gerar sintagmas nominais gigantescos (209). Embora a língua não apresente restrições específicas quanto a isso, esta é uma condição que o usuário, de modo geral, tende a evitar.

(209) **O dedo anular da mão esquerda do goleiro Márcio quebrou** após um choque com Uésley.

(207 modificado)

Tendo em vista que a relação PARTE-TODO é uma condição posta pela Construção, o SN-PARTE, ainda que não tenha sido mencionado anteriormente, tem referência definida. Com isso, os determinantes que ocorrem nesse sintagma são, na maior parte das vezes, artigos definidos (210). Nos dados, também encontramos numerais (211), possessivos (212), e alguns poucos exemplos sem determinante (213).

(210) **O motorista poderá queimar a mão**, além de trincar o cabeçote, devido ao choque.

(Folha de São Paulo)

(211) **O motorista**, que estava usando o cinto, **quebrou as duas pernas.**

(Folha de São Paulo)

(212) *O papa machucou sua mão ao prender- la em uma porta de carro.*

(Folha de São Paulo)

(213) *Niki Lauda quebra costelas em queda.*

(Folha de São Paulo)

Em relação ao sujeito da CAC, o SN-TODO, sua realização pode ocorrer na forma de um item lexical (214-215) – incluindo sinônimos, hipônimos e hiperônimos, indicando uma retomada –, mas também na forma de palavra gramatical (216-218), podendo, ainda, sofrer elipse (219).

(214) *Marley fraturou duas pernas no acidente.*

(Folha de São Paulo)

(215) *O jogador torceu o tornozelo e deve ser substituído por Tadeu .*

(Folha de São Paulo)

(216) *O candidato do PDT ao governo do Rio , Anthony Garotinho , sofreu um acidente de carro ontem de manhã. Ele fraturou o braço direito em três lugares e foi operado*

(Folha de São Paulo)

(217) *Luizinho substitui Ezequiel , que torceu o joelho direito e será operado na próxima semana*

(Folha de São Paulo)

(218) *Guterres, que o levou à casa da defunta Clementina! Antes tivessem ambos quebrado as pernas nessa ocasião!*

(Corpus do Português)

(219) *Nessa tarde, na rua, sabia-se já que a D. Felicidade Noronha torcera um pé na Encarnação (outros diziam que quebrara uma perna) e que a D. Luísa não lhe saía da cabeceira.*

(Corpus do Português)

Essa é uma característica interessante, que corrobora o *status* de tópico que nossa análise atribui ao SN-Sujeito da CAC, como veremos mais adiante.

Outra característica importante da CAC-parte do corpo é o fato de que, apesar de todos os verbos que ocorrerem nessa versão da CAC também poderem evocar um frame causativo e de o

SN-sujeito dessa construção ser (em todos os dados coletados) um ente humano – tendo todas as características necessárias para ser interpretado como agente –, a leitura ergativa é a não-marcada. Caso esse não seja o sentido pretendido, o usuário precisa indicar isso de alguma forma, marcando o verbo como de ação intencional (220) ou explicitando a dissociação semântica entre sujeito e objeto (221).

(220) *Jorge quebrou o próprio braço para receber a indenização da empresa.*

(221) *Jorge quebrou o braço de Vicente, durante a briga.*

Isso, de certo modo, corrobora o sólido estatuto da CAC-parte do corpo como uma Construção de Estrutura Argumental do Português. Vale ressaltar, ainda, que, embora em todos os dados reunidos na pesquisa o sujeito corresponda a um ser humano, a CAC-parte do corpo também pode ser usada para expressar dano no corpo de animais, como indicam estes exemplos encontrados via *google*.

(222) *minha cadela fraturou a pata também, caindo de mal jeito... ela foi calcificada errado*

<<http://de.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080515181830AAWAaUg>>

(223) *Um passarinho quebrou a asa e não pôde seguir os outros.*

<www.cristocentro.org.br/ilustracoes.asp?q=22>

(224) *O danado do Xerife queimou o focinho no cano de descarga de um carro.*

<<http://www.flickr.com/photos/pmh/403974127/>>

Com isso, a CAC-parte do corpo pode ser caracterizada como uma Construção de Argumento Cindido, com verbo que evoca o frame de dano sofrido em parte do corpo. Seu

sujeito é um ser vivo e seu objeto uma parte específica do corpo desse ser, configurando uma relação de posse inalienável.

Confirmando a assertiva de que esta é a construção prototípica para expressão de dano sofrido em parte do corpo, seu uso é atestado em todo tipo de texto – formal (225) ou informal (226); literário (227) ou não-literário (228); oral (229) ou escrito (225-228).

(225) *Meyer et al. em seu trabalho com grupo-controle concluem que, na ausência de doenças associadas, deficiência de cognição e incapacidade física a taxa de mortalidade não se altera quando o idoso fratura o fêmur.*

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-78522004000400008>

(226) *Ngm percdebeu,mas o cara quebrou o pé.... Foda!!!!*

<www.colunas.globoesporte.com/.../comment-page-4/>

(227) *Quantas vezes ouviste dizer que aquelle morreo per cuitelo, aquele foi anagado, **aquele caindo d'alto quebrou o pescoço***

(Corpus do Português)

(228) *Caniggia machuca pé esquerdo em treino.*

(Folha de São Paulo)

(229) *Eh , [eu] eu quebrei a ponta do cotovelo quando eu jogava futebol.*

(Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua – PEUL)

O exemplo (227), encontrado no Corpus do Português, é Português de Portugal (PP), datando de 1477. Isso demonstra que a CAC-parte do corpo não é uma construção exclusiva do PB, ocorrendo, pelo menos, desde o século XV, no PP. Por outro lado, em comunicação pessoal, o Prof. Augusto Soares da Silva nos informou que o mesmo não ocorre em relação à CAC-artefato. Segundo ele, para expressar o conteúdo semântico que nós expressamos através da CAC, o falante português teria como opções apenas (230) ou (231).

(230) *partiu o visor do telemóvel*

(231) *a tira da sandália rebentou*

Nas duas próximas seções, nos debruçamos sobre as peculiaridades dos dois subtipos menos frequentes – mas não menos interessantes – da CAC: a CAC-posse alienável e a CAC-entidade-atributo.

5.2.1.3 A CAC-posse alienável

O terceiro conjunto incluído no estudo é o das construções nas quais se verifica uma relação entre um *possuidor humano* e um *objeto possuído*; uma relação que, pelo menos a princípio, é do tipo tradicionalmente reconhecida como posse alienável (232-236).

(232) *Alguem sabe onde posso assistir o video em que a modelo gisele bundchen quebrou o salto na passarela.*

<<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090622062155AABc5ZT>>

(233) *O Nino furou outra vez o pneu dianteiro.*

<<http://valdonabike.com/ush/parte2.htm>>

(234) *Eu furei o pneu da frente com 18.000km e o boracheiro num conseguiu fechar o furo... me "vendeu" um pneu usado de titan por 10 reais*

<http://www.motonline.com.br/forum/forum_posts.asp?TID=12506&PN=34&TPN=1>

(235) *Cara, eu tenho trauma com a festa junina da escola, na do ano passado eu quebrei o salto, nessa eu sento num banco todo grudento, acho que não vou ir ano que vem.*

<<http://www.x-flog.com.br/sonhodevalsa/140023>>

(236) *Rubinho quebrou o carro. Que novidade! Terminou com saldo negativo.*

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071021105905AAbOpCX&cp=6>

É bem verdade que tais construções são pouco frequentes, mas o fato é que existem, são aceitas e devidamente interpretadas por qualquer falante do PB. Em relação à possível alternância com a Ergativa Canônica, acreditamos que aqui acontece o oposto do que acontece na construção com SN-parte do corpo: a versão com um argumento sintático (237-239) é bem mais frequente do que a CAC.

(237) *O carro do Rubinho quebrou, lembra do fator sorte?*

<http://www.jrsantiago.com.br/frias_47.html>

(238) *sei não seu Fh, acho que a vassoura da bruxa quebrou faz tempo.*

<<http://paginas.comentarios.ig.com.br/ig/00/51/51/comentarios/2008/05/18/14230984.xml?lista>>

(239) *O desejo ardente de crescer, de ser tão mau quanto eles, de não se importar se o brinquedo da criança quebrou, que os fantasmas se escondem debaixo da cama*

<<http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas/78341>>

Essa baixa frequência da CAC-posse alienável pode ser justificada pelo fato de que, quando a posse é alienável, a interpretação incoativa só é possível em condições bastante específicas. Na verdade, o que parece estar em jogo nessa variedade da CAC é um tipo especial de conhecimento por parte do falante/ouvinte (por exemplo, saber que, em condições normais, o Rubinho não quebraria seu próprio carro, nem a Gisele seu próprio salto). Não havendo algum conhecimento prévio que imponha a interpretação ergativa, a interpretação desse tipo de estrutura tende a ser causativa, atribuindo ao sujeito o papel de agente e ao objeto o papel de paciente (240, 241):

(240) *A bruxa quebrou a vassoura.*

(241) *A criança quebrou o brinquedo.*

Em alguns casos, o que se percebe é que o sujeito da CAC-posse alienável representa metonimicamente o artefato diretamente atingido pelo dano, como em (232), onde temos *Gisele* pelo *sapato da Gisele*, ou seja, a metonímia POSSUIDOR PELO POSSUÍDO. Esse uso metonímico também pode ser identificado em (242, 243), a seguir.

(242) *e quanto à estrada: um amigo de fartura entortou a roda numa viagem e qndo foi num borracheiro lá perto, de cara ele perguntou: “foi pra taquarituba é?”*

<<http://brogui.mtv.uol.com.br/2009/02/24/carnaval-2009-no-interior-de-sao-paulo/>>

(243) *Britney quebra salto!*

<<http://www.gazotube.com/02u0SSgQrb0.html>>

Nos dois enunciados acima, o SN-artefato TODO não aparece, mas fica subentendido. Em (242), entendemos que o que entortou foi a roda **do carro** do amigo e, em (243), que o que quebrou foi o salto **do sapato** da Britney. Observe-se que esse uso metonímico distingue essas ocorrências da CAC-posse alienável deste outro tipo de instanciação:

(244) *A especial é a narração quando o **Rubinho quebrou o carro** na ida pro grid GP Brasil 2001. Ele ficou na contagem regressiva.*

<<http://autoracing.virgula.uol.com.br/forum/index.php?s=fa3168227c2e12dbad96ad3c68725265&showto'pic>>

(245) *O carro do rubinho só quebrava se ele estivesse a frente do Schumacher estranho não?? Pode ver que esse ano **o rubinho não quebrou o carro** nem uma vez só por falta de gasolina e a roda caiu, e ele estava sempre a frente de schumacher conclusão??*

<<http://www.bestlap.com.br/velocidade/viewtopic.php?t=644&sid=4fc922e58ae67bb6ef94ad06fe47dbd2>>

Nesse caso, não há metonímia. A interpretação ergativa decorre da relação quase de posse inalienável que o falante/ouvinte estabelece entre Rubinho e seu carro de corrida; é como se o carro fosse conceptualizado como uma parte de Rubinho. Isso porque, todos sabemos, o

carro é o instrumento de trabalho de Rubinho e o piloto é extremamente prejudicado quando seu carro sofre qualquer dano. Vale notar que a leitura ergativa não se mantém, ou pelo menos a interpretação da sentença se torna ambígua, quando o sujeito é *Rubinho*, mas o segundo SN não é um carro.

(246)*Rubinho quebrou o barco.*

(247)*Rubinho quebrou a moto.*

Nessa situação, se o primeiro SN fosse um atleta famoso que compete usando barco ou moto, respectivamente, a interpretação ergativa, provavelmente, voltaria a ser a preferencial. É interessante observar que a interpretação ergativa se mantém mesmo em casos como (248), na qual o sujeito da CAC é uma expressão indefinida. Isso ocorre porque, nesse caso, a expressão “*todo mundo*” tem como referente um conjunto de pilotos (como explicita a enumeração feita duas sentenças à frente); é o reconhecimento do padrão sintático-semântico da CAC e o conhecimento de mundo que temos sobre a relação entre um piloto e seu carro que sustentam a leitura ergativa.

(248) ***Todo mundo quebrou o carro?*** *Rubinho correu sozinho? Espero mais um pouco e descubro que estavam todos lá, Felipe Massa, Michael Schumacher, Lucas Di Grassi e mais um monte de gente.*

<<http://blogmotor.net/tag/rubinho/>>

De todo modo, a CAC-posse alienável apresenta restrições bem específicas, que se refletem na sua frequência de uso. Como sua correta interpretação é mais dependente de informações contextuais do que as outras duas versões da CAC, seu uso acaba sendo mais limitado. Apesar

disso, não é muito difícil encontrar ocorrências dessa construção em pesquisa no *google*:

(249) *A McLaren foi mal. **Hamilton quebrou o motor**, De la Rosa foi o último. Alonso deveria ter sido escalado para estes treinos. A Super Aguri, em terceiro, muito bem. Assim como a Williams, em quarto.*

<<http://colunistas.ig.com.br/flaviogomes/2007/03/30/nasceu-de-novo/>>

(250) *Essas coisas acontecem, **o Schumacher quebrou o motor na corrida passada.***

<<http://br.groups.yahoo.com/group/trincasdeuba/message/508>>

(251) *E tudo deu certo para o histerismo do Galvão se superar: O Felipe passeou em Interlagos, **o Schumacher furou o pneu e ainda chegou em quinto e o Alonso conquistou o título.***

<<http://reflexaosobrerodas.blogse.com.br/blog/conteudo/>>

(252) *Em uma das crateras, **nosso repórter entortou a roda e perdeu a calota.***

<<http://www.emdianews.com.br/noticias/estrada-de-acesso-a-serra-da-capivara-e-a-pior-do-brasil-3832.asp>>

(253) *se não fosse eu a trilha tinha acabado meio dia! **eu furei o pneu** chegando em coroa e custei a subir 2 lugares na cava amarela e ainda assim chegamos em sjdr cedo... hahahaha*

<<http://www.4x4brasil.com.br/forum/showthread.php?t=45765&page=761>>

Pelos exemplos que vimos apresentando, as ocorrências da CAC-posse alienável parecem estar circunscritas a um campo semântico específico: o de veículos. Quase todos nossos exemplos (com exceção daqueles que versam sobre a quebra de salto do sapato) envolvem danos em carros, motos, bicicletas, etc. Contudo, essa restrição de campo semântico pode ser consequência do tipo de busca – que, no *google*, tende a ser direcionada: encontramos o que buscamos –, não refletindo, necessariamente, uma característica da construção.

Voltando à frequência de ocorrência da CAC, comparando a CAC-posse alienável com os dois outros subtipos previamente caracterizados, percebemos que sua ocorrência é menos frequente e mais restrita. Acreditamos que essa baixa frequência da CAC-posse alienável também reflete a tendência geral de se evitar sentenças ambíguas. Sendo uma estrutura com SN-humano

na posição de sujeito e SN-artefato na posição de objeto de um verbo que pode, e muito normalmente é, usado em acepção causativa, a CAC-posses alienável está numa relação de ambiguidade construcional com a construção transitiva canônica. De fato, apesar de (254) expressar claramente, em nossos dados, um evento ergativo, um enunciado semelhante como (255) remete prototicamente a uma cena causativa:

(254) *Gisele Bünchen quebrou o salto.*

(255) *Maria quebrou o celular.*

Na verdade, é difícil pensar numa situação em que (255) pudesse ser usada ergativamente. O mais natural, sendo essa a interpretação pretendida, é mesmo a Ergativa Canônica (256).

(256) *O celular de Maria quebrou.*

Isso reafirma a impossibilidade de tratar o padrão sintático da CAC como resultado de um mecanismo transformacional de alçamento do possuidor (*possessor raising*). Não obstante as semelhanças formais e as supostas alternâncias, as generalizações obtidas através da análise de instanciações da CAC podem dar conta de sentenças como (257-259), mas não podem ser naturalmente estendidas para outras como (260-262).

(257) *O salto do sapato da Gisele quebrou.*

(258) *O sapato da Gisele quebrou o salto.*

(259) *Gisele quebrou o salto.*

(260) *O visor do celular da Maria quebrou.*

(261) *O celular da Maria quebrou o visor.*

(262) *Maria quebrou o visor (do celular).*

Por conta dessa ambiguidade construcional com uma construção tão básica como a transitiva canônica, a CAC-posses alienável é, algumas vezes, difícil de ser identificada. Diante de um enunciado como (263), podemos questionar: é uma instanciação da CAC?

(263) *Pior para o brasileiro, **que quebrou a asa dianteira** e teve de retornar para reparar o carro na passagem seguinte.* (www.jatitudo.com.br/?pg=noticia&id=211)

Certamente, o piloto não quebrou intencionalmente a asa dianteira do seu carro e, além disso, ele foi provavelmente o mais prejudicado pelo dano. Mas como saber se, ao escolher esse padrão sintático, o usuário não tinha a intenção de mostrar, através de uma construção causativa, que, na sua opinião, o piloto teve alguma responsabilidade em relação ao acontecimento? Por outro lado, como garantir que o usuário não pretendia apenas expressar o dano sofrido pelo carro, e conseqüentemente pelo piloto, usando uma construção de tópico como a CAC? Em alguns casos, o entorno lingüístico da construção desfaz a ambigüidade, como em (264), onde o uso da ergativa canônica na primeira sentença deixa claro que a sentença destacada é uma instanciação da CAC e não de uma transitiva básica.

(264) ***O carro do rubinho só quebrava se ele estivesse a frente do Schumacher estranho não??** Pode ver que esse ano **o rubinho não quebrou o carro** nem uma vez só por falta de gasolina e a roda caiu, e ele estava sempre a frente de schumacher conclusão??*

<<http://www.bestlap.com.br/velocidade/viewtopic.php?t=644&sid=4fc922e58ae67bb6ef94ad06fe47dbd2>>

Essa ambiguidade construcional, de todo modo, não enfraquece nossa tese de que a CAC é uma construção de estrutura argumental do PB. Pelo contrário, a constatação de que padrões sintáticos tão semelhantes podem ser associados a sentidos e usos tão diferentes, reforça nossa proposta de análise e reafirma a necessidade de integrar aspectos semânticos, sintáticos e discursivos na descrição e na análise adequada desse instigante fenômeno lingüístico.

5.2.1.4 A CAC-entidade/atributo

O quarto e último subtipo da CAC identificado pela pesquisa é composto por enunciados do seguinte tipo:

(265) *o visor diminui a luminosidade do nada e de forma constante...*

<www.reclameaqui.com.br/.../n-73-nao-vou-ser-enganado-mais-uma-vez/>

(266) *Cartão Unicard não aumenta limite*

<www.reclameaqui.com.br/...unicard/cartao-unicard-nao-aumenta-limite/>

(267) *Ela só melhorou o humor depois que tomou uma água de coco.*

<<http://www.folhavitoria.com.br/site/target=noticia&cid=4&ch=3174c>>

(268) *E para completar a câmera que comprei aumentou o preço, já estou prevendo o que vem pela frente, é um descaso total, uma falta de respeito.*

<www.reclameaqui.com.br/.../submarino-lubridador-nao-envou-o-pedido-e-ainda-coloca-a-cu/>

(269) *A "cantora" mudou o cabelo, o personal stylist e piorou o humor.*

<<http://octetort.blogspot.com/2009/03/f1-ladies-australia-2009.html>>

Nesse caso, a construção envolve uma entidade (*visor, cartão, ela, câmera, cantora*) e um de seus atributos (*luminosidade, limite, humor, preço, humor*, respectivamente), em predicados que expressam mudança em uma escala: aumentar/diminuir; melhorar/piorar.

O termo “entidade” foi escolhido para tentar dar conta do caráter aparentemente universal do SN-sujeito da CAC-entidade/atributo. Nessa versão da CAC não há, como nos dois subtipos anteriormente descritos, uma restrição a verbos que remetem a uma mudança negativa (lembrando que os três subtipos já descritos ocorrem com verbos que evocam o frame de dano sofrido). Na CAC-entidade/atributo, é evocado o frame de mudança escalar; ou seja, seus enunciados expressam uma mudança no posicionamento de um dos atributos de uma dada entidade em uma escala virtual.

(270) *O café subiu o preço.*

(271) *A Marina piorou o humor.*

Assim, os enunciados (270-271) indicam uma mudança no posicionamento dos atributos “preço” e “humor” das entidades “café” e “Marina”, respectivamente. Em (270), temos a mudança de uma posição inferior para uma posição superior, e em (271) verificamos uma mudança em sentido contrário.

Apesar de suas peculiaridades, a sintaxe, a semântica e a pragmática da CAC-entidade/atributo são compatíveis com a sintaxe, a semântica e a pragmática da Construção de Argumento Cindido por nós postulada. Sintaticamente, temos um verbo inacusativo usado transitivamente. Semanticamente, as ocorrências evocam o frame de mudança de estado de um sujeito-paciente. Além disso, a exigência de que exista uma relação de PARTE-TODO entre sujeito e objeto também é atendida, ainda que de uma forma especial. Nesse caso, os atributos de uma entidade são conceptualizados como *partes* dessa entidade – o que é previsto e estudado pela Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF, JOHNSON, 1980). Em relação aos aspectos pragmáticos, o SN-TODO exerce a função de tópico sentencial, como nos outros três subtipos.

Quando as entidades possuem o traço [- humano], o atributo que ocorre com maior frequência nas ocorrências da CAC-entidade-atributo que analisamos é *preço/valor* (272). Contudo, também foram atestadas ocorrências com outros atributos tipicamente escalares, como temperatura (273), velocidade (274) e tamanho (275), por exemplo.

(272) *Na verdade os vendedores querem empurrar os planos mais caros, quando solicita um de baixo custo sempre fazem essa consulta e dizem que não é viável ou **o aparelho aumenta o preço.***

(Reclame Aqui)

(273) **O carro aumentou a temperatura** repentinamente por apresentar uma rachadura na borracha do reservatório de água, problema esse apresentado em todos os modelo .

(Reclame Aqui)

(274) A empresa entrou em contato comigo e explicou que **o camarão diminuiu o tamanho** porque aumentaram a porção.

(Reclame Aqui)

(275) Entraram em contato afirmando que utilizei mais de 1GB, sendo assim **minha internet diminui a velocidade**, mas não resolveram em nada a queda da mesma que ocorre de 5 em 5 minutos!

(Reclame Aqui)

Já com as entidades que apresentam o traço [+ humano], as poucas ocorrências analisadas expressam normalmente uma mudança no estado psicológico e/ou emocional da pessoa, como ilustrado nos exemplos abaixo.

(276) Isto acabou marcando muito. Na verdade **eu melhorei o ânimo** depois de conversar com o Avallone Jr na pista, que veio do enterro do pai para participar da corrida com o carro da Braspress.

<<http://autoracing.virgula.uol.com.br/forum/index.php?showtopic=239>>

(277) A "**cantora**" mudou o cabelo, o personal stylist e **piorou o humor**. Levei um susto danado....

<<http://octetort.blogspot.com/2009/03/f1-ladies-australia-2009.html>>

As ocorrências da CAC-entidade-atributo analisadas são, de modo geral, estruturas simples, com sujeito e objeto definidos.

(278) Deve só andar de Mercedes e pagando a gasolina com o dinheiro suado nosso, pois como **a gasolina subiu o preço** como que lê vai abastecer a Mercedes né?

<http://abrambrasil.org.br/not_20.12_dpvat.html>

(279) Estou indignado com a Samsung, comprei meu aparelho no dia 16/11/2008 no dia 20 começou a dar problema, desligava e eu tinha que ficar ligando novamente, levou na loja e não trocavam mais, pois ja tinha se pasado 48 hras(wal mart), na qual **o apaelho melhorou o problema**

(Reclame Aqui)

(280) *Em geral , o estudante **piora o desempenho** porque tem uma base ruim . Algumas escolas fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem.*

(Folha de São Paulo)

(281) *É fato, pelo menos **a Adventure subiu o preço**. Tavam praticando até estes dias (q eu vi) 53 mil, agora tá quase 54 mil.*

<<http://www.noticiasautomotivas.com.br/site-da-fiat-mostra-que-a-nova-palio-weekend-esta-para-chegar/>>

(282) *Inclusive agora a Telefonica alega que estou pagando esse valor por ter Speedy de 2Megas, só que recebi a carta dizendo que **o meu Speedy aumentou a velocidade** sem aumento de mensalidade.*

(Reclame Aqui)

Nos nossos dados, verificamos, em muitas instanciações da CAC-entidade/atributo, uma preposição acompanhando o SN-atributo.

(283) ***Produto aumentou de preço** e a loja cancelou minha compra pois paguei mais barato.*

(Reclame Aqui)

(284) ***A esfirra diminuiu de tamanho**, diminuiu sua quantidade de recheio e ainda por cima veio toda preta*

(Reclame Aqui)

(285) *O pior é que na cartinha que mandaram dizia que **o seguro tinha diminuído de valor***

(Reclame Aqui)

(286) *Depois que Gullit saiu de campo, **a Escócia melhorou de rendimento** e marcou seu único gol na partida .*

(Folha de São Paulo)

(287) ***A metástase instalada no cérebro aumenta de tamanho** e o tumor passa a comprimir áreas nobres do tecido cerebral , já que a caixa craniana não permite sua expansão para o alto .*

(Folha de São Paulo)

Inclusive, essa estrutura com preposição é bastante frequente. Nos dados oriundos da Folha de São Paulo, as poucas ocorrências da CAC-entidade-atributo são quase que exclusivamente desse tipo. Contudo, como essa formação não foi alvo de buscas sistemáticas – já que partimos do padrão dos outros subtipos, que ocorrem sem preposição –, não podemos avançar na análise da mesma. Até onde pudemos observar, a preposição não acarreta diferença semântica, mas, de todo modo, trata-se uma questão que precisa ser melhor analisada.

5.3 Caracterizando a CAC como uma Construção de Estrutura Argumental

A semente desta tese foi a observação de que uma estrutura bastante recorrente no Português do Brasil escondia, em sua aparente simplicidade, um instigante fenômeno de desencontro sintático-semântico, cujo estudo ainda não havia sido objeto de nenhum trabalho do qual tivéssemos conhecimento. O padrão estrutural identificado demonstrou, logo de início, uma singularidade interessante, qual seja, a de ser uma construção ergativa que apresenta um constituinte em posição – e, pelo menos a princípio, com função – de objeto direto. Este é um fato curioso porque no PB, assim como em várias outras línguas, construções ergativas costumam ser intransitivas. Perini (2005, p. 15), inclusive, define a construção ergativa nos seguintes termos: “Na construção ergativa não há objeto direto e o sujeito é tema”. Em trabalho mais recente, de 2008, Perini propõe uma caracterização formal dessa construção, nos seguintes termos:

Construção ergativa, composta de
(**Sujeito-Paciente**) + **verbo** + **sufixo de PN-Paciente**

(PERINI, 2008, p. 112)

Essa caracterização proposta por Perini é coerente com a grande maioria das construções ergativas do PB, inclusive construções instanciadas com verbos que também aparecem na CAC:

(288) *Se o **óculos quebrou** e a pessoa precisa ler algo até pode fazer isso.*

< www.ribeiraopreto.sp.gov.br/.../116050701ocul.htm>

(289) ***Sandália arrebitou** com menos de dois meses de uso.*

<www.reclameaqui.com.br/.../sandalia-arrebitou-com-menos-de-dois-meses-de-uso/>

A citada formalização de Perini também dá conta da Construção Ergativa Canônica do tipo que compõe nosso grupo de controle, com sujeito complexo, composto por um núcleo e um adjunto adnominal:

(290) ***A alça do óculos quebrou** quero trocar a loja falou q preciso ter a garantia*

<reclameaqui.com.br/181076/fabrica-dos.../oculos-da-triton-d-ma-qualidade-a-alca-do-oculos-quebr...>

(291) ***Meu braço quebrou** e ficou igual a uma letra S.*

<<http://mdemulher.abril.com.br/carreira-emprego/reportagem/comportamento/motogirl-famosa-brasil-511790.shtml>>

Entretanto, a definição e a formalização que Perini (2005; 2008) propõe para a construção ergativa parecem inadequadas – ou, pelo menos, insuficientes – para as sentenças abaixo, que são instanciações da CAC:

(292) *Após 20 dias de uso, **óculos quebrou a armação** sem qualquer ocorrência*

<www.reclameaqui.com.br/156614/triton/troca-oculos/>

(293) *ele agitara os braços e tombara da calçada alta: - **Eu podia ter quebrado o braço.** Uma altura dessa!*

(Corpus do Português)

Considerando o princípio básico de que a construção ergativa é aquela em que o sujeito é paciente, devemos reconhecer que a CAC é uma construção ergativa. Observando os exemplos dados, também devemos reconhecer que as sentenças em (290, 291) são possíveis paráfrases daquela em (292, 293). Diante dessas constatações, como explicar a existência de duas configurações sintáticas tão distintas para expressar o mesmo conteúdo semântico?

Para visualizar mais claramente a questão, comparemos, por exemplo, as duas sentenças abaixo:

(294) *O carro furou o pneu.*

(295) *O pneu do carro furou.*

Qualquer falante do PB reconhece nos dois enunciados acima o mesmo conteúdo semântico, apesar da diferente estruturação e da provável distinção pragmática. Como vemos, a sentença (275), não obstante o único argumento semântico do verbo *furar*, apresenta dois argumentos sintáticos, que, tradicionalmente, seriam classificados como sujeito (*o carro*) e objeto direto (*o pneu*). Assim, o sujeito da CAC corresponde ao elemento que, na Ergativa Canônica, é expresso como um adjunto adnominal; e o que seria o núcleo do sujeito da Ergativa Canônica aparece, na CAC, em posição de objeto direto. Do ponto de vista semântico, o sujeito da CAC representa o TODO da entidade afetada e seu objeto corresponde a uma PARTE específica dessa entidade.

Assumindo que as Construções de Estrutura Argumental (CEA) associam-se diretamente às estruturas semânticas que refletem as cenas básicas da experiência humana, entendemos que a CAC é uma CEA do Português que associa o padrão sintático SN V SN ao sentido de uma entidade, sem controle sobre o evento, sendo afetada – na maior parte das vezes, negativamente –

em uma parte e/ou posse específica. Essa é a interpretação geral da CAC e o que a diferencia de construções formalmente semelhantes, como vimos no capítulo 3.

Portanto, o que se verifica na CAC é a cisão do único argumento semântico do verbo ergativo – Paciente/Entidade Afetada – em dois constituintes sintáticos, que podem ser assim subespecificados: *O carro* (Suj.Pac.Todo) *furou o pneu* (Obj.Pac.Parte) .

Apesar dessa possibilidade de subespecificação, o reconhecimento de que a CAC remete à cena conceptual de uma entidade sendo afetada justifica a análise de desencontro sintático-semântico. Isso porque não seria razoável concluir que (294) e (295) apresentam um número diferente de argumentos semânticos, já que a cena conceptual descrita é a mesma.

Constatadas a diferença sintática e a equivalência semântica, entre a CAC e a Ergativa Canônica, nossa investigação alcança as motivações pragmáticas da CAC.

5.3.1 A CAC como uma Construção de Tópico no Português do Brasil

No segundo capítulo (seção 2.1.3), afirmamos que, no modelo construcionista da estrutura argumental, a interpretação geral de uma sentença é atribuída à integração da Construção de Estrutura Argumental (CEA) com o verbo principal e seus vários argumentos, **à luz do contexto pragmático no qual a sentença é proferida** (GOLDBERG, 2006, grifo nosso). Afirmamos também que são previstas quatro possíveis situações nesse processo de integração: (i) a combinação perfeita entre os argumentos da construção e os argumentos do verbo; (ii) a expressão, na forma de adjunto, de um elemento que não é argumento da construção e nem argumento perfilado do verbo; (iii) a expressão, na forma de adjunto, de um argumento perfilado do verbo; (iv) o aumento da valência verbal para se adequar à estrutura argumental da construção.

No texto introdutório desta seção, descrevemos a CAC como uma CEA do Português que associa o padrão sintático SN V SN ao sentido de uma entidade, sem controle sobre o evento, sendo afetada – na maior parte das vezes, negativamente – em uma parte e/ou posse específica. Tal generalização é resultado da análise dos quatro membros da família da CAC identificados nesta pesquisa. Em outras palavras, a CAC-artefato, a CAC-parte do corpo, a CAC-posse alienável e a CAC-entidade/atributo são, com suas respectivas particularidades, subtipos dessa Construção de Estrutura Argumental do Português, que licencia dois papéis argumentais: TODO-afetado e PARTE-afetada.

Por outro lado, vimos que os verbos principais da CAC, no sentido que evocam na CAC, são verbos inacusativos, ocorrendo prototipicamente em estruturas intransitivas. Esses verbos selecionam um único argumento sintático – o sujeito – e um único argumento semântico – o paciente.

O que observamos na CAC é, portanto, uma situação que corresponde à quarta possibilidade prevista por Goldberg (2006) na integração das Construções de Estrutura Argumental com seus verbos principais: a valência verbal é aumentada para se adequar à estrutura argumental da construção. A questão que se coloca, entretanto, é: se a língua já dispõe da Construção Ergativa Canônica para expressar o mesmo conteúdo semântico, o que motiva o uso da CAC?

Acabamos de afirmar que os verbos principais da CAC são verbos que, usados em acepção ergativa – como são na CAC – possuem apenas um elemento de frame obrigatoriamente expresso: a **Entidade Afetada**. Ocorre que, quando esta entidade afetada é instanciada por um SN complexo no qual se observa uma relação do tipo PARTE/TODO, cria-se uma situação interessante. A alternativa que a língua oferece de imediato para a construção de SNs desse tipo

é a expressão do TODO na forma de um adjunto adnominal: *o pé do motorista*; *o visor do celular*, *o preço do café*.

Assim, quando SNs desse tipo ocupam a posição de sujeito de verbos inacusativos, são construídas Ergativas Canônicas como as das sentenças abaixo:

(296) *O pé do motorista quebrou.*

(297) *O visor do celular trincou.*

(298) *O preço do café subiu.*

Contudo, considerando o Princípio de Correspondência, como proposto por Goldberg (1995, 2006), essa opção pode, dependendo de aspectos pragmático-discursivos, gerar uma espécie de mismatch semântico-discursivo. Isso porque a intuição por trás do Princípio de Correspondência é que a semântica lexical e a pragmática discursiva estão, em geral, alinhadas. Ou seja, os participantes que são altamente relevantes para o sentido do verbo (*the profiled participant roles*) são provavelmente os mesmos que são relevantes ou importantes para o discurso, tendo em vista que aquele verbo particular foi escolhido dentre outras alternativas lexicais. Ocorre que aos papéis realizados como sujeito e objeto é atribuído um alto grau de proeminência discursiva, de modo que eles, normalmente, serão ou tópico ou foco no discurso. Mas isso não acontece em (296-298), onde o núcleo do SN-sujeito (*pé*; *visor*; *preço*) não corresponde, via de regra, ao elemento discursivo principal, que, nesses casos, tende a ser o TODO: *motorista*, *celular*, *café*.

É aí que, segundo nossa análise, entra a motivação da CAC. A CAC se apresenta para o usuário como uma possibilidade de expressar um dano que afeta diretamente uma entidade e,

indiretamente, o TODO ao qual essa entidade está intrinsecamente ligada. Com isso, diante da estrutura argumental da CAC – que apresenta duas lacunas –, o falante desmembra o SN complexo que realiza o EF Entidade Afetada, de modo a preencher essas duas lacunas da construção. Essa configuração da CAC atende ao Princípio da Correspondência, alinhando a semântica lexical e a pragmática discursiva: o SN-TODO ocupa a posição de sujeito da construção, exercendo a função de tópico sentencial.

Adotamos neste trabalho a definição de tópico apresentada em Lambrecht (1994): “the topic of a sentence is the thing which the proposition expressed by the sentence is about” (p. 118). Lambrecht reconhece a relação dessa definição com a noção de sujeito, mas enfatiza que o tópico de uma sentença não será necessariamente seu sujeito gramatical, e que os sujeitos gramaticais das sentenças não serão necessariamente tópicos.

A proposta de Lambrecht é que, para saber se um SN-sujeito é tópico, é preciso saber se a proposição expressa pela sentença pode ser interpretada como sendo SOBRE esse SN; em outras palavras, se a proposição pode ser considerada *informação relevante* sobre tal SN. Assim, uma das estratégias sugeridas por Lambrecht é verificar se a sentença responde adequadamente à questão: “o que aconteceu com ___^{SN}?”. Para fins de ilustração, consideremos a adequação da CAC para responder às questões estipuladas em (299-300).

(299) (O que aconteceu com o Papa?) ***O papa quebrou o fêmur ao escorregar em seu banheiro anteontem.***

(Folha de São Paulo)

(300) (O que aconteceu com o relógio?) ***Após um ano e um mês de uso o relógio arreventou a pulseira e começou a dar um defeito no display de cristal liquido.***

(Reclame Aqui)

Como vemos, a CAC parece responder adequadamente às perguntas formuladas em (299-300). Inclusive, parecem ser respostas melhores do que as Ergativas Canônicas:

(301)(O que aconteceu com o Papa?) *O fêmur do papa quebrou quando ele escorregou em seu banheiro anteontem.*

(Folha de São Paulo)

(302) (O que aconteceu com o relógio?) *Após um ano e um mês de uso a pulseira do relógio arrebentou e (ele) começou a dar um defeito no display de cristal liquido.*

(Reclame Aqui)

Assim, assumindo que a estrutura informacional é um componente da gramática que atua de modo determinante na estruturação formal das sentenças, acreditamos que a Construção de Argumento Cindido é uma construção pragmaticamente motivada. Em outras palavras, entendemos que a diferença formal entre (299) e (301) deve-se à necessidade pragmática de evidenciar a função discursiva de tópico do SN-TODO, nesse caso, *o Papa*.

Essa análise da CAC como uma construção de tópico ajuda, por exemplo, a explicar a não-ocorrência de Ergativas Canônicas-parte do corpo em nossos dados. Isso ocorre porque, normalmente, falamos SOBRE pessoas – *sobre o jogador Tupãzinho, sobre o piloto italiano, sobre a mulher do FHC* (303-305). Por isso, a expressão de danos físicos sofridos por pessoas é feita preferencialmente com a CAC. A posição de sujeito é muito mais coerente com a função de tópico do que a posição de adjunto adnominal.

(303)*Tupãzinho , 25 , torceu o joelho ao levar uma entrada violenta de um jogador*

(Folha de São Paulo)

(304) *O piloto italiano Andrea_Montermini fraturou os pés no acidente de ontem .*

(Folha de São Paulo)

(305) *Mulher de FHC quebra pulso; casal antecipa volta a Brasília.*

(Folha de São Paulo)

Como a posição de sujeito é mais coerente com a função de tópico, a Ergativa Canônica, muitas vezes, nem chega a ser uma opção, pois coloca um potencial tópico da sentença na posição de adjunto adnominal. Ou seja, a Ergativa Canônica é um padrão sintático que dificulta a interpretação do SN-*Todo* (nesse caso, a *pessoa*) como tópico da sentença; a CAC, por sua vez, favorece essa interpretação.

Da mesma forma, essa proposta de análise é condizente com a equilibrada alternância observada em relação à CAC-artefato. O sujeito dessa construção é um objeto, um artefato, que não exerce tão marcadamente quanto *'pessoa'* o papel discursivo de tópico. É muito mais comum o fato de que um enunciado envolvendo um dano em um artefato tenha a intenção comunicativa de simplesmente reportar um evento, e não a de oferecer informação relevante sobre um sapato ou uma cadeira, por exemplo. Por isso, nesses casos, a Ergativa Canônica é uma opção de fato. E é exatamente o fato do usuário ter essa opção que torna mais rica e reveladora a análise da CAC-artefato. Como há alternância, podemos fazer comparações e identificar condições de uso impossíveis de serem verificadas na CAC-parte do corpo.

Comparando os dois usos, podemos, por exemplo, verificar que a realização anafórica do SN-TODO é muito mais comum na CAC do que na Ergativa Canônica. Isso reforça a interpretação de tópico desse SN. Como observa Lambrecht (1994), é muito comum que um referente que é tópico no nível do discurso apareça primeiramente em uma expressão de foco para, em uma sentença subsequente, aparecer como tópico sentencial. Nossos dados confirmam: esse é um padrão de ocorrência muito frequente com a CAC.

(306) *Comprei **um tênis DMX 10** exatamente no dia 05/05/2004, achando que estava fazendo aquisição de um excelente produto para satisfazer minhas expectativas. Não o utilizo para atividades físicas de alto desempenho, mas este começou a rasgar o revestimento interno no local do calcanhar.*

(Reclame Aqui)

(307) *Comprei **um aparelho Motorola** i850 ha alguns meses atras e **o mesmo** quebrou o flexcable.*

(Reclame Aqui)

(308) *Comprei **uma bicicleta** no Carrefour semana passada e **a mesma** quando sai da loja arrebentou o guidom a 30 metros que eu andava sobre ela.*

(Reclame Aqui)

(309) *ganhei **um sapato** de presente em janeiro e **ele** arrebentou a correia 4 vezes*

(Reclame Aqui)

Outra evidência a favor da análise aqui proposta é a maior ocorrência da Ergativa Canônica para descrever eventos que envolvem *parte* e *subparte* de artefatos (seção 5.2), de modo que a CAC é preferida quando a relação é entre *parte* e *todo*. Tal condição é facilmente explicada pelo fato de que *carro*, *ventilador* e *geladeira*, por exemplo, são melhores candidatos à tópico do que *farol*, *pá* e *gaveta*, respectivamente.

(310) *Com a pancada **o suporte do farol de milha quebrou**. O farol ficou intacto, apenas o suporte quebrou.*

(Reclame Aqui)

(311) *Prezados amigos, adquiri um ventilador Spirit e **a pá da hélice quebrou**, ja tentei em diversas assistências técnicas e nenhuma tem a pá da hélice.*

(Reclame Aqui)

(312) ***A tampa da gaveta de verduras já quebrou duas vezes. E eu garanto que não colocamos Mas ela quebrou novamente e nao tive paciencia***

(Reclame Aqui)

Concentramos nossas observações acerca dos aspectos pragmáticos da construção nos dois subtipos mais representativos no nosso banco de dados: a CAC-artefato e a CAC-parte do corpo. Fizemos isso pelo número relativamente pequeno de ocorrências dos outros dois subtipos

disponível para análise. Acreditamos, contudo, que, em linhas gerais, seria possível estender as observações feitas até aqui para a CAC-posse alienável e para a CAC-entidade/atributo. Vimos que a CAC-posse alienável, por exemplo, só é licenciada em condições bastante específicas (ver discussão na subseção 5.2.3). Apesar disso, tudo indica que, nos casos em que a interpretação ergativa é assegurada, o estatuto de tópico que a CAC confere ao SN-possuidor torna essa construção uma opção pragmaticamente mais interessante. Afinal, *Rubinho* e *Gisele* são melhores candidatos a tópico sentencial – e discursivo – do que *seu carro* ou *seu sapato*, respectivamente. Neste momento, contudo, os dados reunidos não autorizam comparações ou afirmações categóricas acerca das condições de uso da CAC-posse alienável ou da CAC-entidade/atributo.

De todo modo, o levantamento e análise dos aspectos formais, semânticos e pragmáticos da CAC feitos até aqui fundamentam a conclusão de que esta é uma construção de tópico do Português, com uma estrutura sintática e semântica bem definida.

Objetivando, pois, oferecer uma descrição formal da estrutura da CAC em todos os seus aspectos, apresentamos, a seguir, a nossa proposta de formalização dessa Construção, nos termos da SBCG.

5.4 A Formalização da CAC

Na subseção 2.1.7, introduzimos algumas noções elementares da *Sign-Based Construction Grammar*, a extensão formal da Gramática das Construções. Em plena fase de sedimentação dos seus princípios e mecanismos básicos, a SBCG começa a enfrentar o desafio de ser aplicada, por diferentes pesquisadores, na análise e descrição de fenômenos lingüísticos diversos, em outras línguas que não o inglês. É o grande desafio dos modelos formais de descrição gramatical; é o momento em que se evidenciam as limitações e os equívocos. O desafio não se coloca, entretanto, apenas para a teoria em si; este é também o momento em que se testa a habilidade do linguista na adaptação de um modelo teórico-metodológico ainda em desenvolvimento a uma realidade lingüística diferente daquela a partir da qual o modelo foi desenvolvido.

Assumindo, portanto, os riscos inerentes aos pioneirismos de toda espécie, apresentamos, nesta seção, a nossa proposta de formalização da Construção de Argumento Cindido no Português do Brasil, utilizando o instrumental já desenvolvido pela SBCG, com as adaptações julgadas necessárias.

A estrutura sintática da CAC reflete o padrão básico de formação de sentenças no Português: sujeito, verbo, objeto – S V O. Na proposta da SBCG, duas construções sintagmáticas estarão envolvidas no licenciamento de uma sentença com essa estrutura: a Construção de Sujeito-Predicado (descrita na subseção 2.1.7) e a Construção de Complemento do Núcleo do Predicado (ver SAG, 2010, p. 84). Nessa perspectiva, não precisamos de uma construção sintagmática específica para licenciar o padrão da CAC, assim como não precisamos de duas construções sintagmáticas diferentes para licenciar, por exemplo (313) e (314); ambas são formadas a partir da mesma Construção de Sujeito-Predicado. A diferença, que de fato existe,

entre essas duas sentenças (uma é causativa e a outra é ergativa) se deve ao tipo de verbo com a qual a Construção de Sujeito-Predicado foi combinada em cada um dos casos.

(313) *Felipe correu.*

(314) *Felipe morreu.*

De fato, *correr* e *morrer* são gerados a partir de diferentes construções de classe lexical – a que licencia verbos inergativos e a que licencia verbos inacusativos, respectivamente.

Da mesma forma, entendemos que, no caso da CAC, também precisamos de uma construção de classe lexical que licencie os verbos que nela ocorrem, lembrando que tais verbos possuem características peculiares, e seus argumentos são submetidos a específicas condições semântico-pragmáticas.

Considerando o exposto, descrevemos na matriz (6), a nossa proposta de formalização da construção de classe lexical – *verbo de argumento cindido-lexema (vac-lex)* – que licencia os verbos da CAC:

$$\text{vac-lex} \Rightarrow \left[\begin{array}{l} \text{SYN} \left[\begin{array}{l} \text{CAT} \left[\begin{array}{l} \textit{verbo} \\ \textit{FV} \quad \textit{fin} \end{array} \right] \\ \text{VAL} \langle \textit{SN}_i, \textit{SN}_j \rangle \end{array} \right] \\ \text{SEM} \left[\begin{array}{l} \text{INDEX} \quad \textit{s} \\ \text{FRAMES} \left\langle \left[\begin{array}{l} \textit{fr-mud-est} \\ \textit{PAC} \\ \textit{SIT} \end{array} \right] \quad \begin{array}{l} \textit{i} \\ \textit{s} \end{array} \right\rangle, \left[\begin{array}{l} \textit{fr-const.ent} \\ \textit{TODO} \\ \textit{PARTE} \end{array} \right] \quad \begin{array}{l} \textit{i} \\ \textit{j} \end{array} \right\rangle \end{array} \right] \\ \text{CTXT} \left[\textit{EST- INF} \left[\textit{TOP} \quad \textit{i} \right] \right] \end{array} \right]$$

Matriz 12: Verbo de Argumento Cindido-lexema

Ao propormos tal representação, procuramos contemplar os seguintes fatos a respeito dessa construção:

- trata-se de uma construção de classe lexical, que licencia o conjunto de verbos que ocorrem na CAC;
- diferentemente dos verbos transitivos comuns, os verbos da CAC têm como primeiro argumento um sujeito-paciente;
- dois frames dão conta das restrições semânticas da construção: o *frame de mudança de estado*, assegura que o sujeito será paciente; o *frame de constituição da entidade* estabelece a relação PARTE-TODO entre os dois argumentos do verbo;
- existe uma relação de PARTE-TODO entre o sujeito e o objeto da CAC; a unificação dos índices assegura que o sujeito corresponderá ao participante TODO do frame de constituição da entidade e o objeto corresponderá ao participante PARTE;
- o sujeito da CAC, que é também o participante TODO do frame de constituição da entidade, exercerá a função de tópico sentencial, como indicado no traço EST-INF do traço CTXT.

6 CONCLUSÃO

A análise da CAC como uma construção de tópico não é exatamente uma novidade. Vimos que isso já é sugerido em Pontes (1987), e aceito por Cançado (2006) e Perini (2008). Entretanto, nenhum desses autores trabalha especificamente com a CAC. Nesses estudos, a CAC aparece como um elemento de um grande conjunto de construções de tópico do PB. Desse modo, faltava um estudo específico, que lhe garantisse uma descrição adequada, desse conta de suas especificidades sintático-semânticas e analisasse suas condições de uso. Esta é, pois, a lacuna que acreditamos ter preenchido.

Os constructos teóricos da Gramática das Construções permitiram-nos abordar esse fenômeno linguístico de um modo, ao mesmo tempo, abrangente e coeso. Com o olhar filtrado pelas lentes de tais constructos teóricos logramos reconhecer nesse par forma-sentido – absolutamente regular no Português do Brasil – uma Construção de Estrutura Argumental, pragmaticamente motivada, na qual é possível identificar um desencontro sintático-semântico.

Um aspecto relevante da abordagem aqui proposta é o fato de termos voltado nosso olhar para a materialização do fenômeno lingüístico, buscando aliar a introspecção do linguista, inegavelmente valiosa, ao dado de uso, que – apesar de ser apenas a *ponta do iceberg* – é o que o linguista tem de concreto. Em um momento em que as grandes vertentes de estudos da linguagem parecem convergir para o reconhecimento de que análises de fenômenos lingüísticos devem considerar fatos sobre o uso lingüístico efetivo, apresentamos uma análise construída a partir de dados reais de uso do Português do Brasil.

Superada a dificuldade de reunir dados em número expressivo, a conciliação dos pressupostos teóricos assumidos, das hipóteses previamente construídas e dos dados da realidade

da língua em uso não se deu sem grandes confrontos. Em muitos momentos, fomos obrigados a aprofundar nosso embasamento teórico, reformular algumas de nossas hipóteses e lembrar que os dados são como são e não como gostaríamos que fossem. Ao longo do processo de análise, fomos surpreendidos pela produtividade da construção e pela regularidade com que ocorre em determinados contextos de uso. Partindo de um tipo de ocorrência, descobrimos quatro membros de uma família de construções. E, na medida em que o estudo avançava, fomos acumulando evidências de sua motivação pragmática. A análise apresentada foi, pois, resultado de um rico e significativo processo de construção de conhecimento acerca de um conjunto de construções do Português, que se encontrava em grande medida encoberto pelos estudos de descrição da nossa língua.

A construção aqui rotulada CAC-artefato, por exemplo, é citada em vários estudos (PONTES, 1987; CANÇADO, 2006; CIRÍACO, 2007; PERINI, 2008) – normalmente com o famoso exemplo “*O carro furou o pneu*” – como uma construção que mereceria uma análise específica e uma descrição rigorosa, dado seu uso profuso e sua curiosa estrutura sintático-semântica, evidente já ao primeiro olhar mais atento. Da mesma forma, surpreendeu-nos o fato de a construção CAC-parte do corpo, que é, como comprovou nossa pesquisa, a estrutura prototípica do Português para expressão de dano sofrido em parte do corpo, carecer ainda de um estudo descritivo e analítico que elencasse suas características formais e evidenciasse suas condições de uso.

O preenchimento dessas duas lacunas já configuraria uma significativa contribuição para o trabalho, assumido por centenas de lingüistas das mais diversas áreas, de descrição do Português do Brasil. Contudo, esta tese vai além. Ao identificar a relação entre essas duas construções, argumentando que ocorrências como *Maria quebrou o braço* e *O carro furou o pneu*

são, de fato, instâncias de uma mesma construção – a Construção de Argumento Cindido, que conta ainda com outros dois subtipos, com ocorrências do tipo *Rubinho quebrou o carro* e *A gasolina subiu o preço* –, esta tese fortalece a hipótese cognitivista de que a gramática é uma rede de construções, e que precisa ser descrita e analisada como tal.

De fato, acreditamos ter demonstrado ser viável – e absolutamente válido – realizar um estudo baseado no uso, que não se esgota em análises quantitativas. Conscientes de que este trabalho não se encaixa no que é tipicamente rotulado “Linguística de *Corpus*”, entendemos que ele se apresenta exatamente como uma proposta alternativa de abordagem, condizente com a chamada Gramática das Construções Baseada no Uso (seção 4.1), vertente ainda muito pouco explorada em trabalhos realizados no Brasil, com dados do Português.

Como mencionado ao longo do texto, um dos pressupostos da Gramática das Construções é a idéia de que as regras de composição sintática estão diretamente associadas a condições de interpretação e de uso, na forma de traços semânticos e pragmáticos (KAY; MICHAELIS, 2008). Por essa razão, entendemos que nosso estudo avançou também no sentido de apresentar uma proposta de formalização da construção que licencia o conjunto de verbos principais dessa Família de Construção de Argumento Cindido, reunindo os diferentes traços envolvidos na constituição do signo. Nessa perspectiva, oferecemos uma formalização, nos termos da *Sign-Based Construction Grammar* (SAG, 2010; MICHAELIS, 2009), capaz de dar conta dos principais aspectos envolvidos no licenciamento dessa construção de estrutura argumental do Português do Brasil.

Salomão (2008) afirma que “análises emergentistas (baseadas-no-uso e/ou focadas no estudo da gramaticalização das formas linguísticas) devem estar também comprometidas com o emprego de uma metalinguagem replicável e com a postulação de categorias teóricas

consistentes”. Tal comprometimento foi estabelecido como um requisito imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho. Ao considerar o produto final de um desafiador processo de pesquisa, acreditamos ter atendido esse requisito.

Tendo em vista os objetivos anunciados em nosso texto introdutório e o percurso analítico percorrido, os principais ganhos desta tese podem ser assim elencados:

- Identificação da Construção de Argumento Cindido como uma Construção de Estrutura Argumental do PB, comprovação de sua frequência e regularidade, e descrição de seus aspectos sintáticos, semânticos e discursivos;
- Postulação da Família de Construções de Argumento Cindido, com quatro subtipos – CAC-artefato, CAC-parte do corpo, CAC-posse alienável, CAC-item-propriedade –, caracterizando uma bem estruturada rede de construções do PB;
- Descrição e análise, a partir de dados de uso efetivo da língua, de um representativo conjunto de construções do Português do Brasil, que ainda não havia sido objeto de um estudo a elas dedicado especificamente;
- Reunião de evidências a favor da motivação pragmática da Construção de Argumento Cindido, fundamentando a afirmação de que esta é uma Construção de Tópico do Português do Brasil;
- Postulação de uma Construção de Classe Lexical, licenciando os verbos que ocorrem em todos os subtipos da CAC. Uma solução elegante e econômica, totalmente coerente com os objetivos da SBCG e com os pressupostos da Gramática das Construções.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDDAL, J. Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions. *Berkeley Linguistics Society*, n. 32, 2006.

BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T.; WILLIAMS, M. *Knowing the Social World*. Buckingham, Philadelphia: Open University Press, 1998. p. 138-156.

CANÇADO, M. . *Talking about Agents and Beneficiaries*. In: Rara & Rarissima Conference/Max Planck Institute, 2006, Leipzig. Disponível em: <<http://email.eva.mpg.de/rara2006/abstracts.html>>

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge: M.I.T. Press, 1965

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*, London: Mouton, 1957.

CIRÍACO, L. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

CULICOVER, P.; JACKENDOFF, R. *Simpler Syntax*. Oxford University Press, 2005.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. (2006-) Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>

DE SWART. Aspect shift and coercion. *Natural Language and Linguistic Theory*. n. 16, 1998. p. 347-385.

FAUCONNIER, G. *Introduction to Methods and Generalizations*. Disponível em: <http://cogweb.ucla.edu/Abstracts/Fauconnier_99.html> . Acesso em: 17 dez. 2007.

FILLMORE C.; JOHNSON C.; PETRUCK M. Background to Framenet. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.

FILLMORE, C. J.; KAY, P. *Construction Grammar Coursebook*. Manuscript, University of California at Berkeley Department of linguistics, 1993.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. *Language*, 64(3): 501-538, 1988.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. In The Linguistic Society of Korea. (org) *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, 6, 1985, p. 222-254.

FILLMORE, Charles J. Topics in lexical semantics. In R.W. Cole (org) *Current issues in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1977.

FILLMORE, C. J. The case for case. In *Universals in linguistic theory*, ed. by Emmon Bach & Robert T. Harms. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968, p. 1-88.

FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et all. (coord.) Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet>>.

FRANCIS, E. J.; MICHAELIS, L. Approaches to mismatch: introduction. In Miriam Butt and Tracy Holloway King, eds. *Proceedings of the BFG00 Conference Workshops*. Stanford: CSLI Publications. [online conference proceedings], 2000.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: the nature of generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press. 2006.

GOLDBERG, A. E. Argument realization: the role of constructions, lexical semantics and discourse factors. In: *Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-language dimensions*. Jan-Ola Oostman and Mirjam Fried (eds.). John Benjamins. 2005.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A new theoretical approach to language*. Trends in Cognitive Science, 2003.

GOLDBERG, A. E. Surface Generalizations: an alternative to alternations. *Cognitive Linguistics*, 2002.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRIES, S. Corpus data in usage-based linguistics: What's the right degree of granularity for the analysis of argument structure constructions?. In: Brdar, Mario, Milena Žic Fuchs, and Stefan Th. Gries (eds.). *Expanding cognitive linguistic horizons*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. to appear

GRIES, S.; DIVJAK, D. S. *Quantitative approaches in usage-based cognitive semantics: myths, erroneous assumptions, and a proposal*. In: Glynn, Dylan and Kerstin Fischer (eds.). tba.

GRIES, S.; STEFANOWITSCH, A. Extending colostruational analysis: A corpus-based perspectives on 'alternations'. *International Journal of Corpus Linguistics* 9.1, 2004, p. 97-129.

HARDER, P. *Partial Autonomy. Ontology and methodology in cognitive linguistics*. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=2fG1rO9DX4AC&printsec>>. Acesso em: 14 jan. 2008.

JACKENDOFF, R. *Foundations of language*. New York: Oxford University Press. 2002.

- JACKENDOFF, R. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
- KATO, M.A. Sujeito e tópico: duas categorias em sintaxe? *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (UNICAMP), CAMPINAS, v. 17, p. 109-132, 1989.
- KAY, P.; MICHAELIS, L. Constructional Meaning and Compositionality. In C. Maienborn, K. von Stechow and P. Portner (eds.), *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*. Berlin: Mouton de Gruyter. To appear.
- KAY, P. Argument Structure Constructions and the Argument-Adjunct Distinction. In: *Grammatical Constructions: Back to the Roots* M. Fried and H. Boas (eds.) Amsterdam: Benjamins, 2005.
- KAY, P.; FILLMORE, C. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The *What's X doing Y?* construction. *Language* 75/1: 1-33, 1999.
- KEMMER, S. *Constructional Profiles as the Basis of Semantic Analysis*. Dubrovnik, Croatia. Keynote speaker, Converging and Diverging Trends in Cognitive Linguistics, 2005.
- KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON M. *Metaphors we live by*. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 1980 [2002].
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*. Topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*, vol.I Stanford: Stanford University Press, 1987.
- MICHAELIS, L. A. Sign-Based Construction Grammar. In B. Heine and H. Narrog, (eds.), *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p.155-176.
- MICHAELIS, L. A. Entity and Event Coercion in a Symbolic Theory of Syntax. In J.-O. Oestman and M. Fried, (eds.), *Construction Grammar(s): Cognitive Grounding and Theoretical Extensions*. Constructional Approaches to Language, Volume 3. Amsterdam: Benjamins, 2005, p. 45-87.
- MICHAELIS, L. A. *Type Shifting in Construction Grammar: An Integrated Approach to Aspectual Coercion*. *Cognitive Linguistics* 15: 1-67, 2004.
- MICHAELIS, L. A. Headless Constructions and Coercion by Construction. In E.J. Francis and L.A. Michaelis, (eds.), *Mismatch: Form-Function Incongruity and the Architecture of Grammar*. Stanford: CSLI Publications. p. 259-310, 2003.

- MICHAELIS, L. A.; RUPPENHOFER, J. Valence Creation and the German Applicative: The Inherent Semantics of Linking Patterns. *Journal of Semantics*, 17: 335-395, 2001.
- MICHAELIS, L. A.; LAMBRECHT K. Toward a Construction-Based Model of Language Function: The Case of Nominal Extraposition. *Language* 72:215-247. 1996
- O'CONNOR, M.C. The situated interpretation of possessor raising. In S.Thompson and M. Shibatani (Eds), *Grammatical Constructions: Their Form and Meaning*. Oxford: Oxford University Press. p. 125-156, 1996.
- PERINI, M. A. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.
- PERINI, M. A. Ergativas e médias em português. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 18, n. 16, p. 13-34, 2005.
- PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: Jef Verschueren, Jan-Ola Å-stman, Jan Blommaert, and Chris Bulcaen (eds.). *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- SAG, I. A. Sign-Based Construction Grammar: An informal synopsis. Revised version to appear in H. Boas and I. A. Sag (eds.), *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2010
- SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco_ todas as construções de uma língua. In: Miranda, N. S.; Salomão, M. M. M. (Orgs.). *Construções do Português do Brasil_ da gramática ao discurso*. 01 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 01, p. 33-74, 2009.
- SALOMÃO, M. M. M. A construção modal com dar no Português do Brasil: metáfora, uso e gramática. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, p. 3, 2008.
- SAMPAIO, T. F. *O uso metafórico do léxico da Morte*. Juiz de Fora, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora.
- SARDINHA, T. B. *Lingüística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1916 [2004].
- SHIBATANI, M. On the conceptual framework for voice phenomena. *Linguistics*, 44-2, 2006.
- SIKOS, L.; BROWN, S.; KIM, A.; MICHAELIS, L.; PALMER, M. *Figurative Language: Meaning is often more than just a Sum of the Parts*. Papers from the 2008 AAI Symposium on Biologically Inspired Cognitive Architectures, Menlo Park, CA: AAI Press, 2008.

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. *Collostructions: investigating the interaction between words and constructions*. *International Journal of Corpus Linguistics* 8.2:209-43. 2003.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. vol. 2. Cambridge, MA: The MIT Press. 2000.

TASHAKKORI, A; CRESWELL, J. The New Era of Mixed Methods. *Journal of Mixed Methods Research*. Sage publications. vol. I, n. I, p. 3-6, jan. 2007.

TOMASELLO, M. *Construction Grammar For Kids*. 2006. Disponível em: http://www.constructions-online.de/articles/specvol1/689/index_html

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage based theory of language acquisition*. Cambridge, Mass.and London: Harvard University Press. 2003.

TRAUGOTT, E. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization, *Cognitive Linguistics* 18: 523-557, 2007.

WEBELHUTH, G.. *Sign-based Construction Grammar: an overview and application*. Universidad de Vigo Television, 2009. Disponível em: <<http://arca.rediris.es/items.php?course=Sign-based%20Construction%20Grammar:%20an%20overview%20and%20application>>